

- **BUDISTAS ENTRE AS COLUNAS DO CRAFT:** um estudo sobre a incompatibilidade do buddhadharma e a filosofia maçônica (Souza).
- **ENTRE A TRADIÇÃO E A ESTRATÉGIA:** O Balanced Scorecard como framework de governança para a beneficência maçônica (Valente).
- **LOJAS MAÇÔNICAS DO RIO GRANDE DO SUL FUNDADAS ATÉ O ANO DE 1900:** A maçonaria na construção de parte da história do Brasil (Mendes).
- **OS JÔNICOS E A CIÊNCIA MODERNA** (Benedicto; Shibao).
- **UM PONTO DE LUZ SOBRE O NUBLADO CONHECIMENTO:** O que é maçonaria afinal? (Pereira).
- **MAÇONARIA SEM LÁGRIMAS:** noções de história, esfera pública e de pós-metafísica como balizas neutralizadoras do debate político contemporâneo na Maçonaria (Guimarães).



# C&M

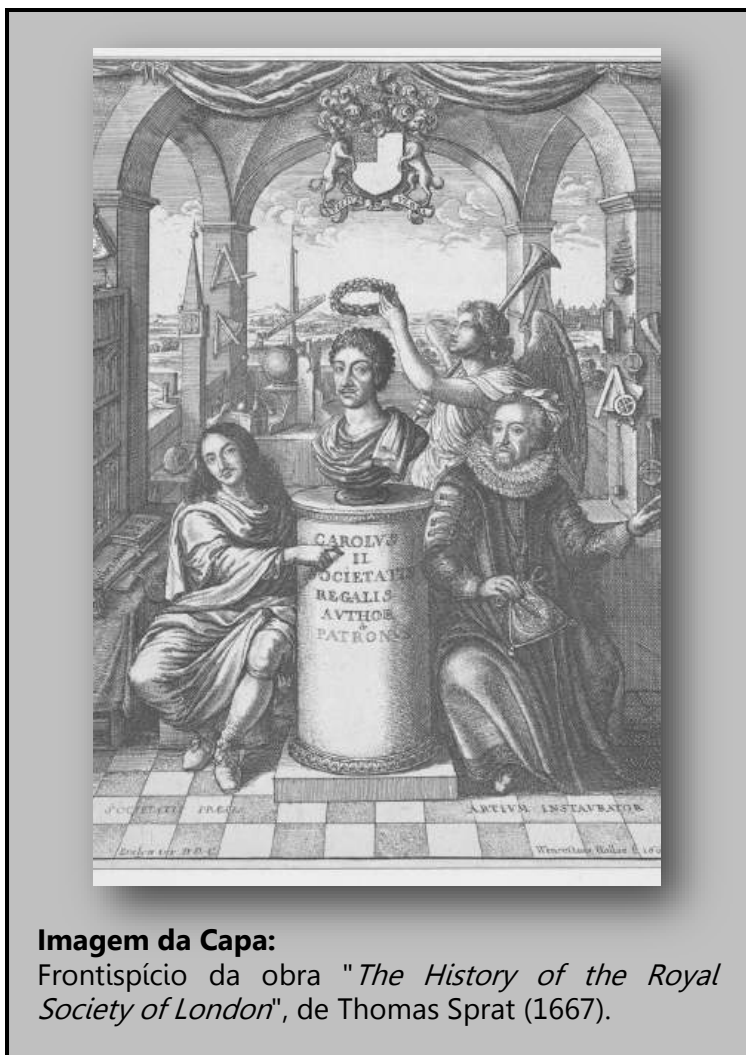


## Revista Ciência & Maçonaria

**"A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria"**

### **Missão:**

Democratizar a produção acadêmico-científica sobre Maçonaria e seu acesso no Brasil.



### **Imagem da Capa:**

Frontispício da obra "*The History of the Royal Society of London*", de Thomas Sprat (1667).

### **Dados Catalográficos:**

ISSN 2318-0129  
Julho a dezembro de 2025  
Volume 12  
Número 01.

### **Periodicidade:**

Semestral

### **Conselho Editorial:**

Kennyo Ismail  
Max Stabile Mendes  
Nihad Faissal Bassis  
Rafhael Guimarães

### **Conselho Científico:**

Vide in website:  
<http://cienciaemaconaria.com.br/index.php/cem/about/editorialTeam>

### **Contatos:**

Editor-Chefe: Kennyo Ismail  
[contato@cienciaemaconaria.com.br](mailto:contato@cienciaemaconaria.com.br)

Suporte Técnico: Nihad Bassis  
[nihadbassis@yahoo.com.br](mailto:nihadbassis@yahoo.com.br)

Portal: [cienciaemaconaria.com.br](http://cienciaemaconaria.com.br)

### **Realização:**

NP3-CEAM-UnB - Núcleo de Estudos e Pesquisa em Políticas Públicas, Governo e Gestão do Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares da Universidade de Brasília.

### **Aviso:**

Os artigos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores e não exprimem, necessariamente, o ponto de vista da Revista Ciência & Maçonaria. Não é necessário solicitar prévia autorização para reproduzir parte do conteúdo publicado nesta revista, desde que sejam devidamente citados o autor e a fonte.

CRB1-079

C&M: Revista Ciência & Maçonaria / NP3-CEAM-UnB – v.12, n.1 (2025)  
Brasília, DF: NP3-CEAM-UnB, 2024.

Semestral  
ISSN 2318-0129

1. Maçonaria – Periódicos. I. NP3-CEAM-UnB (Brasília)

CDD: 060

CDU: 061.236.61



---

"A primeira revista acadêmico-científica brasileira com foco no estudo da Maçonaria"

---

## Sumário

Palavra do Editor .....	5-6
BUDISTAS ENTRE AS COLUNAS DO CRAFT: UM ESTUDO SOBRE A INCOMPATIBILIDADE DO BUDDHADHARMA E A FILOSOFIA MAÇÔNICA (SOUZA) .....	7-14
ENTRE A TRADIÇÃO E A ESTRATÉGIA: O BALANCED SCORECARD COMO FRAMEWORK DE GOVERNANÇA PARA A BENEFICÊNCIA MAÇÔNICA (VALENTE) .....	15-24
LOJAS MAÇÔNICAS DO RIO GRANDE DO SUL FUNDADAS ATÉ O ANO DE 1900: A MAÇONARIA NA CONSTRUÇÃO DE PARTE DA HISTÓRIA DO BRASIL (MENDES) .....	25-32
OS JÔNICOS E A CIÊNCIA MODERNA (BENEDICTO; SHIBAO) .....	33-40
UM PONTO DE LUZ SOBRE O NUBLADO CONHECIMENTO: O QUE É MAÇONARIA AFINAL? (PEREIRA) .....	41-50
MAÇONARIA SEM LÁGRIMAS: NOÇÕES DE HISTÓRIA, ESFERA PÚBLICA E DE PÓS-METAFÍSICA COMO BALIZAS NEUTRALIZADORAS DO DEBATE POLÍTICO CONTEMPORÂNEO NA MAÇONARIA (GUIMARÃES) .....	51-60
SOBRE A REVISTA .....	61





## Palavra do Editor

Prezados leitores,

Seguimos firmes em nosso propósito de promover a produção e a difusão do conhecimento científico sobre este instigante objeto de estudo: a Maçonaria.

Nossa C&M é uma revista multidisciplinar, de acesso livre e gratuito, que ao longo de mais de uma década tem reunido pesquisadores de diferentes áreas e instituições, consolidando-se como espaço legítimo de diálogo acadêmico, reflexão crítica e avanço científico no campo da Maçonaria. Mesmo sem financiamento público ou privado, e sem o fomento de organizações maçônicas nacionais ou internacionais, ela mantém inabalável seu compromisso com a excelência editorial, garantindo aos pesquisadores um canal qualificado para divulgação de seus trabalhos; e aos leitores, o acesso livre ao conhecimento produzido.

Mantendo nossa vocação multidisciplinar, esta edição reúne contribuições que transitam pela História, Filosofia, Teologia, Gestão, Educação e Sociologia.

O artigo de Jocimario Alves Pereira lança luz sobre a compreensão social da Maçonaria, investigando percepções, dúvidas e mitos presentes no imaginário coletivo, e evidenciando a necessidade de maior esclarecimento público acerca de sua natureza, práticas e princípios.

Na interface entre tradição e inovação, o estudo de Samuel Benedicto e Fabio Ytoshi Shibao propõe uma reflexão sobre a integração entre ciência moderna e prática maçônica, explorando o potencial da inteligência artificial e das tecnologias educacionais para fortalecer a formação maçônica sem ruptura com suas bases simbólicas e filosóficas.

Sob a perspectiva histórica, Avelino Alves Mendes apresenta um relevante levantamento sobre as primeiras lojas maçônicas do Rio Grande do Sul até o ano de 1900, evidenciando o papel da Maçonaria na construção social, política e cultural da região e

sua conexão com momentos importantes da história brasileira.

No campo da gestão e governança, Karan Valente analisa a aplicação do Balanced Scorecard em uma organização beneficente maçônica, demonstrando como ferramentas contemporâneas podem ser adaptadas às especificidades culturais da instituição, contribuindo para sua sustentabilidade e ampliação de impacto social.

Já o estudo de Fernando Souza traz uma instigante análise no âmbito da filosofia e das religiões, ao investigar as possíveis incompatibilidades entre o buddhadharma e os princípios fundamentais da Maçonaria, problematizando temas como liberdade religiosa, crença em Deus e os limites da tolerância no contexto maçônico.

E por fim, mas não menos importante, Raphael Guimarães volta às páginas da C&M examinando a complexa relação entre Maçonaria e política por uma perspectiva histórica, filosófica e sociológica.

Em conjunto, os artigos desta edição reafirmam a riqueza e a complexidade da Maçonaria como objeto de pesquisa, evidenciando sua capacidade de dialogar com múltiplas áreas do conhecimento e de se manter relevante frente aos desafios contemporâneos.

Assim, damos as boas-vindas a mais uma edição, celebrando o contínuo crescimento da produção científica na área e agradecendo a todos os autores, avaliadores e leitores que tornam este projeto possível.

Desejamos a todos uma excelente leitura e agradecemos sinceramente por acompanharem o nosso trabalho!

*Kennyo Ismail*  
**Editor-Chefe**



**BUDISTAS ENTRE AS COLUNAS DO CRAFT:**

**Um estudo sobre a incompatibilidade do buddhadharma e a filosofia maçônica**

(BUDDHISTS AMONG THE PILLARS OF CRAFT: A Study on the Incompatibility of Buddhadharma and Masonic Philosophy)

Fernando Souza <sup>1</sup>

**Resumo**

A maçonaria tem como um de seus pilares a liberdade de crença e religião entre seus membros. Entretanto, no âmbito tradicional e dogmático, a crença na existência de um Deus é um dos principais requisitos para que alguém possa ser iniciado na instituição. Dentro do universo das religiões, o budismo, originário da Índia, é definido como sendo “não-teísta”, ou seja, dentro de seu escopo doutrinário não há crença na existência de um “Deus”. Essas contradições levantam questões sobre a possibilidade de superação das incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica, se um budista pode ser maçom e se, realmente, a maçonaria tolera todas as religiões. Partindo desses questionamentos, a pesquisa tem como objetivo analisar se há compatibilidade entre o sistema de crenças do budismo e as bases fundamentais da maçonaria, apresentando como resultado um estudo que fornece subsídios para religiosos e maçons que buscam maiores aprofundamentos sobre a questão.

**Palavras-chaves:** Maçonaria. Budismo. Filosofia. Religião.

**Abstract**

One of the pillars of Freemasonry is freedom of belief and religion among its members. However, in the traditional and dogmatic context, belief in the existence of a God is one of the main requirements for someone to be initiated into the institution. Within the universe of religions, Buddhism, which originated in India, is defined as being “non-theistic”, that is, within its doctrinal scope there is no belief in the existence of a “God”. These contradictions raise questions about the possibility of overcoming the incompatibilities between Buddhist and Masonic philosophies, whether a Buddhist can be a Freemason and whether Freemasonry really tolerates all religions. Based on these questions, the research aims to analyze whether there is compatibility between the Buddhist belief system and the fundamental bases of Freemasonry, presenting as a result a study that provides support for religious people and Freemasons seeking greater depth on the issue.

**Keywords:** Masonry. Buddhism. Philosophy. Religion.

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião da Universidade Federal de Sergipe (PPGCR/UFS); pós-graduado em História das Religiões, Filosofia da Religião, Metodologias Ativas na Docência da Educação e Maçonologia; Graduado em Ciências da Religião. E-mail: [fernandordesouza@yahoo.com](mailto:fernandordesouza@yahoo.com)

## Introdução

A maçonaria é uma instituição iniciática, progressista, evolucionista e filantrópica que tem como objetivo o aprimoramento do ser humano por meio dos ensinamentos contidos em seus símbolos e mistérios. Ao contrário do que circula pelo imaginário popular, a maçonaria não é uma religião, apesar de utilizar em seu arcabouço filosófico e simbólico elementos das religiões, principalmente judaísmo, cristianismo, e das religiões egípcia e grega.

A complexidade do sistema esotérico da instituição permite uma existência plural de diferentes ritos e rituais, ou seja, formas como as cerimônias são executadas durante as reuniões, seguindo as diversas tradições da maçonaria. Nesse sentido, a instituição maçônica dividida de acordo com tradições, costumes e posições geográficas, une-se por meio de seus símbolos e mistérios organizados parcialmente em seus rituais, cada um de acordo com seus ritos.

Em termos de organização administrativa, pode-se tomar como ponto de partida a divisão em dois grandes grupos, chamados "tradicional/dogmático" e "liberal/adogmático". Esses dois ramos são encabeçados referencialmente pela Grande Loja Unida da Inglaterra e Grande Oriente da França, que se afastaram mutuamente ainda no século XVIII como consequência de uma disputa de cunho filosófico, onde por meio do argumento de "livre pensamento" e da "liberdade de crença" os franceses passaram a aceitar ateus nos espaços maçônicos, indo de contra a proibição histórica da instituição. Após a querela, diferentes administrações maçônicas, também chamadas "potências", passaram a se reconhecer de acordo com alinhamentos ideológicos, políticos e filosóficos. Para facilitar o entendimento, os pesquisadores da maçonaria os dividem nos dois supracitados grupos.

Dentro do grupo de potências maçônicas que fazem parte do ramo tradicional da maçonaria há leis e regras em comum que servem de princípios básicos e norteadores para que elas possam reconhecer política e administrativamente umas às outras. Em geral, esses direcionamentos são aqueles já bastante conhecidos e difundidos nos meios maçônicos, por sua importância histórica, como os *landmarks*, as Constituições de Anderson (1723), *Ahiman Rezon* (1756) e as próprias constituições nacionais e regionais das potências maçônicas, que possuem em partes textos fundamentados nas tradições e escritos mais antigos.

Dentre os vários princípios basilares da maçonaria, toma particular destaque a obrigatoriedade da crença em Deus, exigida antes mesmo do ingresso na instituição para aqueles que desejam fazer parte da

maçonaria. Conforme aponta Rodrigues de Souza em seu artigo *La cuestión de lo sagrado en la masonería: Intolerancia, controversias y enfoques*, "a maçonaria em sua vertente tradicional exige daqueles que buscam iniciar em seus augustos mistérios a crença em Deus, independente de filiação religiosa, respeitando a liberdade de pensamento e a expressão de fé de cada indivíduo" (Rodrigues de Souza, 2023, p. 141). Tal requisito parece abarcar as mais diversas expressões religiosas, desde que, evidentemente, Deus faça parte do arcabouço da religião.

Assim sendo, é comum a presença dos mais variados credos dentro das reuniões maçônicas, sendo vedada a discussão de matéria religiosa para evitar a desarmonia no grupo e também o discurso proselitista, tendo em vista que os princípios da organização prezam pela liberdade religiosa e não assumem uma religião como sendo oficial ou a expressão única da verdade.

Em suma, cada maçom é livre para ter sua própria religião, no entanto, é proibido a discussão sobre o assunto durante as reuniões. Diante disso, é comum o argumento de que a maçonaria é tolerante com todas as religiões, mas isso é realmente verdade? Assim como a instituição maçônica é plural, as religiões também gozam desse privilégio, então a maçonaria consegue privilegiar homens religiosos de todas elas? Evidentemente é tarefa impossível realizar uma análise comparativa entre maçonaria e todas as religiões dentro das limitações de um artigo. Dessa forma, a pesquisa é um recorte com foco no arcabouço filosófico do budismo, uma religião indiana que surge no século VI a.e.c., e tem sua fundação atribuída ao príncipe membro do clã dos *Sakyas*, Siddharta Gautama, também conhecido como Buda.

A incompatibilidade entre a filosofia e os ensinamentos do budismo (*buddhadharma*) e a filosofia maçônica se dá em diferentes aspectos, tendo em vista que a maçonaria possui forte influência cristã, bem como da filosofia ocidental e do iluminismo, conforme será apresentado adiante. Tais incompatibilidades, muitas vezes, são ignoradas na *práxis* cotidiana dos procedimentos maçônicos em relação aos movimentos realizados para a recepção e ingresso de novos candidatos na instituição, já que a crença em Deus é um requisito necessário para que a cerimônia seja realizada de maneira exitosa e o budismo é uma religião não-teísta, ou seja, que não trata ou possui "Deus" em seu arcabouço de crenças.

Assim, partindo da noção de incompatibilidade entre budismo e maçonaria, a pesquisa pretende analisar os seguintes questionamentos: É possível su-

perar as incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica? Um budista pode ser maçom? A maçonaria tolera todas as religiões?

### Breve histórico do budismo

O budismo é uma religião que surge a partir da experiência de Siddharta Gautama, conhecido por ser um príncipe,<sup>2</sup> presumivelmente originário de Lumbini, onde hoje é o atual Nepal. A história da sua vida é envolta em diferentes fontes, tradições e mitos. Com base nas literaturas traduzidas para o idioma português, sabe-se que Gautama cresceu dentro dos limites palacianos de seu clã, governado por seu pai, Sudhodana, sendo educado para ser seu sucessor. Há textos que mencionam que, durante a gravidez de Mayadevi, mãe de Siddharta, oráculos afirmaram que o filho que ela esperava seria um grande governante ou um religioso. Assim, durante a juventude, Siddharta Gautama recebeu educação militar e tinha todos os prazeres reais à sua disposição (Kyokai, 2013).

Uma inquietação fez com que, aos 29 anos, Siddharta decidisse sair dos limites palacianos, resultando em seu encontro com quatro visões: um cortejo funerário, um homem doente, um idoso e, por último, um brâmane asceta de semblante sereno. Esses encontros fizeram com que ele abandonasse sua família e seus bens materiais, e fosse ao encontro dos brâmanes ascetas em busca de uma doutrina que o auxiliasse a encontrar a superação do sofrimento e insatisfação que surgiram como resultado da introspecção após as quatro visões. A partir daí, durante 6 anos, ele buscou pelo caminho que o inquietava, estudou, meditou, praticou ascese chegando próximo à morte, mas sem sucesso. Após abandonar as práticas mais extremas, entendeu que o sucesso de sua prática só faria sucesso por uma via média. Foi assim que, após um período de meditação sentado embaixo da árvore *bodhi*, alcançou a iluminação.

Após alcançar o nirvana, Siddharta Gautama passou a ser conhecido como Sakyamuni Buda, ou seja, o Buda (iluminado, aquele que tem a mente esclarecida) do clã dos Sakyas, e passou 45 anos transmitindo sua doutrina (*dharma*) em diversas localidades, juntando seguidores que posteriormente se organizaram na comunidade de monges mendicantes (*sangha*). Seus ensinamentos mais notáveis são "As Quatro Nobres Verdades" e o "Nobre Caminho Óctuplo". No entanto, após sua morte aos 80 anos, a doutrina foi compilada por seus seguidores em textos

conhecidos como *suttas*.

De acordo com Diniz (2010), a expansão da religião, facilitada pelos mercadores da rota da seda, levou os ensinamentos budistas para a China, depois Coreia e Japão, por último ainda chegou ao Tibete. Daí o budismo dividiu-se em dois grandes ramos, *Theravada*, que tem como expoente o budismo tailandês e geralmente associado ao budismo mais próximo àquele da época de Buda, e *Mahayana*, dos budismos do leste Asiático (Harvey, 2019).

Dentro do *Mahayana* a doutrina budista desenvolveu-se por onde se estabeleceu. Assim, os ensinamentos que se dedicavam a uma práxis focada na superação da insatisfação e sofrimento humano, por meio da meditação e práticas de fala, pensamento, ação, etc., agora também continham aspectos vinculados à devoção, fé, acúmulos de méritos por práticas de mantras. Além disso, houve um desenvolvimento maior no que diz respeito à ontologia. É nesse contexto que surgem as discussões sobre *sunyata* (*vacuidade*), ou seja, a noção da superação do eu e do não-eu.

Cada escola budista vai manter o cerne dos ensinamentos de Buda como centro de seu arcabouço filosófico e religioso. Entretanto, desenvolvimentos surgiram acompanhados do surgimento de novos sutras, traduções de textos antigos, debates de monges e mestres. Com consequência, ocorreu o desenvolvimento da doutrina de Buda durante um período de mais de 1500 anos.

### Breve histórico da maçonaria nas Ilhas Britânicas

A maçonaria tem suas origens de maneira complexa, de modo que ainda não é possível apontar com exatidão quando ela surgiu. Contudo, entende-se que a instituição é herdeira das antigas guildas de pedreiros da Idade Média.

Após a invasão do Império Romano ao território das Ilhas Britânicas, o modelo de organização dos artesãos e pedreiros de Roma também foi levado para aquela localidade. Eles eram responsáveis pelas construções das igrejas, pontes, muralhas e demais necessidades da construção civil, de acordo com a necessidade do Império ou da Igreja. Naquele contexto, a maçonaria estava bem próxima da Igreja Católica Romana e as evidências apontam para relações amistosas entre ambas as instituições, como aponta a Carta de Bolonha (1248), que registra a presença de dois monges católicos fazendo parte da lista de ma-

<sup>2</sup> Apesar de as biografias tradicionais o mencionarem como príncipe, Gombrich (1988) afirma que o governo regido pela família de Siddharta Gautama se tratava de uma oligarquia ou república.

trícula de membros da maçonaria. Como naquele contexto muitos maçons eram analfabetos, pode-se inferir que a presença dos monges está ligada às tarefas administrativas, como de secretaria ou finanças.

A maçonaria inglesa, por sua vez, toma para si a primazia e defende a origem da instituição nas terras inglesas. O maçónólogo Harry Carr (1945) sustenta argumentos afirmando que a instituição que serviu de referência para o surgimento da maçonaria como conhecida foi a *London Masons Company*, fundada em 1376, que funcionava como um sindicato de artesãos que trabalhavam com pedras.

Independentemente de onde surge a forma embrionária da maçonaria (Região da Itália ou Ilhas Britânicas), é ponto pacífico entre os pesquisadores que os séculos XIV e XVIII marcam o período onde as cerimônias se desenvolvem e a instituição passa de seu aspecto laboral (maçonaria operativa) e passa a receber membros que não faziam parte da construção civil, chamados especulativos, consistindo em membros da aristocracia europeia, filósofos, etc. Assim, o marco formal da transição entre a maçonaria operativa e a especulativa se dá com a fundação da Grande Loja da Inglaterra em 1717.<sup>3</sup>

As próximas décadas, após o surgimento da Grande Loja da Inglaterra, são marcadas pelos desenvolvimentos ritualísticos e o surgimento de novos graus. A filosofia iluminista também passa a ser uma influência na maçonaria, fazendo um contraponto à filosofia cristã, já bem estabelecida na instituição. Cismas também são registrados nesse período. Ainda na atualidade, a instituição continua a se adaptar e passa por atualizações, correções de seus rituais de acordo com as novas evidências oriundas das pesquisas de historiadores e maçónólogos.

### **Budismo e Maçonaria, é possível?**

Para compreender os pormenores dessa religião, tomaremos como ponto de partida a filosofia da religião budista, realizando contraponto com os fundamentos e a filosofia maçônica. Historicamente, o primeiro registro de um provável budista iniciando na maçonaria aconteceu em 1888, na Birmânia. O ocorrido está registrado no primeiro volume das *transactions* da *Ars Quatuor Coronatorum* (1888) e menciona o espanto dos ingleses ao tomarem conhecimento de uma provável iniciação de um budista na maçonaria. O texto ainda menciona que budismo e maçonaria são incompatíveis, sob o argumento de

que o budismo é uma religião ateuista, dessa forma, seria algo estranho à doutrina maçônica de base cristã. A questão é esclarecida e registrada no volume 2 (1889) da mesma revista, publicada no ano seguinte. O texto menciona que o suposto candidato passou pela conversão ao cristianismo e assim pôde realizar suas obrigações e juramentos. A sessão foi conduzida por um Venerável Mestre parsi, tendo como vigilantes um hindu e um inglês, e o diácono era um muçulmano.

Os sutras budistas mencionam supostas falas de Buda, onde, durante suas discussões com brâmanes, os refutava em suas crenças sobre a existência de Deus ou um princípio criador. Outros budistas afirmam que Buda, quando questionado sobre a existência de Deus, mantinha-se em silêncio. Tal atitude demonstrava que para ele o assunto não era algo que devesse receber importância, dado a urgência da necessidade de superação da insatisfação humana que gera o apego, e conseqüentemente a prisão no ciclo de renascimentos (*Samsara*).

Dentro da cosmovisão budista, a ideia de um universo criado, como no cristianismo, não existe. A explicação budista é através do conceito de "Originação Dependente", ou seja, todos os fenômenos existentes só possuem essa qualidade por estarem interligados, como uma espécie de teia, de modo que um só existe como consequência da existência do outro, interdependentes. Além disso, a existência é concebida de maneira cíclica. Assim, na concepção budista, o universo que surge em determinado momento irá deixar de existir, e outro surgirá novamente, sucessivas vezes em tempos indeterminados.

No aspecto ontológico, o budismo trabalha a ideia de *sunyata*, ou seja, vacuidade/vazio. Se para a filosofia cristã os seres humanos são dotados de espírito e alma, no budismo tais elementos não existem. No desenvolvimento dessa doutrina, afirma-se que todos os fenômenos existentes são vazios de um eu inerente e intrínseco. Isso explica-se mais facilmente quando posto ao lado da ideia de "interdependência", que significa a ideia de que tudo está ligado de alguma forma. Por exemplo, um objeto A só existe como consequência da existência de outros objetos (B, C e D), e assim todos os fenômenos seguem a mesma lógica. Diante disso, para a filosofia budista não há um "eu", pois se fosse possível retirar a existência de qualquer um dos elementos que compõe os objetos (B, C ou D), o objeto A não existiria,

<sup>3</sup> Os professor Andrew Prescott e Susan Mitchell Sommers, no artigo 'Did Anything Happen in 1717?' (2018), propõem o ano 1721 como a data de fundação.

logo, conclui-se que não existe o “eu” do objeto A.

Ainda seguindo *sunyata*, o nome do objeto seria apenas um conceito. Quando o ser humano se apega ao conceito, a forma, ou um suposto “eu”, é aí que surgirá o sofrimento e a insatisfação humana, pois conforme a doutrina budista todos os fenômenos vazios são destituídos do “eu”, logo, apegar-se a algo que não existe (apenas na mente discriminativa daquele que observa) é uma compreensão errônea. O método budista consiste na superação da ignorância humana oriunda das visões e compreensões erradas que culminam gerando apego, insatisfação, sofrimento e ira.

A maçonaria, por sua vez, não possui uma visão própria ontológica ou acerca da criação do universo. Contudo, por ter suas bases influenciadas pelo cristianismo, é possível encontrar em alguns de seus rituais tais influências. Ainda na Idade Média, as reuniões maçônicas estavam organizadas mais ou menos da seguinte forma:

Uma oração inicial; (b) Uma história lendária do ofício de pedreiro, traçando sua jornada desde as terras bíblicas até seu estabelecimento na Inglaterra; (c) Um código de regulamentos para mestres, companheiros e aprendizes, principalmente regulamentos comerciais, mas incluindo vários de caráter moral; (d) Arranjos para assembleias 'territoriais' em grande escala, anualmente (ou trienalmente), nas quais a participação era obrigatória; (e) Disposições para o julgamento e punição dos infratores; (f) procedimento para a admissão ou recepção (Carr, 1968, p. 154 apud Souza, 2022, p. 47).

Essas orações, registradas nas “Antigas Obrigações”, geralmente consistiam em um caráter monoteísta e cristão. Além da oração realizada na conclusão das reuniões maçônicas, um ponto bastante central na maçonaria é a cerimônia de iniciação de candidato. De acordo com apontamentos sintetizados com a análise dos documentos medievais da instituição, é possível obter como resultado um esquema sequencial das iniciações na Idade Média:

(1) Uma oração de abertura ou invocação; (2) Uma leitura da história lendária.

Por ser um procedimento demorado pode ter sido abreviado ou omitido; (3) O candidato coloca a mão no livro; (4) As obrigações são lidas para ele; (5) O candidato assume sua obrigação de observar as obrigações (Carr, 1968, p. 155 apud Souza, 2022, p. 48).

Conforme apontamentos de Souza, “essa era a forma de cerimônia até aproximadamente 1583, ano em que foi publicado o Grand Lodge n° 1 MS., onde aparecem algumas das palavras verdadeiramente utilizadas nessas cerimônias” (SOUZA, 2022, p. 48).

Ainda hoje, durante a cerimônia de iniciação, as orações estão presentes, bem como as obrigações do candidato. Seguindo na análise das “Antigas Obrigações” é possível verificar orações onde o candidato afirma seu amor a Deus, à sua igreja, fidelidade aos seus companheiros de ofício e obediência ao rei (Carr, 1968).

Dessa forma, os documentos e rituais antigos da maçonaria apontam para uma influência religiosa cristã, que em determinados momentos indicam para uma espécie de dívida e devoção para esse tipo de espiritualidade. O maçomólogo W. Westcott, em suas considerações sobre maçonaria e religião, apresentadas na edição de 1888 da *Ars Quatuor Coronati*, afirma que “a Maçonaria tem, ao que parece, uma grande ideia central, um criador, um Deus Único” (Westcott, 1888, p. 74).

Ele afirma ainda: nossa atual doutrina é o unitarismo, revestido das virtudes cristãs. Se a Maçonaria surgiu como um esquema inteiramente novo no século 16 ou 17, ela deve ter surgido em uma terra cristã e certamente teria sido marcada por características especialmente trinitárias, que teriam permanecido permanentes (Westcott, 1888, p. 75).

No mesmo texto, há uma afirmação bastante concisa sobre como os ingleses compreendiam a posição e influência do cristianismo na maçonaria. Nas palavras de Westcott: “Todas as suas tradições, títulos e palavras são tiradas das Escrituras, suas lições são derivadas delas, e muito de sua fraseologia é apropriada da mesma fonte” (Westcott, 1888, p. 282), demonstrando que essa visão já estava bem estabelecida no século XIX.

Mesmo após o deísmo ter sido inserido na

maçonaria, como resultado do ceticismo crescente já no século XVII, e posteriormente, as influências dos filósofos newtonianos e sua religião natural, a doutrina cristã ainda permaneceu nas entrelinhas do arcabouço simbólico e filosófico da maçonaria (Souza, 2023).

Conforme supracitado, as *transactions* da *Ars Quatuor Coronati* (1888) mencionam o primeiro caso que se tem registro, de um suposto budista sendo iniciado na maçonaria da Birmânia. O texto relata a surpresa negativa dos maçons ingleses e sua indignação pela situação. No material consta que “o budismo só pode ser chamado de religião em um sentido muito peculiar, pois é teoricamente um ateísmo puro e ignora totalmente a existência de uma divindade” (Speth, 1888, p. 191). Tal afirmação revisita uma informação pertinente e que comumente é negligenciada pela maçonaria em suas bases ideológicas.

O budismo é identificado como uma religião “não-teísta”, ou seja, nela não existe o conceito de um Deus, ou demiurgo, criador de todas as coisas, muito menos algo como a trindade da religião cristã. Isso é demonstrado na indignação dos ingleses ao tomarem ciência de um budista sendo iniciado, pois, sendo assim, como alguém que faz parte de uma religião onde não existe deus poderia realizar seus juramentos em parâmetros já estabelecidos pelo viés cristão? E que, por isso, o mesmo texto afirma que “um budista parece carecer de vários requisitos essenciais exigidos de um candidato à Maçonaria” (Speth, 1888, p. 191).

Tal avaliação pode parecer contrário aos pilares de tolerância religiosa expostos pela instituição, contudo, por “Deus” se tratar de um pilar central no sistema maçônico, para o sistema inglês abrir exceções de acordo com crenças de grupos religiosos, se colocaria como algo que fere os fundamentos da maçonaria. Nesse sentido, parece que a questão da “tolerância” é mais sobre o não-combate e a não-perseguição a sistemas religiosos, não necessariamente a permissibilidade deles dentro da instituição.

Outro ponto que pode ser mencionado como impossibilitante da participação de budistas na maçonaria diz respeito ao conceito de alma, diferente em ambas as tradições. No site da Grande Loja Maçônica do Amazonas (GLOMAM), é afirmado que um dos credos da maçonaria é a crença na imortalidade da alma.<sup>4</sup> No budismo, por sua vez, não há a crença na alma. Isso se dá como resultado das concepções sobre *sunyata* e “originação dependente”.

Para a crença budista, os seres existem como resultados de causas e condições cármicas de existências anteriores. Dessa forma, após a morte, com a dissolução material do corpo, todas as ações realizadas durante a vida condicionarão um renascimento posterior em um dos seis reinos do *samsara* (humanos, divindades, demônios, animais, fantasmas famintos e infernos). Vale ressaltar que o que renasce não é a forma, mente ou alma, mas sim o carma que atua em um *continuum*, cessado apenas com o nirvana.

Outro conceito importante para os budistas é o da impermanência, que significa que não existem fenômenos que sejam eternos. Isso justifica a crença nos renascimentos e na existência interdependente e cíclica. A ideia de um Deus, como no brahmanismo ou nas religiões monoteístas, que tem como qualidade principal ser eterno, vai totalmente contra essa concepção budista. Isso não significa que o budismo negue a existência de divindades, no entanto, elas estão sujeitas ao carma e à impermanência, ou seja, elas nascem, sofrem de maneira semelhante aos seres humanos e morrem.

Por último, vale mencionar a doutrina budista dos três corpos (*Trikaya*) constituída dentro do veículo *Mahayana*, que afirma a divisão filosófica que descreve a natureza multidimensional acerca da existência de um Buda (Snelling, 1987). De acordo com esse conceito, um Buda possui três corpos ou aspectos distintos, cada um representando uma faceta diferente da iluminação. São eles: a) *Dharmakaya* (Corpo do Dharma ou a realidade última): engloba a essência da própria iluminação, incluindo conceitos como o vazio (*sunyata*), a natureza de Buda e uma existência pura que transcende as formas materiais e espirituais; b) *Sambhogakaya* (Corpo do Prazer): representa os Budas divinos dos reinos Búdicos e está ligado ao aspecto alegre e gratificante do estado de Buda; e c) *Nirmanakaya* (Corpo de Transformação): representa a forma física de um Buda neste mundo (Harvey, 2019).

É possível que algum candidato, supostamente budista, tomando como base a doutrina do *trikaya*, afirme que o *Dharmakaya*, ou seja, a realidade última, seja o equivalente a Deus, para assim justificar que a fé budista é compatível com os preceitos maçônicos. No entanto, a crença comum budista é a de que não se trata de uma divindade real, mas sim de uma simbolização dos princípios naturais e morais do universo. Em casos de exceção, há quem possa compreender o conceito como sendo uma expressão

<sup>4</sup> Cf. [www.glomam.org.br/page/perguntas-e-respostas](http://www.glomam.org.br/page/perguntas-e-respostas).

“panteísta”, contudo, mesmo esse suposto panteísmo -budista, por definição e conceitualização, não se enquadraria nas premissas maçônicas sobre a natureza de Deus.

Mesmo em escolas budistas *mahayana* ou *vajrayana*, que popularmente são associadas ao teísmo, embora equivocadamente, o entendimento é o de que os Budas venerados são representações simbólicas do *Dharma*, ou seja, os ensinamentos proferidos por Siddharta Gautama (HIROTA, 2022). Dessa forma, a análise do escopo filosófico e religioso do budismo aponta para a noção de que, dentro do espaço formal da crença, não há espaço para sustentar a convicção em uma divindade aos moldes requeridos pela maçonaria.

### Conclusão

A pesquisa analisou se há compatibilidade entre a maçonaria e o budismo no campo da doutrina, objetivando oferecer respostas sobre a permissibilidade de candidatos que adotem essa fé em fazer parte da instituição. Os resultados demonstram que historicamente essa união foi vista negativamente pelos maçons da Grande Loja Unida da Inglaterra, vista como a principal potência da regularidade maçônica. Os ingleses afirmavam que o ateísmo budista era incompatível com a maçonaria, que tinha como requisito a crença em um Deus aos moldes bíblicos. Além disso, eles eram muito claros sobre a influência do cristianismo na instituição, fato que pode ser observado nos juramentos realizados pelos recém-iniciados ainda no período da Idade Média.

A investigação ainda demonstrou que os conceitos vacuidade, carma, originação dependente e impermanência são contrários à ideia de Deus eterno e à crença na alma. O foco da crença budista não está exclusivamente na fé, e apesar de não se negar a existência de divindades, as quais são extremamente numerosas, principalmente no *mahayana* e *vajrayana*, elas estão sujeitas ao carma, nascimento e morte. Se o Deus do monoteísmo fizesse parte do panteão budista, ele também estaria sujeito ao desaparecimento. Isso, aos olhos de cristãos, judeus, muçulmanos e outras religiões monoteístas, é absurdo, demonstrando a incompatibilidade entre essas expressões religiosas.

Diante disso, partindo das questões norteadoras do problema da pesquisa sobre a possibilidade de superar as incompatibilidades entre as filosofias budista e maçônica, se um budista pode ser maçom, e se a maçonaria tolera todas as religiões, entendemos que as indicações apontam como resposta “não”. Co-

mo já exposto, as filosofias budista e maçônica são incompatíveis em pontos centrais: Deus e alma, sendo insuperáveis, pois para isso seria necessária a desconstrução de pelo menos um dos dois sistemas. Um budista também não pode ser maçom porque sua crença “não-teísta” é um impedimento diante das leis da maçonaria regular. Por fim, apesar do discurso maçônico ser de tolerância às religiões, é necessário ressaltar que se trata do aspecto ético da instituição, pautado no pilar da liberdade, contudo historicamente temos evidências de que há um afastamento da maçonaria e as religiões que não possuem Deus como presente na crença.

Se há casos de budistas iniciados na maçonaria, isso se dá há dois fatores. Os responsáveis pela administração da loja não possuem conhecimentos acerca do budismo, assim não encontram motivos para a recusa do candidato, ou o postulante não faz parte de uma comunidade budista formal, que requer uma iniciação baseada na tomada de votos de confiança ao Buda, à comunidade e ao *Dharma*. Evitemos entrar no mérito da possibilidade de omissão e não-sinceridade por parte do candidato ao não expor as verdades fundamentais da sua fé, visando passar pelos processos e assim ser iniciado, pois a tarefa investigativa cabe aos responsáveis pelo processo de admissão.

### Referências Bibliográficas

- CARR, Harry. The Six Hundred Years of Craft Ritual. *AQC*, v. 81. Londres: Ars Quatuor Coronatorum, 1968.
- DINIZ, Alexandre M. A. Surgimento e dispersão do budismo no mundo. *Espaço e cultura*, UERJ, RJ, N. 27, P. 89-105, JAN./JUN. DE 2010.
- GOMBRICH, Richard. *Theravada Buddhism: A Social History from Ancient Benares to Modern Colombo*. London: Routledge and Kegan Paul, 1988.
- HARVEY, Peter. *A Tradição do Budismo: História, Filosofia, Literatura, Ensinamentos e Práticas*. São Paulo: Cultrix, 2019.
- HIROTA, Dennis, "Japanese Pure Land Philosophy", The Stanford Encyclopedia of Philosophy. (Fall 2022 Edition). Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/archives/fall2022/entries/japanese-pure-land/>>. Acesso em 31 mar. 2024.
- KYOKAI, Bukkyo Dendo. *A doutrina de Buda*. 2ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2012.
- RODRIGUES DE SOUZA, F. La cuestión de lo sagrado en la masonería: Intolerancia, controversias y enfoques. *REHMLAC+, Revista de Estudios Históricos de la Ma-*

*sonería Latinoamericana y Caribeña plus*, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 140–156, 2023. DOI: 10.15517/rehmlac.v15i2.54751. Disponível em: <https://revistas.ucr.ac.cr/index.php/rehmlac/article/view/54751>. Acesso em: 23 feb. 2024.

SNELLING, John. *The Buddhist handbook. A Complete Guide to Buddhist Teaching and Practice*, London: Century Paperbacks, 1987.

SOUZA, F. R. Das antigas obrigações aos cowans: as principais exposições na Europa e suas influências no desenvolvimento dos rituais maçônicos. In: *VII Encontro Nacional do NESEM 200 ANOS: 'INDEPENDÊNCIA' PARA QUEM? 13º Encontro Nacional de História da UFAL*, 2022, Maceió. Encontro Nacional do NESEM 200 anos: “independência” para quem?: anais do evento. Maceió: Núcleo Escravidão e Sociedade na Época Moderna (UFAL), 2022. p. 43-54.

SPETH, G. W (org.). Extracts from Correspondence, Notes, & C. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 1, 1888, pp. 249-252.

SPETH, G. W (org.). CHRONICLE. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 2, 1889, pp. 81-84.

WESTCOTT, W. W. The Religion of Freemasonry illuminated by the Kabbalah. *Ars Quatuor Coronatorum*. London: Transactions of the Quatuor Coronati Lodge N°. 2076, v. 1, 1888, pp. 73–78.

**ENTRE A TRADIÇÃO E A ESTRATÉGIA:  
O *Balanced Scorecard* como *framework* de governança para a beneficência maçônica**

(BETWEEN TRADITION AND STRATEGY:  
The Balanced Scorecard as a governance framework for Masonic charity)

Karan Valente <sup>1</sup>

**Resumo**

Este estudo desenvolveu um planejamento estratégico para a Associação Maçônica Beneficente (AMABE), integrando sua identidade histórico-cultural no âmbito da maçonaria com práticas gerenciais contemporâneas. Com natureza aplicada, exploratório-descritiva e abordagem mista, utilizou revisão teórica, pesquisa documental, levantamento empírico e pesquisa-ação. O diagnóstico situacional subsidiou a construção de modelo de governança baseado no *Balanced Scorecard* (BSC), adaptado às especificidades da cultura organizacional maçônica. O principal resultado foi o projeto de um *framework* replicável que evidenciou a aplicabilidade do BSC em contextos afins. As contribuições incluem sua customização alinhada às particularidades institucionais e potencial de fortalecer a governança e a sustentabilidade organizacional.

**Palavras-chaves:** Gestão estratégica; Maçonaria; Terceiro Setor; BSC.

**Abstract**

This study developed a strategic plan for the Masonic Benevolent Association (AMABE), integrating its historical and cultural identity within freemasonry with contemporary management practices. With an applied, exploratory-descriptive nature and a mixed approach, it used a theoretical review, documentary research, an empirical survey and action research. The situational diagnosis supported the construction of a governance model based on the *Balanced Scorecard* (BSC), adapted to the specificities of Masonic organizational culture. The main result was the design of a replicable framework that demonstrated the applicability of the BSC in similar contexts. The contributions include its customization in line with institutional particularities and its potential to strengthen governance and organizational sustainability.

**Keywords:** Strategic management; Freemasonry; Third sector; BSC.

<sup>1</sup> Graduado em Design pela Universidade do Estado do Pará (UEPA, 2010), com especialização em Engenharia de Produção (UEPA, 2011) e Gestão de Marketing pela Faculdade Ideal (FACI, 2013). Mestre em Desenvolvimento Rural e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA, 2020). Atualmente, é doutorando no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural Sustentável e Gestão de Empreendimentos Agroalimentares (PPDRGEA) do IFPA. E-mail: [karan.valente@uepa.br](mailto:karan.valente@uepa.br)

## 1. Introdução

A governança de organizações beneficentes tradicionais situa-se em uma encruzilhada entre a preservação de seu legado histórico-cultural e a necessidade de incorporar práticas gerenciais contemporâneas capazes de garantir sua relevância e sustentabilidade. Tais instituições, orientadas pelo princípio da beneficência — compreendida como a promoção de ações altruístas voltadas ao bem-estar coletivo (Marinheiro, 2003; Vesco, 2020) — enfrentam o imperativo ético de maximizar o impacto social de suas atividades (Singh, 2020).

Embora estudos recentes indiquem a viabilidade de conciliar tradição e inovação sem ruptura identitária (Weltermann; Huschbeck.; Markovič, 2025), a literatura ainda é escassa quanto à adaptação de instrumentos gerenciais modernos em organizações com culturas fortemente institucionalizadas (Masden, 2025). Especificamente, persiste uma lacuna empírica sobre a customização do *Balanced Scorecard* (BSC) em contextos com culturas organizacionais fortes (Yawson; Paros, 2023), como a maçonaria, o que configura a problemática central desta pesquisa.

Neste contexto, o presente estudo analisou o processo de desenvolvimento do Planejamento Estratégico (PE) 2025–2026 da Associação Maçônica Beneficente (AMABE), fundada em 1947 e vinculada à Grande Loja Maçônica do Estado do Pará (GLEPA). A investigação foi motivada pela identificação de três desafios estruturais centrais enfrentados pela instituição: (1) a ausência de estudos técnicos sistematizados para subsidiar a gestão; (2) o subaproveitamento do potencial de expansão da base associativa; e (3) a limitação, tanto qualitativa quanto quantitativa, dos benefícios ofertados aos membros.

Este cenário fundamentou a questão norteadora da pesquisa: em que medida a implementação de um *framework* gerencial-estratégico pode otimizar a governança institucional e ampliar o valor percebido pelos *stakeholders* da AMABE, considerando suas especificidades culturais? A hipótese central propõe que a aplicação de um a implementação de um modelo gerencial-estratégico, cientificamente fundamentado e adaptado às especificidades da cultura organizacional maçônica, potencializaria significativamente o valor percebido pelos associados e a sustentabilidade institucional.

O objetivo geral foi, portanto, desenvolver um PE para a AMABE, fundamentado em métodos cientificamente validados e ajustados às particularidades de sua cultura e contexto organizacional maçônico. Para isso, adotou-se uma abordagem metodológica aplicada, exploratória-descritiva e mista. Os procedimentos técnicos incluíram revisão teórica, levantamento empírico, pesquisa documental e pesquisa-ação. A construção do planejamento foi estruturada em duas macro etapas: (1)

diagnóstico situacional, por meio da análise sistemática dos ambientes interno e externo; e (2) formulação de diretrizes estratégicas com base na metodologia BSC (Kaplan; Norton, 1992, 1996, 2018); abrangendo objetivos, indicadores, metas e iniciativas.

Os resultados evidenciaram a aplicabilidade do modelo proposto, sintetizado em um roteiro estratégico organizado em quatro dimensões-chave para a gestão da AMABE. A contribuição teórica reside na demonstração empírica da adaptabilidade de ferramentas gerenciais contemporâneas a organizações com identidades culturais enraizadas, com a maçônica. No plano prático, o estudo propõe um modelo replicável de governança para entidades congêneres e oferece um sistema de métricas voltado ao monitoramento e aprimoramento contínuo das operações.

Ademais, esta pesquisa está alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU), em especial ao ODS 3 (Saúde e bem-estar), ODS 16 (Paz, justiça e instituições eficazes) e ODS 17 (Parcerias e meios de implementação), ao fortalecer alianças estratégicas e ampliar o impacto social (ONU, 2023). Ao fazê-lo, projeta-se um novo paradigma de governança para a AMABE, reforçando sua capacidade assistencial e sua relevância no contexto maçônico local.

## 2. Revisão teórica

### 2.1. O *Balanced Scorecard*: da mensuração ao gerenciamento estratégico

Concebido por Kaplan e Norton (1992), o BSC surgiu como sistema de medição de desempenho que supera os tradicionais indicadores financeiros, adequados apenas para relatar êxitos pretéritos (Kaplan; Norton, 2001; Porter, 2017). Os referidos autores argumentam que, na economia do conhecimento, criar valor exige monitorar variáveis intangíveis ligadas a clientes, pessoas, processos e inovação; onde, de tal modo, o modelo original equilibra a perspectiva financeira com aquelas do cliente, dos processos internos e de aprendizado-crescimento, traduzindo a estratégia em objetivos operacionais balanceados (Kaplan; Norton, 1992, 1996, 2000).

Desde sua concepção, o BSC evoluiu de uma ferramenta-sistema de mensuração para plataforma de gerenciamento estratégico, configurando um dos instrumentos mais influentes de governança (Kaplan; Norton, 2018). Cinco são os princípios contemporâneos para tornar a organização focada na estratégia: (i) traduzir a estratégia em termos operacionais; (ii) alinhar a organização; (iii) tornar a estratégia tarefa cotidiana; (iv) instituir um processo contínuo; e (v) mobilizar a mudança mediante liderança executiva (Kaplan; Norton, 2001; Tawse; Tabesh, 2022).

**2.2 Governança e adaptação do BSC no Terceiro Setor**

Organizações sem fins lucrativos têm missão social, não lucrativa, exigindo métricas de gestão e performance diferenciadas (IBGC, 2021; Singh, 2020). Revisões sistemáticas apontam que o BSC é o modelo de desempenho mais citado no setor, porém sua adoção “pronta para uso” falha pela dificuldade em medir impacto social, múltiplos *stakeholders* e escassez de recursos (Piegas, 2024). O Quadro 01 sintetiza o âmbito teórico do BSC e sua adaptação em organizações do Terceiro Setor, destacando sua relevância para o contexto da beneficência maçônica.

Quadro 1 - Quadro teórico do BSC e sua adaptação em organizações do Terceiro Setor

Conceito-Referências	Ideia central	Foco no setor privado	Desafios na Adaptação para o terceiro setor	Adaptações chave no terceiro setor	Relevância para a Beneficência Maçônica
<i>Balanced Scorecard</i> (KAPLAN; NORTON, 1992, 1996)	Traduzir estratégia em um conjunto balanceado de medidas (financeira, cliente, processos internos, aprendizado/crescimento).	Maximização do valor para o acionista, lucratividade.	Dificuldade em medir impacto social, stakeholders diversos, missões não financeiras.	Reinterpretação das perspectivas, foco na missão.	Fornecer uma estrutura lógica para alinhar tradição e estratégia.
Organização Focada na Estratégia (KAPLAN; NORTON, 2018)	Usar o BSC como sistema de gestão estratégica (5 princípios: traduzir, alinhar, tornar trabalho de todos, processo contínuo, mobilizar liderança).	Implementação e internalização da estratégia em toda a organização.	Resistência à mudança, falta de recursos para gestão estratégica dedicada, culturas fortes.	Enfatizar a liderança, comunicação e alinhamento com a missão central.	Crucial para integrar o BSC na cultura e operações da AMABE, superando a inércia.
BSC no Setor Público (NORTHCO TT; TAULAPAPA, 2012).	Adaptar o BSC para organizações com fins não lucrativos, focadas na missão e no valor público/social.	---	Definição de "cliente", medição de resultados sociais, restrições orçamentárias, burocracia.	Missão no topo, cliente/stakeholder como perspectiva primária, financeiro como restrição/via bilizador, flexibilidade nas perspectivas.	Oferece modelos de como as perspectivas podem ser reconfiguradas para priorizar a beneficência e os associados.
BSC e Sustentabilidade (SBSC) – (MEIRA et al., 2020)	Integrar objetivos de sustentabilidade (ambiental, social) nas perspectivas do BSC.	<i>Triple Bottom Line</i> , valor de longo prazo.	Complexidade adicional na medição, integração com estratégia central.	Inclusão de indicadores sociais e ambientais, alinhamento com a missão de impacto social.	Relevante para AMABE alinhar suas ações com os ODS e demonstrar impacto socioambiental.

Fonte: elaborado pelos autores (2025).

Decorrente, pode-se afirmar que a governança no terceiro setor é um campo vasto, mas seus princípios fundamentais convergem para a necessidade de assegurar que as organizações operem com responsabilidade, transparência e eficácia. O objetivo último é garantir que os recursos sejam utilizados de maneira eficiente

para o alcance da missão institucional e a geração de valor social.

Instituições com culturas fortes tendem à inércia organizacional, resistindo a mudanças mesmo quando práticas vigentes se tornam subótimas (Gilbert, 2005). Igualmente, na Maçonaria, tradições e costumes podem funcionar como freios à adoção de ferramentas gerenciais vistas como corporativas (Ismail, 2024). Sem liderança visionária e comunicação clara, a inovação pode ser percebida como ameaça à identidade, gerando miopia estratégica (Drucker, 2010; Weltermann; Huschbeck; Markovič, 2025). Assim, o ensejo de personalizar o BSC para a Associação AMABE requer sensibilidade cultural, conciliando valores maçônicos com práticas modernas de gestão.

**3. Material e métodos**

**3.1. Estratégia de pesquisa**

Esta investigação caracterizou-se como uma pesquisa aplicada, de natureza exploratório-descritiva quanto aos objetivos e mista em relação à abordagem do problema (Gil, 2021). O processo investigativo teve início com uma revisão assistemática da literatura, conforme tipologia proposta por Grant e Booth (2009), sendo posteriormente ancorado nos fundamentos da pesquisa-ação e do estudo de caso único. Essa escolha metodológica justificou-se pela necessidade de promover transformações organizacionais efetivas com base em evidências empíricas geradas de forma participativa.

A pesquisa-ação seguiu o modelo espiral estruturado em quatro ciclos iterativos: (1) Diagnóstico participativo – reuniões com *stakeholders* para levantamento de problemas e demandas específicas; (2) Planejamento coletivo – realização de *workshops* colaborativos para definição de estratégias e ferramentas; (3) Implementação de ações – desenvolvimento conjunto de soluções preliminares; e (4) Avaliação reflexiva – sessões de *feedback* estruturado para refinamento contínuo do método (Cornish et al., 2023).

Tal delineamento metodológico integrou observação, coleta e análise de dados, a partir dos procedimentos técnicos de levantamentos e pesquisa documental (Volpato, 2016, 2017). A opção pelo estudo de caso único possibilitou a compreensão aprofundada dos fenômenos organizacionais no ambiente real da AMABE, respeitando suas particularidades culturais e simbólicas (Creswell; Creswell, 2022; Yin, 2018).

A partir da questão central — em que medida a implementação de um *framework* gerencial-estratégico

pode otimizar a governança institucional e aumentar o valor percebido às partes interessadas da AMABE, considerando suas especificidades culturais? — foram formuladas duas questões complementares (Qn):

- Q1: Como os associados avaliam a gestão, os benefícios e a comunicação institucional da AMABE, e que desafios e oportunidades emergem dessa percepção?
- Q2: Em que medida um modelo estratégico baseado em princípios maçônicos e gestão participativa pode fortalecer a governança institucional e ampliar a relevância da AMABE no contexto maçônico?

### 3.2 Detalhamento da coleta e análise de dados

A coleta de dados primários fundamentou-se em duas estratégias complementares. A primeira consistiu na realização de entrevistas semiestruturadas com dirigentes da AMABE e representantes da GLEPA, com o objetivo de captar percepções estratégicas institucionais e compreender os desafios históricos enfrentados pela associação. Essas entrevistas seguiram um protocolo previamente validado, garantindo a consistência e a confiabilidade dos dados qualitativos obtidos. A segunda estratégia envolveu a aplicação de uma *survey* online, elaborado por meio da plataforma “*SurveyMonkey*”, composta por 14 questões direcionadas aos associados atuais. O instrumento foi construído com base na combinação de perguntas fechadas — para mensuração estatística de tendências — e perguntas abertas — destinadas à coleta de percepções, necessidades e expectativas dos participantes.

O tratamento dos dados ocorreu em três etapas principais: (1) organização e tabulação das informações coletadas; (2) aplicação de métodos estatísticos descritivos às variáveis quantitativas; e (3) categorização temática dos dados qualitativos, possibilitando a identificação de padrões e tendências relevantes para a formulação das diretrizes estratégicas da AMABE.

Com base nos resultados da análise, procedeu-se à estruturação do planejamento estratégico institucional, apoiado em três componentes fundamentais. O primeiro foi a modelagem adaptada do BSC, utilizando suas quatro perspectivas clássicas — financeira, clientes, processos internos e aprendizado/crescimento — reinterpretadas à luz das especificidades culturais e organizacionais da AMABE. O segundo componente consistiu na definição de um sistema de métricas e monitoramento, com a criação de indicadores de desempenho e metas verificáveis, acompanhados por ciclos trimestrais de revisão. Nesse processo, desenvolveu-se uma ferramenta personalizada para mo-

nitramento contínuo das iniciativas, gestão colaborativa de prazos e alocação de responsabilidades. Por fim, o terceiro componente envolveu a validação participativa das diretrizes estratégicas, mediante apresentação dos resultados a dirigentes e associados da entidade, permitindo refinamentos coletivos e assegurando o engajamento institucional. Essa etapa esteve alinhada aos princípios da pesquisa-ação, garantindo legitimidade e aderência aos valores da associação.

## 4. Resultados e discussão

### 4.1 Caracterização da amostra e contexto da pesquisa

A pesquisa diagnóstica contou com a participação de 362 respondentes, oriundos do universo de 2.649 maçons filiados à GLEPA e à AMABE, acrescido de 58 indivíduos classificados como “cunhadas” ou “sobrinhos” – também associados. Com base nesse universo ampliado (n = 2.707), a amostra representou uma taxa de resposta de 13,37%, o que permitiu estimar os resultados com um nível de confiança de aproximadamente 95% (margem de erro de 4,96%). Esses parâmetros foram considerados estatisticamente robustos e suficientes para embasar o delineamento do planejamento estratégico subsequente.

A análise da composição da amostra evidenciou uma predominância expressiva de maçons, que corresponderam a 96,13% dos participantes (n = 348). As cunhadas representaram 3,59% (n = 13) da amostra, enquanto os sobrinhos corresponderam a 0,28% (n = 1).

### 4.2 Percepção dos associados sobre os benefícios oferecidos

Os resultados da pesquisa indicaram que a percepção dos associados quanto aos benefícios oferecidos pela AMABE apresenta margem expressiva para aprimoramento, onde mais da metade dos respondentes demonstrou algum grau de insatisfação, seja em relação à capacidade de atendimento às suas necessidades, seja quanto à adequação dos valores praticados (Tabela 1).

Tabela 1 - Avaliação dos benefícios oferecidos pela AMABE

Pergunta	Resposta	Frequência (n)	Percentual (%)
Os benefícios oferecidos atendem às suas necessidades ou expectativas?	Sim, plenamente	161	44,48
	Parcialmente	167	46,13
	Não atendem	34	9,39
Os valores dos benefícios oferecidos são adequados às necessidades dos associados?	Sim	171	47,24
	Parcialmente	137	37,85
	Não	54	14,92

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Quanto à avaliação dos valores cobrados pelos benefícios, 52,77% consideraram-nos inadequados ou apenas parcialmente adequados. Esse resultado aproxima-se da taxa de insatisfação geral, sugerindo que o fator custo percebido influencia significativamente a percepção de valor, embora não a explique por completo. A discrepância entre os dois indicadores também aponta para a presença de outros vetores de insatisfação, como cobertura insuficiente ou inadequação às demandas atuais dos beneficiários.

### 4.3. Demandas por novos benefícios e melhorias na administração

A percepção de valor em organizações do terceiro setor está associada não apenas ao custo-benefício direto, mas também à personalização, transparência e comunicação ativa dos serviços ofertados (Singh, 2020; Sydow; Schreyögg; Koch, 2009). Assim, além de ajustes nos valores, ações de escuta ativa, reformulação de pacotes e comunicação segmentada podem contribuir de forma efetiva para a elevação da satisfação institucional. Logo, esses achados reforçaram a importância de estratégias segmentadas na formulação e revisão da carteira de benefícios da AMABE. Tal abordagem permitiria atender de forma mais precisa a diferentes perfis de associados, elevando o nível geral de satisfação sem comprometer a percepção de valor por parte do grupo que já se declara plenamente atendido.

Os resultados indicaram que a principal melhoria desejada na gestão dos benefícios da AMABE é a diversificação da carteira oferecida, apontada por 48,34% dos respondentes. Essa demanda foi seguida por pedidos de maior transparência nos processos (24,59%) e maior agilidade no atendimento (20,99%).

Essa ênfase na diversificação encontra respaldo na avaliação sobre novos benefícios potenciais. A assistência médica e odontológica despontou como a demanda prioritária, sendo mencionada por 68,23% dos participantes em questão de múltipla escolha. Outros benefícios com alta relevância atribuída incluem: (a) Seguro de vida ou funeral (45,58%); (b) Apoio financeiro emergencial (42,54%); (c) Bolsas de estudo para sobrinhos(as) e acesso a linhas de crédito exclusivas, ambos com 32,04%; e (d) Apoio jurídico, com 24,59%.

Esses dados evidenciaram uma demanda significativa por benefícios que promovam segurança básica,

assistência familiar e suporte financeiro, fortalecendo a percepção institucional da AMABE como agente de proteção social para seus membros e dependentes. A convergência entre a melhoria administrativa mais citada (diversificação de benefícios) e o benefício mais desejado (assistência médica/odontológica) estabelece um mandato estratégico claro: a ampliação da gama de benefícios, especialmente os voltados à saúde, é central para a elevação da satisfação e do valor percebido pelos associados.

Além disso, a importância atribuída a seguros e apoios emergenciais sugere que os associados esperam da AMABE mecanismos de proteção frente a riscos familiares e imprevistos financeiros, o que reforça a conexão direta com o eixo estratégico de "expansão e qualificação de benefícios".

### 4.4. Comunicação institucional: percepção e oportunidades de melhoria

A comunicação institucional da AMABE foi avaliada de forma ambivalente pelos associados. Embora 59,40% tenham classificado a comunicação como "Boa" (37,02%) ou "Excelente" (22,38%), uma parcela significativa (40,61%) a considerou "Regular" ou "Insuficiente" (Tabela 2).

Tabela 2 - Avaliação da comunicação institucional

Pergunta	Resposta	Frequência (n)	Percentual (%)
Qual sua avaliação da comunicação e relacionamento da AMABE?	Excelente	81	22,38
	Boa	134	37,02
	Regular	89	24,59
	Insuficiente	58	16,02
Você conhece as principais iniciativas da AMABE nos últimos 3 anos?	Sim	56	15,47
	Parcialmente	140	38,67
	Não	166	45,86
O que poderia ser melhorado na comunicação da AMABE?	Maior frequência de informações	180	49,72
	Mais clareza e objetividade	97	26,80
	Mais canais de escuta	78	21,55
	Outro	7	1,93

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Mais revelador, porém, foi o dado referente ao nível de conhecimento sobre as iniciativas da AMABE nos últimos três anos: apenas 15,47% dos respondentes declararam pleno conhecimento, enquanto 84,53% afirmaram conhecer "parcialmente" ou "não conhecer". Essa discrepância entre avaliação geral posi-

tiva e desconhecimento das ações da entidade sugere que o problema reside menos na qualidade das mensagens e mais na frequência, alcance e efetividade da comunicação.

Entre as sugestões de melhoria, a "maior frequência na socialização de informações" foi a mais mencionada (49,72%), seguida por "maior clareza e objetividade" (26,80%) e por "mais canais para escuta ativa dos associados" (21,55%). Esses dados reforçam que a estratégia comunicacional deve ir além da simples transmissão de mensagens, incluindo mecanismos de escuta e interação contínua, essenciais para a governança participativa e para o fortalecimento do vínculo institucional.

Além disso, os dados demonstram predileção inequívoca por canais digitais. O WhatsApp foi o canal mais citado (80,11%), superando amplamente o e-mail (44,75%), o site institucional (18,51%) e as redes sociais (15,19%). Tal preferência consolida o WhatsApp como canal prioritário na futura estratégia digital da AMABE, alinhando-se à demanda por informações ágeis, acessíveis e personalizadas.

No que se refere aos formatos, a maioria dos associados (60,50%) opta por notícias e atualizações curtas, seguidas por vídeos explicativos (21,27%) e relatórios detalhados (17,68%). Isso indica a necessidade de uma estratégia de conteúdo híbrida: mensagens diretas via WhatsApp, com links para conteúdos mais aprofundados distribuídos por e-mail ou publicados no portal institucional. Essa abordagem permite atender a diferentes perfis de engajamento, respeitando preferências individuais e ampliando o alcance informacional da instituição.

#### **4.5 Perspectivas sobre aspectos financeiros, governança, participação e transparência**

A sustentabilidade financeira da AMABE depende, em grande medida, da percepção dos associados quanto ao valor da contribuição mensal de seus associados. 53,8% dos respondentes avaliaram a relação custo-benefício da contribuição mensal como "moderada" ou "baixa". Apesar dessa avaliação, destaca-se que 77,3% dos associados manifestaram disposição para considerar um aumento da contribuição. Essa abertura, contudo, está condicionada a duas premissas fundamentais: a ampliação dos benefícios oferecidos e uma gestão mais transparente. Esses fatores foram recorrentes ao longo da pesquisa, especialmente nas seções que abordaram insatisfação com a oferta de benefícios e demandas por maior transparência administrativa

Este cenário revela uma oportunidade estratégi-

ca: há espaço para estruturar um ciclo virtuoso no qual investimentos em benefícios valorizados pelos associados e ações de governança transparente possam justificar eventuais reajustes, resultando em maior arrecadação e, por consequência, em novos avanços. Para tal, é indispensável adotar uma abordagem de planejamento criteriosa e transparente, que garanta clareza quanto à alocação dos recursos, em consonância com os princípios da boa governança.

A pesquisa evidenciou também um elevado grau de interesse dos associados em participar ativamente dos processos decisórios da AMABE. Ao serem questionados sobre o desejo de participar de reuniões ou eventos para debater melhorias institucionais, 86,19 responderam positivamente.

As áreas prioritárias de atuação para os próximos anos, conforme a percepção dos respondentes, reforçam a convergência interna dos achados da pesquisa. A "expansão dos benefícios" lidera com 62,15%, seguida pela "ampliação de parcerias com outras instituições" (54,70%), "apoio às cunhadas e sobrinhos(as)" (40,88%) e a "criação de novos benefícios financeiros" (40,06%). A "modernização tecnológica" também aparece como uma prioridade, indicada por 20,44%.

Paralelamente, a transparência emerge como valor transversal e estruturante. 87,2% dos associados consideraram-na "muito importante" ou "essencial" para a construção de confiança institucional. A transparência, nesse contexto, não é uma variável isolada: ela atravessa dimensões como a satisfação com os benefícios, a percepção de justiça na alocação de recursos, a efetividade comunicacional e a própria sustentabilidade financeira. Fortalecer mecanismos de prestação de contas e facilitar o acesso às informações da gestão é, portanto, uma condição fundamental para o êxito dos demais eixos estratégicos da associação.

Ademais, para mensurar a lealdade e a satisfação geral dos associados, foi aplicada a metodologia do *Net Promoter Score* (NPS), com base na pergunta: "Em uma escala de 0 a 10, o quanto você recomendaria a AMABE a outros maçons, cunhadas ou sobrinhos(as) como uma instituição de assistência confiável e eficiente?".

Com um NPS de +30,39, a AMABE se posiciona em um patamar saudável de lealdade institucional, dentro dos parâmetros considerados "bons" para organizações do terceiro setor (Featured Customers, 2023). Estudos de benchmark indicam que associações sem fins lucrativos geralmente apresentam NPS médio entre +21 e +32.

O resultado sugere uma base sólida de mem-

bros promotores e defensores da marca institucional, destacando-se os 46,96% que atribuíram a nota máxima (10). Este grupo representa um ativo estratégico para a associação, podendo atuar como embaixadores da AMABE, fornecendo insights valiosos sobre os fatores que mais geram encantamento. Ainda assim, a equivalência percentual entre Passivos (23,21%) e Detratores (23,20%) sinaliza espaço relevante para melhoria. A conversão desses públicos — especialmente os Passivos — em Promotores deve ser um objetivo estratégico, a ser perseguido por meio de melhorias nos benefícios oferecidos, na comunicação institucional e na transparência da governança, conforme identificado nas seções anteriores.

#### 4.6 Estruturação do BSC no contexto da AMABE

O Quadro 02 apresenta a visão integrada das perspectivas e objetivos estratégicos que compõem o *framework* gerencial-estratégico proposto:

Quadro 02 – Perspectivas e objetivos estratégicos da AMABE

#	Perspectivas	Objetivos estratégicos
1	Financeira	Assegurar a sustentabilidade financeira da AMABE
2	Financeira	Ampliar base de associados contribuintes
3	Clientes	Expandir e qualificar o portfólio de benefícios, também aprimorando a experiência do usuário
4	Processos internos	Modernizar a governança institucional
5	Aprendizado e crescimento	Fortalecer a cultura de inovação e melhoria contínua

Fonte: elaborado pelos autores (2025)

Para cada objetivo estratégico, foram definidos indicadores de desempenho, metas, iniciativas estratégicas, responsáveis e prazos de implementação, conforme detalhado nos Quadros 02 a 06. Esta estruturação permite a operacionalização e o monitoramento sistemático do planejamento, bem como a alocação clara de responsabilidades.

Cumpra ressaltar que no presente – março de 2025 - a AMABE possui patrimônio de R\$ 7.186.346,70, dividido entre R\$ 3.386.346,80 em investimentos de pronta liquidez e R\$ 3.800.000,00 imobilizados em imóveis (GLEPA, 2021).

Os objetivos na perspectiva financeira (Quadros 03 e 04) abordam tanto a otimização de ativos existen-

tes quanto a expansão da base de contribuintes, respondendo diretamente aos desafios de sustentabilidade identificados na pesquisa. Na perspectiva de clientes (Quadro 05), as iniciativas focam na ampliação e qualificação do portfólio de benefícios, principal demanda identificada entre os associados.

Os objetivos de processos internos (Quadro 06) concentram-se na modernização da governança, incluindo aspectos de transparência e comunicação institucional, enquanto os objetivos de aprendizado e crescimento (Quadro 07) estabelecem as bases para uma cultura de inovação e melhoria contínua necessária para sustentar as transformações propostas.

Esta estrutura integrada almeja que as iniciativas sejam mutuamente reforçadoras, criando um ciclo virtuoso de aprimoramento organizacional alinhado às necessidades e expectativas dos associados da AMABE.

Quadro 03 – Assegurar a sustentabilidade financeira da AMABE

Indicadores de desempenho	Metas	Iniciativas estratégicas	Responsáveis	Prazo
Retorno sobre investimentos	Alcançar rendimento mínimo de 110% do CDI (considerando patrimônio atual sob custódia de R\$ 3.386.346,80).	Diversificar portfólio de investimentos com assessoria especializada	Diretoria financeira	06 meses
Rentabilidade do imóvel na Av. Tamandaré	Obter rendimento anual equivalente a 8% do valor patrimonial imobilizado (R\$3.800.000,00)	Constituir comitê especializado para desenvolvimento de projeto de utilização comercial do imóvel com estudo de viabilidade técnica e financeira	Diretoria financeira	06 meses
Viabilidade do programa de microcrédito	Elaborar plano de negócios completo com ROI projetado mínimo de 15%	Formar comitê técnico para desenvolvimento de plano de negócios de microcrédito para associados, incluindo estudos regulatórios, análise de risco e modelagem financeira	Diretoria financeira e Conselho Deliberativo	12 meses
Reserva de contingência	Constituir fundo equivalente a 12 meses de operação (considerando média de 25 óbitos anuais)	Estabelecer política de formação de reservas com percentual fixo das contribuições mensais e rendimentos	Diretoria financeira e Conselho Deliberativo	24 meses

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Quadro 04 – Ampliar base de associados contribuintes

Indicadores de desempenho	Metas	Iniciativas estratégicas	Responsáveis	Prazo
Número de maçons ativos associados - adesão de membros de outras potências maçônicas	Aumentar em 15% (3046 associados)	Implementar programa de benefícios exclusivos com condições especiais para novas adesões	Diretoria de marketing	12 meses
Número de familiares associados (cunhadas e sobrinhos)	Aumentar em 100% (116 associados)	Criar pacote de benefícios específicos para familiares e implementar campanha de comunicação direcionada	Diretoria de marketing	12 meses
Taxa de conversão de <i>prospects</i> em associados	Estabelecer presença em 50 Lojas de outras potências reconhecidas  Atingir 40% de conversão	Desenvolver rede de embaixadores institucionais e realizar apresentações estruturadas sobre benefícios da AMABE  Estruturar funil de aquisição com material informativo, aproximação com Veneráveis Mestres, visitas, depoimentos e demonstração de benefícios	Diretoria de marketing	12 meses

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Quadro 05 – Expandir e qualificar o portfólio de benefícios, também aprimorando a experiência do usuário

Indicadores de desempenho	Metas	Iniciativas estratégicas	Responsáveis	Prazo
Número de benefícios disponíveis	Ampliar em 300% (considerando os dois atuais – pecúlio e auxílio funeral)	Desenvolver programa estruturado de parcerias estratégicas, priorizando inicialmente provedores de serviços vinculados à GLEPA e posteriormente expandindo para o mercado geral, com foco em saúde, educação e assistência jurídica	Diretoria de marketing	18 meses
Taxa de utilização dos novos benefícios	Alcançar 20% de adesão efetiva aos novos benefícios entre os associados	Desenvolver e implementar programa integrado de comunicação multicanal com segmentação por perfil demográfico, comportamental e de necessidades dos associados, complementado por ciclos educativos estruturados sobre propostas de valor e procedimentos de acesso	Diretoria de marketing	18 meses
Índice de satisfação com benefícios (NPS)	Atingir pontuação 9 (90% de satisfação)	Conduzir pesquisa abrangente de necessidades e expectativas (semestral), redesenhar portfólio com base em dados e implementar sistema de avaliação contínua pós-utilização	Diretoria de marketing	12 meses
Valor percebido dos benefícios	Alcançar percepção de valor 3x superior à contribuição mensal	Desenvolver calculadora de valor demonstrando economia obtida com uso dos benefícios e comunicar periodicamente aos associados	Diretoria de marketing	09 meses

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Quadro 06 – Modernizar a governança institucional

Indicadores de desempenho	Metas	Iniciativas estratégicas	Responsáveis	Prazo
Índice de conformidade com boas práticas de governança	Atingir 80% de aderência às melhores práticas do setor	Implementar <i>framework</i> híbrido de governança baseado em: (1) Diretrizes do IBGC para organizações associativas, (2) Critérios do Selo DOAR (2023) para transparência financeira, (3) Princípios do Charity Governance Code (2023) para gestão de <i>stakeholders</i> , e (4) Componentes específicos alinhados à tradição maçônica. Conduzir diagnóstico inicial, revisão do estatuto e implementação gradual com verificação externa ao final do processo.	Conselho deliberativo	24 meses
Efetividade da comunicação institucional	Obter 85% de aprovação na avaliação de comunicação pelos associados	Contratar agência de comunicação especializada para renovação da identidade visual, desenvolvimento de canais integrados e produção de conteúdo estratégico para relacionamento com associados e mercado	Diretoria de marketing	6 meses
Índice de transparência administrativa	Alcançar 100% de transparência em decisões e aplicações de recursos	Implementar portal de transparência com publicação regular de relatórios financeiros e administrativos, acessível a todos os associados	Conselho <u>deliberativo</u> e Presidência	6 meses
Reestruturação organizacional	Implementar 100% da nova estrutura diretiva	Criar e operacionalizar novas diretorias especializadas (Financeira, Marketing, e Relações institucionais) com atribuições e responsabilidades claramente definidas.	Conselho <u>deliberativo</u> e Presidência	6 meses

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

Quadro 07 – Fortalecer a cultura de inovação e melhoria contínua

Indicadores de desempenho	Metas	Iniciativas estratégicas	Responsáveis	Prazo
Horas de capacitação da equipe diretiva	Mínimo de 40 horas anuais por dirigente em temas de inovação e gestão	Programa estruturado de desenvolvimento de competências em inovação, tecnologia e gestão associativa contemporânea	Conselho <u>deliberativo</u> e Presidência	12 meses
Número de parcerias estratégicas estabelecidas	Firmar pelo menos 5 parcerias com instituições de referência	Estabelecer convênios com entidades acadêmicas, associativas e empresariais para intercâmbio de conhecimentos e metodologias de gestão	Conselho <u>deliberativo</u> e Presidência	12 meses

Fonte: elaborado pelo autor (2025)

## 5. Considerações finais

O presente PE da AMABE representa uma contribuição na trajetória da organização, constituindo uma transição deliberada de práticas de gestão empíricas para uma abordagem cientificamente fundamentada e alinhada à boas práticas contemporâneas de governança associativa.

A pesquisa diagnóstica realizada revelou convergência com a literatura especializada em gestão de entidades beneficentes do terceiro setor, confirmando que a

percepção de valor pelos associados está diretamente relacionada à qualidade da governança, transparência administrativa e adequação dos benefícios às expectativas contemporâneas. As quatro dimensões estratégicas priorizadas – sustentabilidade financeira, ampliação da base associativa, qualificação de benefícios e modernização da governança – apresentam interdependências significativas, corroborando a eficácia da abordagem sistêmica para organizações do terceiro setor. A adaptação do modelo BSC ao contexto maçônico demonstrou-se particularmente adequada ao equilibrar os imperativos de modernização administrativa com a preservação dos valores e princípios que fundamentam a tradição institucional.

Para garantir a efetiva implementação deste planejamento, recomenda-se a criação de uma estrutura de governança específica com responsabilidade final atribuída à presidência e seu conselho gestor. O acompanhamento deverá seguir ciclos estruturados de revisão: (1) operacional - mensal, conduzida pelas diretorias; (2) tática - trimestral, conduzida pela presidência; e (3) estratégica - semestral, conduzida pelo conselho. Relatórios de progresso deverão ser compartilhados periodicamente com os associados, assegurando transparência e possibilitando ajustes quando necessário. A avaliação anual deverá incluir pesquisa com os associados para mensurar o impacto percebido das iniciativas implementadas, completando o ciclo de aprendizado organizacional.

Ademais, tem-se que os objetivos do estudo foram alcançados. A principal contribuição teórica deste trabalho reside na adaptação do modelo BSC ao contexto específico de uma associação beneficente maçônica, demonstrando a flexibilidade e aplicabilidade desta metodologia em organizações com características culturais singulares. No âmbito prático, este caso tem o potencial de ir extrapolar as especificidades locais da AMABE, oferecendo um *framework* potencialmente replicável para entidades congêneres, com capacidade de elevar os seus padrões de governança.

Como limitações do estudo, reconhece-se a necessidade de validação longitudinal das metas e indicadores propostos, bem como desafios potenciais relacionados à resistência cultural a mudanças em instituições tradicionais. Pesquisas futuras poderão explorar a eficácia comparativa dos diferentes modelos de governança aqui recomendados e o desenvolvimento de métricas específicas para avaliação de impacto social em organizações maçônicas beneficentes. Igualmente, a acentuada preponderância de maçons entre os respondentes implicou que os resultados e as percepções aqui delineados refletem, majoritariamente, a perspectiva deste grupo - embora a pesquisa vise abranger o espectro completo de associados, as necessidades específicas ou

visões divergentes das cunhadas e sobrinhos podem estar sub-representadas ou possuir menor visibilidade estatística nos resultados agregados. Esta característica da amostra deve ser considerada na interpretação dos achados e no delineamento de estratégias futuras.

O alinhamento com os ODS da ONU (especificamente ODS 3, 16 e 17) evidencia o potencial de contribuição da AMABE para agendas mais amplas de desenvolvimento social, posicionando-a como agente de transformação positiva na comunidade maçônica. As metodologias de governança sugeridas, particularmente o *framework* híbrido baseado nas diretrizes do IBGC, Selo DOAR e *Charity Governance Code*, adaptadas ao contexto maçônico, oferecem um caminho estruturado para institucionalização das boas práticas propostas.

Destarte, este estudo configura-se não apenas como um instrumento de gestão, mas como expressão do compromisso da comunidade maçônica com a excelência administrativa e a geração de valor sustentável para seus membros. Busca-se, assim, conciliar a preservação dos valores fundamentais da instituição com as demandas contemporâneas por eficiência, modernização, transparência e relevância social.

## Referências

- CHARITY GOVERNANCE CODE. *Good governance: a code for the voluntary and community sector*. 4. ed. London: Charity Commission, 2023.
- CORNISH, F. et al. Participatory action research. *Nature Reviews Methods Primers*, [s.l.], v. 3, n. 1, p. 34, 2023. Disponível em: <https://www.nature.com/articles/s43586-023-00214-1>. Acesso em: 17 jan. 2025.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. 6th ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2022.
- DRUCKER, P. F. *Administração de organizações sem fins lucrativos: princípios e práticas*. 2. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2010.
- FEATUREDCUSTOMERS. *Fall 2023 Net Promoter Score (NPS) Software Customer Success Report*. Sunrise, FL, EUA: FeaturedCustomers, nov. 2023. Disponível em: [https://cdn.featuredcustomers.com/customer\\_success\\_report/FC-CUSTOMER-SUCCESS-REPORT-FALL-2023-NET-PROMOTER-SCORE.pdf](https://cdn.featuredcustomers.com/customer_success_report/FC-CUSTOMER-SUCCESS-REPORT-FALL-2023-NET-PROMOTER-SCORE.pdf). Acesso em: 7 jun. 2025.
- GILBERT, C. G. Unbundling the structure of inertia: resource versus routine rigidity. *Academy of Management Journal*, Briarcliff Manor, v. 48, n. 5, p. 741–763, 2005.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 7. ed. [3. reimpr.]. São Paulo: Atlas, 2021.
- GLEPA. GRANDE LOJA MAÇÔNICA DO ESTADO DO PARÁ. *Estatuto da Associação Maçônica Beneficente – AMABE*. 08 mar. 2021.
- GRANT, M. J.; BOOTH, A. A typology of reviews: an analysis of 14 review types and associated methodologies. *Health*

- Information and Libraries Journal*, [s.l.], v. 26, n. 2, p. 91–108, 2009.
- IBGC. INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA. *Guia das melhores práticas de governança para organizações do terceiro setor*. 2. ed. São Paulo: IBGC, 2021.
- INSTITUTO DOAR. *Certificação Selo Doar: critérios para avaliação de organizações da sociedade civil*. São Paulo: Instituto Doar, 2023.
- ISMAIL, K. *O livro do venerável mestre*. 2. ed. Brasília, DF: No Esquadro, 2024. ISBN 978-65-993785-6-0.
- KAPLAN, R. S.; NORTON, D. P. *Mapas estratégicos: convertendo ativos intangíveis em resultados tangíveis*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2018.
- \_\_\_\_\_. Transforming the Balanced Scorecard from performance measurement to strategic management: Part I. *Accounting Horizons*, Sarasota: American Accounting Association, v. 15, n. 1, p. 87-104, mar. 2001.
- \_\_\_\_\_. Having trouble with your strategy? Then map it. *Harvard Business Review*, Boston, v. 78, n. 5, p. 167-176, set./out. 2000.
- \_\_\_\_\_. *United Way of Southeastern New England*. Harvard Business School Case 197-036. Boston: Harvard Business School, 1996.
- \_\_\_\_\_. The Balanced Scorecard: Measures that drive performance. *Harvard Business Review*, Boston, v. 70, n. 1, p. 71-79, jan./fev. 1992.
- MADSEN, D. Ø. Balanced Scorecard: history, implementation, and impact. *Encyclopedia*, Basel, v. 5, n. 1, p. 39, 2025. DOI: 10.3390/encyclopedia5010039.
- MARINHEIRO, C. Beneficência. *Ciberdúvidas da Língua Portuguesa*, Lisboa, 10 mar. 2003. Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/pergunta.php?id=11505>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- MEIRA, V. M. et al. Balanced Scorecard Sustentável – uma revisão da literatura. In: *Anais do VIII SINGEP – Simpósio de Gestão de Projetos e Eventos*, São Paulo, SP, Brasil, 20 a 23 de maio de 2020. Universidade Federal do ABC, 2020. Disponível em: <https://submissao.singep.org.br/8singep/arquivos/365.pdf>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- NORTHCOTT, D.; TAULAPAPA, T. M. Using the balanced scorecard to manage performance in public sector organizations: issues and challenges. *International Journal of Public Sector Management*, [s.l.], v. 25, n. 3, p. 166–191, mar. 2012.
- ONU. ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Times of crisis, times of change: science for accelerating transformations to sustainable development, is the second quadrennial Global Sustainable Development Report*. 2023. Disponível em: [https://sdgs.un.org/sites/default/files/2023-09/FINAL%20GSDR%202023-Digital%20-110923\\_1.pdf](https://sdgs.un.org/sites/default/files/2023-09/FINAL%20GSDR%202023-Digital%20-110923_1.pdf). Acesso em: 19 abr. 2025.
- PIEGAS, R. B. *A adaptação do Balanced Scorecard aos princípios da nova gestão pública voltada ao planejamento estratégico: revisão integrativa da literatura*. 2024. Dissertação (Mestrado Profissional em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Fundação Getúlio Vargas, 2024. Defesa em 6 de maio de 2024. Disponível em: [https://bdt.ibict.br/vufind/Record/FGV\\_5699d3675d25bfeaa2865cbd7030f6f3](https://bdt.ibict.br/vufind/Record/FGV_5699d3675d25bfeaa2865cbd7030f6f3). Acesso em: 9 jun. 2025.
- PORTER, M. E. *Estratégia competitiva: técnicas para análise de indústrias e da concorrência*. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.
- SINGH, Y. Beneficence — An ethical dilemma. *Medium*, [s.l.], 1 ago. 2020. Disponível em: <https://medium.com/@zbt/beneficence-an-ethical-dilemma-a68b5a9fb6a3>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- SYDOW, G.; SCHREYÖGG, G.; KOCH, J. Organizational path dependence: opening the black box. *Academy of Management Review*, [s.l.], v. 34, n. 4, p. 689–709, out. 2009.
- TAWSE, A.; TABESH, P. Thirty years with the balanced scorecard: What we have learned. *Business Horizons*, [s.l.], v. 65, n. 4, p. 483–493, jul./ago. 2022.
- VESCO, A. (org.). *Fundamentos do terceiro setor: entidades sem fins lucrativos*. Mafra, SC: Editora UnC, 2020.
- VOLPATO, G. *Método lógico para redação científica*. São Paulo: Best Writing, 2017.
- \_\_\_\_\_. *Dicas para redação científica*. Botucatu, SP: Best Writing, 2016.
- YAWSON, R. M.; PAROS, A. K. B. Systems perspective of the use of the Balanced Scorecard for organization development and change. *Sage Open*, Thousand Oaks, v. 13, n. 4, 2023.
- YIN, R. K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 6. ed. Porto Alegre: Bookman, 2018.
- WELTERMANN, J.; HUSCHBECK, L.; MARKOVIČ, P. Hybrid management organisations and processes using the example of a non-profit organisation. In: DESA, C. (org.). *Developments in information and knowledge management systems for business applications*. Cham: Springer, 2025. p. 1-19.

## **LOJAS MAÇÔNICAS DO RIO GRANDE DO SUL FUNDADAS ATÉ O ANO DE 1900: A Maçonaria na construção de parte da história do Brasil**

(MASONIC LODGES OF RIO GRANDE DO SUL FOUNDED UP TO THE YEAR 1900:  
Freemasonry in the construction of part of Brazil's History)

Avelino Alves Mendes <sup>1</sup>

### **Resumo**

Este artigo objetiva destacar, histórica e cronologicamente, as primeiras lojas maçônicas fundadas no estado do Rio Grande do Sul, explicitando seus processos de instalação, constituição e denominações. No século XIX, o estado do Rio Grande do Sul contribuiu, mediante participações de iniciados maçons, não só para a história da maçonaria nacional como também para a história do Brasil. A maçonaria desse estado foi, ainda, um dos principais fatores de desenvolvimento social e cultural regional. O artigo, assim, tem o escopo de trazer informações relevantes para futuros estudos e novas pesquisas.

**Palavras-chaves:** Maçonaria; Primeiras Lojas Maçônicas; História da Maçonaria no Rio Grande do Sul.

### **Abstract**

This article aims to highlight, historically and chronologically, the first Masonic lodges founded in the state of Rio Grande do Sul, explaining their installation processes, constitution and denominations. In the 19th century, the state of Rio Grande do Sul contributed, through the participation of initiated Freemasons, not only to the history of national Freemasonry but also to the history of Brazil. The Freemasonry in this state was also one of the main factors in regional social and cultural development. The article, therefore, has the scope to provide relevant information for future studies and new research.

**Keywords:** Freemasonry; First Masonic Lodges; History of Freemasonry in Rio Grande do Sul.

<sup>1</sup> Graduado em Administração de Empresas. Maçom na Loja Duque de Caxias III Milênio - 237, Oriente de Caxias do Sul. Autor do livro: Ruas de Caxias do Sul: biografias e histórias. Caxias do Sul: Quatrilho, 2016. E-mail: [avelinomendes97@gmail.com](mailto:avelinomendes97@gmail.com)

## Introdução

A história da maçonaria brasileira está atrelada à história da maçonaria do Rio Grande do Sul. Ainda no século XIX, ao mesmo tempo que a maçonaria nacional fomentou a constituição de lojas maçônicas rio-grandenses, o estado do Rio Grande do Sul contribuiu, mediante participações de iniciados maçons, na política e na cultura, não só para a história da maçonaria nacional como também para a história do Brasil. Desde o início, o Rio Grande do Sul é um celeiro de lojas maçônicas, espalhadas em suas diversas cidades, ainda que, de início, nem todas as localidades tivessem sido elevadas à categoria de cidade.

Este artigo objetiva destacar, histórica e cronologicamente, as primeiras lojas maçônicas fundadas no estado que, mais ao sul do Brasil, teve a maçonaria como um dos principais fatores de desenvolvimento social, cultural e político regional. Para tanto, aponta características relevantes das lojas elencadas, por vezes correlacionando-as a eventos nacionais.

Para explicitar processos de instalação e constituição de cada loja maçônica evidenciada neste artigo, seus percursos, por vezes, adentram o século XX, ainda que não seja essa a principal intenção. No entanto, para que o leitor reconheça algumas delas, é importante mencionar o que se sucedeu nessas lojas, especialmente em termos de denominações, após o final do século XIX.

Contudo, antes do enfoque do propósito deste texto, importa contextualizar o surgimento das primeiras lojas maçônicas no país.

Embora haja discordâncias na literatura maçônica, alguns autores, como Lira (1999) e Besouchet (1985), citam que a primeira loja maçônica do Brasil é a Loja Areópago de Itambé, fundada em 1796 em Itambé, no estado de Pernambuco, que tem em seu brasão: "Berço da Maçonaria Brasileira". Mais recentemente, o Projeto de Resolução 3628/2022 confere o título de 'Cidade Berço Nacional da Maçonaria' ao município de Itambé.

Outros autores, como Castellani (1993) e Ismail (2017), consideram a Loja Cavaleiros da Luz, filiada ao Grande Oriente da França, fundada em 1797, na Bahia, em uma corveta de guerra, após sua transferência, no mesmo ano, para o povoado de Barra, na cidade de Salvador, como a primeira loja maçônica do Brasil.

Há também, segundo França (2008), outra reivindicação de primeira loja maçônica brasileira: a Loja Maçônica União, fundada em 1800 em Niterói, no estado do Rio de Janeiro, a qual tem em seu estandarte 'Primeira Loja Maçônica no Brasil'. Essa loja foi extinta em 1801 e reaberta em 1802 com o nome de Loja Reunião.

É importante salientar que o Primeiro Grande Oriente do Brasil (GOB) foi fundado em 17 de junho de 1822, contando, com base em Carolino (2003), Castella-

ni (1993), Prober (1986) e Durão (2008), com o seu primeiro Grão-Mestre José Bonifácio de Andrada e Silva. Logo em seguida, respaldado também por Cordeiro (2022), o segundo Grão-Mestre foi D. Pedro I, iniciado em 2 de agosto de 1822 na Loja Comercio e Artes, tornando-se Mestre em 5 de agosto do mesmo ano e Grão-Mestre do Grande Oriente do Brasil em 5 de outubro ainda desse ano. Com apoio em Costa (1972) e Gomes (2010), há evidências de que D. Pedro I recorreu à ordem maçônica para declarar a independência do Brasil, mesmo que, de fato, essa independência já estivesse declarada, assumindo-se ele como imperador de um novo país. Após somente 17 dias como líder da maçonaria brasileira, renunciou ao posto e instituiu o fechamento do Grande Oriente do Brasil e de todas as lojas maçônicas do país.

A partir dessa contextualização, de âmbito nacional, pode-se arrolar o surgimento de outras lojas maçônicas nas fronteiras do atual estado do Rio Grande do Sul.

## Lojas maçônicas fundadas no Rio Grande do Sul até o ano de 1900

Neste momento do texto, a análise transitará pelo processo cronológico, datando as fundações das primeiras lojas maçônicas na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul – hoje estado do Rio Grande do Sul, assim denominado após a Proclamação da República do Brasil - e discriminando as cidades onde se instalaram, além de algumas peculiaridades das lojas a serem elencadas. O marco histórico é o ano de 1831 e, a partir de então, outras datas passam a configurar no calendário de fundações de lojas maçônicas.

Antes disso, compete explicar que, embora a pesquisa tenha recolhido nomes de pessoas que foram fundadoras dessas lojas maçônicas e que integraram as suas primeiras administrações, por razões éticas, serão citados, aqui, apenas nomes de personalidades históricas e, portanto, públicas, evitando-se quebra de sigilo e possíveis não desejos de citações.

### 1831

Evidenciada por Barreto (1986) e Colussi (1998), a primeira loja maçônica rio-grandense data de 1831, denominada Loja Maçônica Philantropia e Liberdade nº 230, que teve como ata de fundação 25 de dezembro de 1831, situada em Porto Alegre (que recebeu esse nome, como cidade, em 1822). Sua potência era o Grande Oriente do Passeio (GOP), encerrado em 1855. Hoje, essa loja pertence ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGs).

Com fundamento em Celente (2004) e Colussi (op. cit.), essa loja funcionava, inicialmente, com o nome de "Gabinete de Leitura da Sociedade Continentino", o

qual era um jornal redigido por alguns membros maçons. Na parte externa do imóvel que ocupava, tinha o aspecto de um Gabinete de Leitura, mas, na realidade, era uma loja maçônica.

De acordo com Celente (op. cit.), em 1835, ano de início da Revolução Farroupilha, seu Venerável-Mestre era Bento Gonçalves da Silva. Neste período, ocorreram as primeiras reuniões motivadas pelo movimento de separação da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul do restante do Brasil. Por isso, essa loja, que abrigou outros maçons de destaque, foi considerada como o berço da Revolução Farroupilha. Segundo balaustre de reunião em 18 de setembro de 1835, foram, nessa ocasião, acertados os últimos detalhes do movimento revolucionário, posteriormente denominado Revolução Farroupilha.

Conforme GORGS (2021), essa loja maçônica permaneceu alguns anos adormecida. Foi reinstalada no dia 22 de setembro de 1972, passando a integrar o quadro de lojas do Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), tendo sido este fundado em 1893.

#### 1840

Na cidade de Rio Grande teve assento a segunda loja maçônica do estado, sendo fundada em 10 de dezembro de 1833: a Loja Maçônica Asylo da Virtude. Nesta loja, em consonância com Battu (2021), foi iniciado, em 1836, o herói farroupilha Giuseppe Garibaldi.

Apoiado em Colussi (op. cit.), essa loja não foi reconhecida oficialmente por um grande oriente. Por essa razão, foi decidida, no dia 13 de junho de 1840, a alteração da denominação da loja para União Geral. Nesse mesmo ano, Marquês do Herval foi iniciado nessa loja, na condição de militar-legalista, o que pode demonstrar que os membros da loja poderiam ser favoráveis ao Império. Cabe explicar que, inicialmente, esse iniciado simpatizava com a causa farroupilha, combatendo ao lado dos rebeldes. Quando percebeu que o movimento tinha feição separatista, com a Proclamação da República Rio-Grandense, também denominada República de Piratini em 11 de setembro de 1836, passou a integrar o Exército Imperial, no qual permaneceu até o final da guerra em 1845.

Ainda com base em Colussi (op. cit.), nessa loja foi assinado, em 1845, o Tratado de Paz por representantes do Império e o General Bento Gonçalves, finalizando a Revolução Farroupilha.

Essa loja recebeu sua Carta Constitutiva em 1847 por Bento Gonçalves da Silva.

Com aporte em M33 (2022), nova alteração de nome ocorreu em 1848, assumindo a denominação de Loja Maçônica União Constante nº 210, funcionando até a atualidade.

Essa loja passou, a partir de 1872, a pertencer ao

Grande Oriente Unido do Brasil (GOU), sendo que este funcionou em um pequeno período (1871-1879).

Nesse interim, consoante Colussi (op. cit.), no ano de 1875, em um prédio em estilo neogótico, foi inaugurado seu templo, que guarda algumas relíquias, como bustos de filósofos e pensadores maçônicos, seu estandarte bordado em ouro, consoles e estátuas em mármore vindas de Portugal, diversos mobiliários antigos, além de espelhos venezianos. Outra relíquia é a Bíblia utilizada na loja, que é uma edição de 1848, a qual foi ofertada pelo, também maçom, escritor francês Victor Hugo. Outra curiosidade relevante é que essa loja comprou várias cartas de alforrias de escravos.

A partir de 1895, tal loja passou à jurisdição ao então recém-inaugurado Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS), funcionando até a atualidade e sendo a mais antiga loja maçônica em atividades ininterruptas desse estado.

#### 1849

Em 6 de dezembro de 1849 foi fundada, na cidade de Jaguarão, conforme consta em site da Secretaria de Cultura e Turismo de Jaguarão (2024), a Loja Maçônica Luz Transatlântica nº 340.

Com assente em dados da Câmara Municipal de Vereadores de Jaguarão (2022), seus fundadores foram portugueses, espanhóis e outras personalidades jaguarenses. Contudo, o templo só foi inaugurado em 1854, junto à Praça da Matriz, hoje Praça Dr. Alcides Marques, sendo a segunda loja maçônica mais antiga em atividades ininterruptas no Rio Grande do Sul.

#### 1855

Em 25 de agosto de 1855, foi fundada, na cidade de Pelotas, a Loja Maçônica Honra e Humanidade, hoje Loja Fraternidade.

Explicitado por Abiff (2023), essa loja tem como precedentes outras lojas que, indireta e historicamente, a constituíram. Em 15 de novembro de 1843, foi instalada a Loja Maçônica Protectora da Orphandade, primeira loja maçônica de Pelotas. Em 7 de dezembro de 1847, a Loja Maçônica Commercio e Industria foi a segunda loja fundada em Pelotas. Por motivos de precárias situações financeiras dessas duas lojas, em 3 de fevereiro de 1853, houve uma fusão de ambas, que deu origem à Loja Maçônica União e Concórdia. Como ambas tinham templo, o da Protectora da Orphandade foi vendido com a finalidade de pagamento de dívidas. Assim, a nova loja passou a funcionar no prédio da também extinta Loja Maçônica Commercio e Industria, que abateu colunas no início de 1855.

Apoiado no mesmo autor, em 25 de agosto de 1855 foi fundada a Loja Maçônica Honra e Humanidade, tendo quase a totalidade de seus membros oriundos da

antiga Loja União e Concórdia. O prédio edificado para abrigar o templo da nova loja ainda está no centro de Pelotas, onde, atualmente, funciona a Loja Maçônica Fraternidade, que, a exemplo das anteriores, passou por um longo processo de transformação: em 13 de março de 1871 foi fundada a Loja Maçônica dos Artistas de Pelotas, que abateu colunas em 14 de novembro de 1881; nesse mesmo ano, no dia 17 de novembro foi inaugurada a Loja Maçônica Rio Branco, com a maioria dos membros provenientes da Loja dos Artistas, mas aquela também encerrou suas sessões.

Mesmo não sendo objeto de análise neste artigo, pois essa demanda explicativa de lojas maçônicas que deram origem à atual Loja Fraternidade adentra o século XX, é importante abrir esse espaço para dar seguimento ao processo histórico de constituição dessa loja. enveredando pela fundação de outras lojas: em Capão do Leão, em 1902, foi fundada a Loja Maçônica Lealdade; já em 15 de julho de 1915 houve uma fusão das lojas Honra e Humanidade, Rio Branco e Lealdade, surgindo a Loja Unidas Honra e Humanidade, Rio Branco e Lealdade, que funcionou até 1923. Considerando que esse nome era muito extenso, no dia 6 de março de 1923 houve outra alteração de denominação, surgindo então a Loja Fraternidade, que existe até hoje. Essa loja maçônica foi uma das fundadoras, em 1928, da Potência Maçônica Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul (GLMERGS).

### 1867

Na cidade de Rio Grande, em 19 de setembro de 1867, segundo GOB-RS (2022), foi fundada a Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense nº 398.

Objetivando a edificação de prédio próprio, integrantes da loja fundaram, como sustenta Santos (2023), a Sociedade Predial Harmonia em 24 de fevereiro de 1870, iniciando as obras em 5 de setembro do mesmo ano e sendo concluídas em 1874. Essa loja passou a ter, como fachada de arquitetura neoclássica, três esculturas vindas da cidade do Porto, de Portugal, as quais simbolizam fé, esperança e caridade.

### 1869

A partir de informações fornecidas por GLOJARS (2023), em 24 de setembro de 1869, 15 irmãos que se desmembraram da Loja Progresso da Humanidade do Grande Oriente do Brasil fundaram a Loja Maçônica Luz e Ordem. Em 1872, passou a pertencer ao GOU (Grande Oriente Unido do Brasil). A oficina acabou se dividindo em Loja Maçônica Luz e Ordem nº 133 e Loja Maçônica Luz e Ordem nº 9: a primeira loja, segundo GORGS (2023), foi uma das fundadoras da Potência Maçônica Grande Oriente do Rio Grande do Sul (GORGS) em 1893, tendo seus trabalhos junto ao Palácio Maçônico desta

entidade. A segunda loja, depois de se estabelecer em diferentes endereços e filiar-se a outras potências, foi uma das fundadoras (assim como a Loja Fraternidade, já mencionada) da Potência Maçônica Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul (GLMERGS) em 1928, funcionando no andar térreo do Palácio Maçônico desta entidade, desde então não tendo atividades interrompidas.

Essas duas lojas nutrem a concepção de uma Maçonaria unida, atuando, por isso, em conjunto, como nos eventos comemorativos do sesquicentenário, promovendo Sessão Magna Pública no Templo Caldas Júnior e publicando o livro "Luz e Ordem 150 Anos", no qual há relatos das histórias dessas lojas maçônicas.

### 1873

Orientada pela potência do Grande Oriente Unido do Brasil (GOU), segundo M33 (2023 a), em 30 de abril de 1873, foi fundada a Loja Maçônica Caridade Santanense nº 2 na cidade de Santana do Livramento. Essa loja contava, inclusive, com a participação de maçons do Oriente do Uruguai. Com base no site da loja, que sublinha o título 'Histórico da Caridade Santanense' (2023), essa cidade havia sido fundada em 1823 como acampamento militar do Exército Imperial. Muitos dos militares ali assentados eram maçons e faziam sessões itinerantes em estâncias (fazendas). A Carta Constitutiva dessa loja foi expedida pelo GOU no dia 22 de setembro de 1876.

Em GLOJARS (2022) encontra-se que, no dia 22 de dezembro de 1903, através do Ato nº 252, o Soberano Mestre do Supremo Conselho e Grande Oriente do Brasil, Irmão Quintino Bocaiúva, reconheceu-a como Loja Benemerita.

Em conformidade com dados colhidos ainda em GLOJARS (op. cit.), os integrantes dessa loja, desde sua fundação, envolveram-se em atividades de benemerência, podendo-se destacar algumas importantes participações sociais e políticas. A partir da Lei do Ventre Livre, reuniram fundos para poder alforriar dezenas de afrodescendentes e lutaram pela libertação de escravos; tiveram participações ativas em movimentos que objetivavam a diminuição do analfabetismo e doaram um terreno para a edificação da hoje centenária Escola Estadual Rivadávia Correa; colaboraram para a criação do Asilo Mário Motta; contribuíram para a instalação da também centenária Santa Casa de Misericórdia dessa cidade, além de criarem, junto à loja maçônica, um refeitório para alimentação diária de pessoas menos favorecidas economicamente e de, periodicamente, desenvolverem campanhas de coletas de roupas e agasalhos destinados a pessoas que os necessitam.

Atualmente, essa loja está filiada ao GLMERGS.

**1873**

Em 25 de junho de 1873, em São Gabriel, ocorreu a reunião de criação da Loja Maçônica Rocha Negra nº 1, e no dia 29 de junho do mesmo ano ocorreu a sua fundação, sendo, então, filiada ao GOU.

Em notícia no texto 'Centenária e Misteriosa: Rocha Negra ganha um dourado no processo de revitalização do prédio' (2023), é expresso que, em sessão solene em setembro daquele ano, uma comissão reguladora presidida pelo Conde de Porto Alegre, Coronel Manuel Marques de Souza, que, mais tarde passaria ao posto de Marechal, foi efetuada a regularização dessa loja maçônica.

Como explica Camargo (2024), para que cidadãos fossem iniciados nessa loja havia o critério de apresentarem pelo menos duas cartas de alforria. Na primeira iniciação dessa loja, em 20 de setembro de 1873, ingressaram 17 novos obreiros, que cumpriram as determinações e juramentos, iniciando, assim, um dos maiores movimentos abolicionistas do país. Entre os iniciados na Ordem estava o Coronel Antônio Deodoro da Fonseca que comandava o Batalhão de Artilharia a Cavalos, sediado na cidade de São Gabriel. Posteriormente, esse maçom tornar-se-ia o primeiro presidente da República do Brasil.

Além do Conde de Porto Alegre e de Deodoro da Fonseca, essa loja contou, de acordo com dados coletados em site da Prefeitura Municipal de São Gabriel (2022), com integrantes que foram personalidades ilustres como: Jonathas Abbott (médico inglês, do corpo de saúde do exército, transferido para São Gabriel); Fernando Abbott (médico e presidente do Rio Grande do Sul por duas breves ocasiões) e o Barão de Candiota (Francisco Chagas).

Nessa loja, baseado no mesmo site público, foi celebrado, em sessão magna no dia 10 de setembro de 1884, com a alforria dos últimos 900 escravos que existiam no município, o fim da escravidão em São Gabriel. Esse evento ocorreu 4 anos antes da abolição nacional da escravatura, em 13 de maio de 1888.

Por décadas, a Loja Maçônica Rocha Negra tem auxiliado, de forma silenciosa, instituições de saúde, de ensino, de amparo a idosos.

Na notícia mencionada anteriormente, é pautado que foram maçons que, em 1878, decidiram concluir as obras da igreja, estendidas até 1924.

Importa também salientar que, com suporte em GLOJARS (2024), foi em 8 de janeiro de 1928, em Bagé, que ocorreu um célebre congresso reunindo várias lojas (algumas já citadas) com a missão de fundarem um novo oriente: Grande Loja Maçônica do Estado do Rio Grande do Sul. Devido ao motivo de tal evento ter acontecido por iniciativa desta loja, sendo seu Venerável Mestre que o presidiu, a Loja Maçônica Rocha Negra foi

contemplada com o título de Nº 1, ou seja, primeira loja do GLMERGS.

**1873**

Em 15 de novembro de 1873, na cidade de Santa Vitória do Palmar, pertencente ao GOU, foi fundada a Loja Simbólica do Indivisível.

Apontado por Rodrigues (2023), personalidades da comunidade foram seus idealizados e construíram, no mesmo ano de fundação, seu templo. Essa loja maçônica abateu colunas em 1896. Os maçons da loja anterior decidiram dar continuidade aos trabalhos e fundaram outra loja no dia 19 de agosto ainda de 1896. A nova denominação passou a ser Loja Maçônica Acácia Vitoriense nº 341.

Ainda considerando apontamentos de Rodrigues (op. cit.), entre as atividades desenvolvidas por essa loja junto à comunidade estão: auxílio na execução de uma clínica médica; construção do Ginásio Santa Vitória, que hoje é um colégio estadual; criação de uma escola e uma biblioteca para atender estudantes carentes.

A propósito dessa dedicação ao ensino, Silva (2018) ressalta a importância da maçonaria brasileira na defesa, especialmente na segunda metade do século XIX, do ensino laico, público e gratuito. Mesmo tendo mantido um expressivo número de escolas em vários estados brasileiros, a maçonaria continua despercebida pela historiografia tradicional.

**1874**

Em 29 de novembro de 1874, foi fundada a Loja Maçônica Boca do Monte, orientada pelo GOB-RS (hoje pertence ao GORGS). É a loja mais antiga da cidade de Santa Maria.

Com suporte em Schwertner (2024), a loja contava, nesse ano, com 69 membros, sendo suas reuniões sediadas em diversos locais. A carta constitutiva ocorreu em solenidade oficial em 24 de junho de 1875. Em 6 de agosto de 1894, a Loja Boca do Monte passou a ser denominada Paz e Trabalho.

Outra vez, dando fluência ao processo histórico já no século XX (embora não seja o foco deste trabalho), cabe abrir um parêntesis: em 1º de maio de 1906, levando em conta relato de Schwertner (op. cit.), a Loja Paz e Trabalho agregou as Lojas Deus e Humanidade e Luz e Fraternidade, formando-se, então, a Loja Maçônica Luz e Trabalho nº 85, que permanece, apesar de alterações de nomes, ininterrupta até nossos dias.

**1887**

Em 1º de janeiro de 1887 foi fundada a Loja Maçônica Força e Fraternidade nº 284 na Freguesia de Santa Teresa de Caxias (hoje Caxias do Sul). Assentido por

Poletto (1994), sua Carta Constitutiva foi emitida no dia 15 de outubro de 1887.

Consoante dados providos por Adami (1971), foi a primeira loja maçônica a ser criada na região e tinha como principal missão prestar auxílio aos familiares de irmãos em caso de morte ou invalidez.

Os principais fundadores e membros da primeira administração da loja, segundo Giron (2023), foram Irmãos (que, conforme explicitado na introdução deste texto, não serão citados por questões éticas) provenientes de lojas existentes em outras cidades.

Como aponta Rela (2004), devido a questões, principalmente com a igreja católica, essa loja ficou adormecida entre 1890 e 1894.

Poletto (op. cit.) descreve que essa loja foi reaberta em 3 de maio de 1894, em funcionamento até 4 de fevereiro de 1903. De 1887 a 1903 o número de obreiros chegou a 152.

Para efeito de explicação, ainda adentrando o século XX, em razão de decretação de suspensão da loja por um ano pelo Grão-Mestre, em 27 de maio de 1903, conforme ata lavrada pela comissão incumbida de realizar o encerramento dos trabalhos, a loja abateu colunas.

Cabe salientar que, em uma época de muitos preconceitos na localidade, nessa loja não havia diferenças racial e de classe entre os Irmãos. Um dos exemplos foi o Venerável-Mestre José Cândido de Campos Júnior, denominado, na época, mulato, que também foi intendente eleito de Vila Caxias em 1902.

A Loja Força e Fraternidade, com aporte em Giron (op. cit.), foi reaberta novamente em 13 de abril de 1988, funcionando até hoje.

## 1894

Já em época da República, em 6 de setembro de 1894, conforme M33 (2023 b), foi fundada, na cidade de Bento Gonçalves (assim denominada em 11 de outubro de 1890), a Loja Maçônica Concórdia nº 235. Como explana Poletto (op.cit.), essa loja foi regularizada em 9 de setembro de 1894, com templo inaugurado em 24 de julho de 1897, que, em função de discórdias, foi desapropriado pela prefeitura.

Depois de 16 anos de atividades, já no século XX, no dia 6 de setembro de 1910, abateu colunas. Elucidado por Poletto (op. cit.), através do Ato nº 175, o presidente do Superior Tribunal do Estado e Grão Mestre do Grande Oriente do Rio Grande do Sul nomeou uma comissão de maçons com o objetivo de recolherem os pertences da Loja Concórdia. Porém, não foi possível recolhê-los todos, pois grande parte do acervo dessa loja, como documentos e livros, foram coletados pela Igreja Católica, a qual, combatendo a maçonaria, instigava a comunidade a não dar emprego a membros da

ordem e não comprar em estabelecimentos cujos proprietários eram maçons. Os bens restantes da Loja Concórdia foram incorporados, mediante documento emitido pelo Grão Mestrado do GORGS, em 14 de junho de 1922.

Essa loja teve várias tentativas de reabertura. Continuando sua história no século XX, segundo o mesmo autor, em 1943, com a criação de um triângulo, funcionou no sótão da residência de um dos Irmãos, recebendo a denominação de Sublime Triângulo União, Luz e Caridade. Passou à categoria de loja em 8 de janeiro de 1944. Esta foi regularizada no dia 20 de janeiro desse mesmo ano. Transferiu seu endereço para um prédio de alvenaria em 1946. Abateu colunas.

No dia 14 de abril de 1950 foi fundado outro triângulo: Ciência, Fé e Lei que, no dia 24 de novembro desse corrente ano, foi transformado em loja maçônica com o antigo nome: Concórdia, funcionando nas dependências do Centro Espírita Joaquim Cacique de Barros. Novamente abateu colunas em 1957.

Renomeado como Triângulo Concórdia, em 1963, voltou às atividades, ainda funcionando no mesmo Centro Espírita. Conforme GORGS (2024), foi elevado à categoria de loja em 1969, quando retornou ao nome da data da fundação: Loja Concórdia. Permanece atuante até nossos dias.

## 1896

Em 18 de junho de 1896, em Camaquã, foi fundada, segundo M33 (2024), a Loja Maçônica Vanguarda nº 047.

Em registros do GORGS (2022), essa loja sempre se dedicou a significativas atividades sociais e à beneficência, sendo mantenedora de várias entidades, entre elas: Fundação Assistencial e Beneficente Camaquã (FUNBECA); Hospital Nossa Senhora Aparecida (HNSA); Fundação de Ensino Superior da Região Centro-Sul (FUNDASUL). Além disso, há mais de 20 anos, integra o quadro de apoiadores da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE).

## 1899

Na cidade de São Francisco de Assis, em 10 de março de 1899, de acordo com M33 (2021), foi fundada a Loja Maçônica Fraternidade II nº 461.

Já no século XX, por motivos de perseguições e devido à Revolução de 1923, que atingiu a cidade, essa loja abateu colunas nesse ano.

Voltou a reabrir com o mesmo nome, baseado em GORGS (2020), somente em 2006, mas funcionando na cidade de Santiago, com participação decisiva da Loja Estrela Santiaguense nº 304.

Contudo, era grande o desejo de retorno à cida-

de de origem: em 29 de outubro de 2017, finalmente, houve a Sagração do Estandarte da Loja Fraternidade II nº 461, com templo próprio na cidade de São Francisco de Assis, mais de um século após sua primeira fundação.

### Concluindo a revisão de dados sobre a base de construção da maçonaria no estado do Rio Grande do Sul

Transitar pela história das primeiras lojas maçônicas constituídas no Rio Grande do Sul é condição para a análise e a compreensão do processo histórico no qual foi se definindo a maçonaria nesse estado.

Mediante o resgate de principais situações e características de atuação de cada uma das primeiras lojas maçônicas fundadas ainda no século XIX no Rio Grande do Sul pode-se correlacioná-las à história regional e nacional e, sobretudo, aos contextos sociais, culturais e políticos que as mobilizaram ao mesmo tempo que essas lojas os engendraram.

Ainda que os limites deste texto possibilitem exposições resumidas das histórias construídas pelas lojas maçônicas destacadas, este artigo cumpre sua função de trazer informações relevantes para futuros estudos e novas pesquisas.

### Referências bibliográficas

ABIFF, Frater Rosemaat. Canal do Youtube: *Pelotas Oculta*. Vídeo: *A história da Maçonaria em Pelotas - RS*. Disponível em: <https://youtu.be/ydMuiHfyb20?si=RMFupVy3fBAoAkSR>. Acesso em 24 de julho de 2023.

ADAMI, João Spadari. *História de Caxias do Sul – I tomo: 1864 – 1970*. Caxias do Sul: Edições Paulinas, 1971.

BARRETO, Abeillard. *Primórdios da Imprensa no Rio Grande do Sul. Comissão Executiva do Sesquicentenário da Revolução Farroupilha*. Porto Alegre: Editora Corag, 1986.

BATTU, Walmir. *Maçons que mudaram a Maçonaria: Giuseppe Garibaldi - Cad. XXVI - "Giuseppe Garibaldi"*. Academia Maçônica de Letras, Ciências e Artes do Nordeste. Disponível em: [https://www.triplov.com/carbonaria/walmir\\_battu/garibaldi/garibaldi.htm](https://www.triplov.com/carbonaria/walmir_battu/garibaldi/garibaldi.htm). Acesso em 20 de out. de 2021.

BESOUCHET, Lídia. *José Maria Paranhos: Visconde do Rio Branco: ensaio histórico-biográfico*. Tradução de Vera Mourão - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

Câmara Municipal de Vereadores de Jaguarão. *170 anos da Loja Maçônica Luz Transatlântica*. Disponível em: [www.camarajaguarao.rs.com.br](http://www.camarajaguarao.rs.com.br). Acesso em 22 de set. de 2022

CAMARGO, Waldir Ferraz de. *Maçonaria e a escravidão: breve relato sobre a Rocha Negra*. Disponível em: <https://sampi.net.br/bauru/noticias/2138344/articulas/2020/02/maconaria-e-a-escravidao--breve--relato-sobre-a-rocha-negra>. Acesso em 21 de fev. de 2020

CAROLINO, Aildo. *1822 – A Fundação do Grande Oriente do Brasil e a Independência*. Disponível em: <https://gob-rj.org.br/portal/1822-a-fundacao-do-grande-oriente-do-brasil-e-a-independencia>. Acesso em 23 de set. 2023.

CASTELLANI, José. *História do Grande Oriente do Brasil. A Maçonaria na história do Brasil*. Brasília: Gráfica e Editora do Grande Oriente do Brasil, 1993.

CELENTE, Antônio Cesar. *Epopeia Farroupilha e a Maçonaria Rio-Grandense*. Porto Alegre: Casa do Pensamento Livre, 2004.

*Centenária e Misteriosa: Rocha Negra ganha um dourado no processo de revitalização do prédio*. Disponível em: <https://n1noticia.wordpress.com/2018/02/09/centenaria-e-misteriosa-rocha-negra-ganha-um-dourado-no-processo-de-revitalizacao-do-predio/>. Acesso em 16 de ago. de 2023.

COLUSSI, Eliane Lucia. *Plantando ramos de acácia: a maçonaria gaúcha na segunda metade do século XIX*. Tese. *Curso de Pós-Graduação em História (Doutorado em História)* PUCRS. Porto Alegre, 464 p., 1998.

CORDEIRO, Tiago. *Arquivo Aventuras na História*. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/desventuras/como-dom-pedro-i-entrou-para-maconaria.phtml>. Acesso em 28 de nov. de 2022.

COSTA, Sérgio Corrêa da. *As quatro coroas de D. Pedro I*. Rio de Janeiro: Casa do livro, 1972

DURÃO, João Ferreira. *Pequena História da Maçonaria no Brasil 1720 – 1882*. São Paulo: Madras Editora, 2008.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Visões do Rio de Janeiro Colonial: antologia de textos (1531-1800)*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. 2008.

GIRON, Loraine Slomp. *Maçonaria X Igreja: luta pela hegemonia*. Disponível em: <http://historiadaqui.blogspot.com.br/2011/10/caxias-1925-cinquentenario-da-imigracao.html#!2012/03/maconaria-x-igreja-luta-pela-hegemonia.html>. Acesso em 27 de nov. de 2023.

GLOJARS. *Resumo Histórico dos 140 Anos da Loja Caridade Santanense Nº 2*. Disponível em: <https://www.glojars.org.br/noticias/resumo-historico-dos-140-anos-da-loja-caridade-santanense-n-2/3735>. Acesso em 21 de set. de 2022.

GLOJARS. *Loja Luz e Ordem comemora 150 anos de fundação*. Disponível em: <https://www.glojars.org.br/noticias/loja-luz-e-ordem-comemora-150-anos-de-fundacao/6207>. Acesso em 2 de ago. de 2023.

GLOJARS. *Rocha Negra Nº1, fundadora da GLMERGS, comemora 148 anos*. Disponível em: <https://www.glojars.org.br/noticias/rocha-negra-n-1-fundadora-da-glmergs-comemora-148-anos/6392>. Acesso em 28 de fev.

de 2024.

GOMES, Laurentino. *1822: Como um homem sábio, uma princesa triste e um escocês louco por dinheiro ajudaram D. Pedro a criar o Brasil – um país que tinha tudo para dar errado*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2010.

GOB-RS. *História do Grande Oriente do Brasil – Rio Grande do Sul*. Disponível em: <https://gobrs.org.br/historia-da-grande-oriente-do-brasil-rio-grande-do-sul/>. Acesso em 5 de maio de 2022.

GORGS. *Fraternidade II volta as origens*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/2017/12/01/fraternidade-ii-voltas-as-origens/>. Acesso em 7 de jun. de 2020.

GORGS. *Philantropia e Liberdade – 230*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/index.php/2017/03/13/philantropia-e-liberdade-230/>. Acesso em 22 de mar. de 2021.

GORGS. *“Vanguarda” é Benemerita*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/2017/05/22/vanguarda-e-benemerita/>. Acesso em 29 de jun. de 2022.

GORGS. *Luz e Ordem*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/2019/09/25/fundadoras-do-gorgs-e-da-glmergs-lojas-luz-e-ordem-chegam-aos-150-anos/>. Acesso em 29 de set. de 2023.

GORGS. *Em noite marcante concórdia celebra 125 anos e inaugura templo*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/index.php/2019/09/11/em-noite-marcante-concordia-celebra-125-anos-e-inaugura-templo/>. Acesso em 15 de mar. de 2024.

*Histórico da Caridade Santanense*. Disponível em: <https://caridadesantanense.com.br/historico>. Acesso em 15 de ago. 2023.

ISMAIL, Kenyo. *História da Maçonaria no Brasil*. Brasília: Escola no Esquadro, 2017

LIRA, Micheline de Souza. *A Confraria Maçônica em Itambé*. Goiânia: Goiana, 1999

M33. *Fraternidade II – 461*. Disponível em: [https://www.m33.com.br/lojas/0/23/79/177/Fraternidade\\_II](https://www.m33.com.br/lojas/0/23/79/177/Fraternidade_II). Acesso em 20 de jul. de 2021.

M33. *União Constante – 210*. Disponível em: [https://www.m33.com.br/lojas/0/23/68/423/Uniao\\_Constante](https://www.m33.com.br/lojas/0/23/68/423/Uniao_Constante). Acesso 4 de ago. de 2022.

M33. *Caridade Santanense – 2*. Disponível em: [https://www.m33.com.br/lojas/0/23/78/54/Caridade\\_Santanense](https://www.m33.com.br/lojas/0/23/78/54/Caridade_Santanense). Acesso em 23 de maio de 2023a.

M33. *Concórdia – 235*. Disponível em: <https://www.m33.com.br/lojas/0/23/5/81/Concordia>. Acesso em 2 de mar. 2023b.

M33. *Loja Vanguarda – 47*. Disponível em: <https://www.m33.com.br/lojas/0/23/11/436/Vanguarda>. Acesso em 12 de maio de 2024.

[www.m33.com.br/lojas/0/23/11/436/Vanguarda](https://www.m33.com.br/lojas/0/23/11/436/Vanguarda). Acesso em 12 de maio de 2024.

POLETTO, Darci. *Primeiras Pedras*. Bento Gonçalves: Editora do Autor, 1994.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO GABRIEL. *Loja Rocha Negra promove festa por seus 149 anos*. Disponível em: <https://www.saogabriel.rs.gov.br/noticias/loja-rocha-negra-promove-festa-por-seus-149-anos>. Acesso em 29 de set. de 2022.

PROBER, Kurt. *A Verdadeira História do Palácio Maçônico do Lavradio*. Rio de Janeiro: Editora Paquetá, 1986.

PROJETO DE RESOLUÇÃO 3628/2022 – Assembleia Legislativa do Estado de Pernambuco, 2022.

RELA, Eliana. *Nossa fé, nossa vitória: igreja católica, maçonaria e poder político na formação de Caxias do Sul*. Caxias do Sul: EducS, 2004 .

RODRIGUES, Homero Suaya Vasques. *A Maçonaria em nossa terra - suas duas lojas*. Disponível em: <http://www.planetsul.com.br/html/colunistas/colaboradores/homero/anteriores/07102003.htm>. Acesso em 5 de jun. de 2023.

SANTOS, Antonio Cleber. *Blog Café Rio Grande –Loja Maçônica Acácia Rio-Grandense*. Disponível em: <http://caferiogrande.blogspot.com/2010/07/loja-maconica-acacia-rio-grandense.html>. Acesso em 19 de jul. 2023.

SCHWERTNER, Fernando Soccal. *Loja “Luz e Trabalho” comemora 147 anos de história*. Disponível em: <https://gorgs.org.br/site/wp-content/uploads/2021/12/Discurso-aniversario-Loja-2021-1.pdf>. Acesso em 7 de fev. de 2024.

Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Jaguarão. *Loja Maçônica*. Disponível em: <https://www.turismo.rs.gov.br/turismo/atrativo/visualizar/6294>. Acesso em 7 de jan. 2024.

SILVA, Samuel Vieira da. A participação da maçonaria brasileira na defesa do ensino laico e na criação e manutenção de escolas no final do século XIX (1869-1900) no Brasil. *Dissertação*. Programa de Pós-graduação em Ensino (Mestrado). Universidade Federal Fluminense. Niterói – RJ. 280 p., 2018.

## **OS JÔNICOS E A CIÊNCIA MODERNA** (THE IONIANS AND MODERN SCIENCE)

Samuel Benedicto <sup>1</sup>  
Fabio Ytoshi Shibao <sup>2</sup>

### **Resumo**

Este estudo investigou como a integração de tecnologias modernas, particularmente a inteligência artificial (IA), pode enriquecer a prática maçônica, promovendo uma educação que valoriza tanto o conhecimento empírico quanto a sabedoria esotérica, sem comprometer suas tradições ancestrais. Concluiu-se que a aplicação dos princípios científicos jônicos e da IA na educação maçônica pode não apenas modernizar, mas também fortalecer a tradição, incentivando a investigação crítica e o uso de tecnologias avançadas. Recomenda-se que as lojas maçônicas adotem métodos de ensino que utilizem tecnologias modernas, como simuladores virtuais, para melhorar a retenção e compreensão dos ensinamentos. A formação contínua deve incluir módulos sobre a história da ciência, filosofia jônica e aplicações de IA, promovendo uma compreensão mais profunda da interconexão entre ciência e espiritualidade. A IA oferece a capacidade de personalizar o aprendizado, ajustando os conteúdos educacionais às necessidades individuais dos maçons, acelerando o processo de aquisição de conhecimento e tornando a educação mais eficaz. Essa tecnologia complementa os métodos científicos jônicos, ressoando com a prática maçônica de questionamento e busca pela harmonia universal. No contexto brasileiro, o Ensino à Distância (EaD) surge como uma solução eficiente para superar barreiras geográficas e econômicas, embora ainda haja resistências para sua plena integração na educação maçônica. Assim, a Maçonaria deve continuar a trilhar o caminho da Sabedoria, firmando seus passos pela Ciência e a Virtude, garantindo que a Ordem permaneça relevante e vibrante em um mundo em constante evolução.

**Palavras-chave:** Inteligência Artificial, Maçonaria, Educação, Ciência Jônica, Ensino à Distância (EaD).

**Abstract:** This study examines how the integration of modern technologies, particularly artificial intelligence (AI), can enrich Masonic practice by promoting an education that values both empirical knowledge and esoteric wisdom without compromising its ancestral traditions. The research concludes that the application of Ionian scientific principles and AI in Masonic education can not only modernize but also strengthen tradition by encouraging critical investigation and the use of advanced technologies. It is recommended that Masonic lodges adopt teaching methods that utilize modern technologies, such as virtual simulators, to enhance the retention and understanding of teachings. Continuous training should include modules on the history of science, Ionian philosophy, and AI applications, promoting a deeper understanding of the interconnection between science and spirituality. AI offers the ability to personalize learning by adjusting educational content to the individual needs of Masons, accelerating the knowledge acquisition process and making education more effective. This technology complements Ionian scientific methods, resonating with the Masonic practice of questioning and seeking universal harmony. In the Brazilian context, Distance Learning (EaD) emerges as an efficient solution to overcome geographical and economic barriers, although there are still resistances to its full integration into Masonic education. Thus, Masonry must continue to follow the path of Wisdom, grounding its steps in Science and Virtue, ensuring that the Order remains relevant and vibrant in an ever-evolving world.

**Keywords:** Artificial Intelligence, Masonry, Education, Ionian Science, Distance Learning

<sup>1</sup> Formado em Gestão de Supply Chain e Logística pela FMU, Especialista (lato-senso) em Controladoria e Finanças pelo SENAC e Especialista (lato-senso) em Maçonologia pela UNINTER. . E-mail: [samuel.benedicto@gmail.com](mailto:samuel.benedicto@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor Pesquisador Colaborador do Programa de Mestrado em Análise Geoambiental (PPG-MAG) da Universidade Universus Veritas / Universidade Guarulhos (UNG). Doutor em Administração de Empresas pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2011). Mestre em Ciências Contábeis pela FECAP (2008). Bacharel em Administração de Empresas pela Faculdades Associadas de São Paulo (1983). E-mail:

## Introdução

O acelerado desenvolvimento tecnológico, impulsionado pelo capitalismo contemporâneo, transformou a tecnologia em um tema central de discussão devido à sua profunda influência nas esferas sociais e ambientais. A cada instante, novas tecnologias emergem, criando tanto necessidades quanto oportunidades e frequentemente deixando as pessoas atordoadas por esse avanço incessante e rápido. Como uma montanha-russa (Sevcenko, 2002), a velocidade e a intensidade das mudanças desafiam nossa capacidade de adaptação e compreensão.

Dentro desse contexto de transformação, a Maçonaria, com suas raízes profundas na tradição e no simbolismo, busca constantemente o aperfeiçoamento do conhecimento humano por meio da interpretação de símbolos e alegorias. As Ordens Arquitetônicas, como a Jônica, não representam apenas estilos arquitetônicos, mas também filosofias de vida que influenciam a busca maçônica pela sabedoria.

A Jônia, como berço da ciência, exemplifica como a investigação científica pode coexistir com a busca espiritual e filosófica (Sagan, 1980).

O conhecimento é a busca fundamental do maçom, construído e ressignificado tanto presencialmente quanto à distância. Presencialmente, isso ocorre principalmente em Loja, por meio da prática do Ritual nas sessões maçônicas, instruções, apresentação de trabalhos e debates. Fora da Loja, o conhecimento é ampliado por meio de treinamentos e conferências sobre Liderança, Ética e Gestão, ministrados por Potências, irmãos ou até mesmo por não-maçons. À distância, o compartilhamento ocorre por correspondência ou virtualmente, por meio de *e-learning*.

Na tradição maçônica, o maçom deve mostrar seu conhecimento para qualificação em várias situações, como ao visitar uma Loja, receber um novo grau ou assumir um novo cargo. Para progredir nos graus, o maçom recebe instruções básicas nas reuniões e o ritual oferece uma síntese do conhecimento de cada grau. Em muitas Lojas no Brasil, ainda se utiliza um questionário padrão que exige respostas exatas, mas é desejável que o maçom elabore conteúdos e ressignifique o conhecimento adquirido por intermédio de sua visão e experiências. Para isso, é crucial cultivar o hábito da leitura, dialogar com outros irmãos, elaborar peças de arquitetura, apresentar oralmente em Loja e participar de debates racionais.

Desde a década de 1970, com a evolução educacional, a Maçonaria tem buscado integrar novos

métodos de ensino, preservando suas tradições. Iniciativas como o programa da *Freemason University*, em parceria com a Grande Loja de Ohio, e o *Masonic Leadership Training*, da Grande Loja da Flórida, exemplificam esse esforço, focando no desenvolvimento de lideranças maçônicas e na compreensão do ritual (Monteiro, & Ismail, 2019).

Diante desse cenário, surge a questão de pesquisa: Como a integração de tecnologias modernas, como a inteligência artificial, pode enriquecer a prática maçônica, promovendo uma educação que valoriza tanto o conhecimento empírico quanto a sabedoria esotérica, sem comprometer suas tradições ancestrais?

Pelo prisma da literatura maçônica, talvez pela gama de temas a tratar nas obras, se pode observar tratados demasiadamente pragmáticos, por vezes e obviamente sem a intenção, descredibilizando os feitos mais relevantes. Para mitigar tal carência de ideias, nada como um bom passo em direção à ciência, retornando com luz e conhecimento.

O artigo está organizado, além desta breve introdução, na próxima seção com fundamentação teórica, posteriormente os procedimentos metodológicos, depois a discussão e análise dos dados e finalmente com as considerações finais.

## Fundamentação Teórica

Os fundamentos teóricos deste estudo se baseiam na interseção entre a ciência moderna e a tradição maçônica, com um foco especial na aplicação da Inteligência Artificial (IA) e são apresentadas os filósofos jônicos, dialética, tecnologia e IA.

### Filósofos jônicos

A influência dos filósofos jônicos é crucial para a formação da ciência moderna, pois suas ideias revolucionárias contribuíram significativamente para o desenvolvimento do pensamento científico. Filósofos como Tales de Mileto, Demócrito e Anaxágoras desafiaram as explicações mitológicas e introduziram abordagens racionais e empíricas para compreender o universo.

Tales, por exemplo, é reconhecido por suas realizações em geometria e astronomia, que estabeleceram bases para métodos científicos posteriores (Gonçalves, 2017).

A Jônia, como berço da ciência, fomentou um ambiente de diversidade e liberdade de pensamento, permitindo o surgimento de ideias que viam o cosmos como um sistema ordenado e compreensível por

meio da observação e experimentação (Santos, 2009), essa tradição questionadora dos jônicos é essencial para a ciência contemporânea (Gonçalves, 2017).

### Dialética

A dialética, uma vez central no pensamento filosófico, foi marginalizada no contexto acadêmico devido ao irracionalismo pós-moderno e ao neoliberalismo econômico, que fragmentaram as análises contemporâneas (Konder, 1985).

Originalmente desenvolvida na Grécia Antiga como a arte do diálogo, a dialética evoluiu para significar o entendimento das contradições inerentes à realidade, percebendo-a como essencialmente contraditória e em constante transformação (Konder, 1985).

Kosik (2002) argumentou que a dialética se concentra na "coisa em si", exigindo esforço cognitivo para compreender a realidade além das aparências fenomenológicas. Hegel redefiniu a dialética como um processo de superação das contradições, utilizando o conceito de "Aufheben" para descrever a negação, conservação e elevação de uma realidade (Konder, 1985).

Para Marx, a diferença entre essência e fenômeno é prática, emergindo da interação cotidiana do sujeito com o mundo (Kosik, 2002). A dialética, como método crítico, busca compreender a realidade em sua totalidade, evitando a fragmentação do conhecimento (Konder, 1985).

Ao integrar contradições em uma síntese superior, a dialética oferece uma compreensão mais profunda e dinâmica do real, superando a lógica formal que tende a congelar a realidade (Castanho, 2012).

### Tecnologia

É crucial definir o conceito de tecnologia, que possui múltiplos significados. Segundo Abbagnano (2000), tecnologia pode referir-se ao estudo dos processos técnicos em um ramo industrial, ser sinônimo de técnica, representar tecnocracia como ideologia, aplicar conhecimentos científicos em várias esferas humanas ou ser a totalidade das técnicas de um grupo ou cultura, uma definição antropológica.

Vieira Pinto (2013) descreveu tecnologia como o estudo da técnica, o conjunto de técnicas de uma sociedade em um período histórico, e a ideologização da técnica. Embora frequentemente usadas como sinônimos, técnica e tecnologia não são idênticas.

Marcuse, citado por Habermas (2014), afirmou que o "a priori tecnológico" é político, pois a trans-

formação da natureza altera o homem, e as criações humanas retornam à sociedade. A tecnologia pode tanto acelerar quanto frear uma sociedade, dependendo de seu uso político. Além disso, tecnologia pode ser vista como a ciência da técnica, refletindo teorias sobre processos técnicos (Vieira Pinto, 2013).

Portanto, a tecnologia é entendida como um conjunto de técnicas, teorias sobre a técnica e suas implicações ideológicas na sociedade. Com esse conceito estabelecido, se pode explorar como a técnica se relaciona com o ser humano e o papel da tecnologia, superando a visão dualista que separa a técnica do homem.

A Jônia, com sua rica história de inovação científica, serve como um modelo para a integração do pensamento crítico e da observação empírica na prática maçônica (Ciechanowski, Jemielniak, & Gloor, 2020).

Ferramentas de IA, como o ChatGPT, têm o potencial de revolucionar a pesquisa e a análise de dados dentro da Maçonaria, permitindo uma análise mais profunda e abrangente dos textos e símbolos maçônicos (Rahman et al., 2023).

### Inteligência Artificial (IA)

A noção de que a tecnologia, especialmente nos domínios da IA e da engenharia genética, carrega consigo uma promessa de transcendência e salvação semelhante às crenças religiosas, é observada no contexto histórico de como as ideias religiosas influenciaram o desenvolvimento científico e tecnológico.

A IA pode ser discutida em termos de transferência da mente humana para máquinas, o que implica a preservação e continuidade do conhecimento humano além das limitações físicas do corpo, sendo vista como uma forma de alcançar a imortalidade do conhecimento humano (Noble, 1999).

IA como continuação do conhecimento humano é apresentada como uma extensão do mesmo, em que máquinas inteligentes são vistas como veículos para transcender as limitações humanas e potencialmente superar a inteligência humana (Noble, 1999).

Tecnologia e Conhecimento Absoluto, porque a IA é associada ao projeto de armazenar e transmitir conhecimento absoluto, sugerindo que a tecnologia pode ampliar a experiência do conhecimento humano por meio de novas formas de pensar e relacionar conceitos (Alonso & Arzo, 2002).

A vida artificial, um campo relacionado à IA, como simulação e evolução do conhecimento, é frequentemente mencionada como um meio de simular

a vida, permitindo que o conhecimento e a inteligência surjam de forma virtual e matemática (Noble, 1999).

Em síntese, há uma ilusão percebida de que a tecnologia possui qualidades virtuosas, à medida que a humanidade utiliza a tecnologia para superar adversidades naturais e instabilidade material. IA na compreensão moderna do mundo sugere que pode substituir o ser humano no âmbito da imaginação e na disseminação ideológica.

Com base nessa fundamentação teórica, o estudo buscou investigar como os princípios jônicos e a IA podem ser aplicados na educação maçônica para enriquecer a prática e o conhecimento dentro da Ordem.

### Procedimentos Metodológicos

Para investigar a aplicação dos princípios jônicos e da IA na educação maçônica, este estudo realizou uma análise documental, revisando textos maçônicos tanto históricos quanto contemporâneos. Para isso, se adotou uma abordagem metodológica que envolve a análise documental de textos maçônicos históricos e contemporâneos, a fim de compreender a integração entre ciência, tradição e tecnologia nesse contexto (Creswell & Creswell, 2017).

O objetivo foi compreender como a ciência, a tradição e a tecnologia se integram nesse contexto (Creswell & Creswell, 2017). Utilizou-se ferramentas de IA para processar grandes volumes de texto, permitindo a identificação de padrões e insights que pode aprimorar significativamente as práticas educacionais, tornando-as mais eficazes e alinhadas com as necessidades modernas.

Os procedimentos metodológicos não apenas facilitarão uma compreensão mais profunda dos textos e símbolos maçônicos, mas também explorará o potencial da IA para transformar a maneira como o conhecimento é transmitido e ressignificado na Maçonaria.

### Análise e Discussão dos Resultados

Os resultados deste estudo revelaram que a incorporação de métodos científicos jônicos e de IA na prática maçônica pode enriquecer significativamente a experiência educacional dos maçons. A IA oferece a capacidade de personalizar o aprendizado, ajustando os conteúdos educacionais às necessidades individuais dos maçons, o que acelerou o processo de aquisição de conhecimento e torna a educação mais eficaz. Essa personalização permite que cada maçom avance

em seu próprio ritmo, garantindo uma compreensão mais profunda dos ensinamentos maçônicos.

Além disso, a análise de textos revelou uma forte correlação entre os princípios de observação e experimentação dos jônicos e os métodos de ensino maçônicos. Os textos também destacaram a receptividade dos maçons à utilização de ferramentas tecnológicas para aprofundar o entendimento dos símbolos e rituais (Dwivedi et al., 2023). Essa integração não apenas preserva a tradição, mas também a revitaliza, tornando-a relevante para o contexto contemporâneo.

A Maçonaria pode se beneficiar ao integrar a IA em suas práticas. A tecnologia pode ser usada para aprofundar o entendimento dos símbolos e rituais, permitindo uma análise mais profunda e abrangente dos textos maçônicos. A IA facilita a identificação de padrões e *insights* que podem ressignificar o conhecimento adquirido, promovendo uma abordagem mais dinâmica e interativa do aprendizado maçônico. Isso é especialmente relevante em um mundo em que a informação está em constante evolução e adaptação.

O diálogo "Protágoras" de Platão ilustra a importância da sabedoria prática e da técnica (*tekhnē*) para a sobrevivência e prosperidade humana. Assim como Prometeu concedeu aos humanos o fogo e a sabedoria prática, a IA pode ser vista como uma ferramenta moderna que capacita os maçons a explorar novas fronteiras do conhecimento. A técnica, simbolizada pelo fogo, distingue o ser humano do mundo natural e permite a transformação ativa do ambiente, um conceito que se alinha com a prática maçônica de transformação pessoal e social (Platão, 2014).

Protágoras continua seu raciocínio afirmando que as artes (*tekhnē*) proporcionavam aos homens o mínimo necessário para sobreviverem em um mundo selvagem e hostil. No entanto, para realmente prosperarem, os homens precisavam se unir em grandes grupos e formar cidades. Com o surgimento das cidades, a combinação das habilidades técnicas adquiridas e a falta de equilíbrio levaram à injustiça entre os homens. Para remediar essa situação, Zeus enviou Hermes para conceder a cada homem uma parcela de justiça e pudor, essenciais para a harmonia social (Renó, Magnoni, & Irigaray, 2016).

O mito revelou que o poder de criar técnicas, simbolizado pelo fogo, distingue o ser humano do mundo natural. Enquanto os animais vivem pelo instinto, recebendo de Epimeteu atributos específicos, os humanos, devido à sua carência biológica, preci-

sam da técnica para intervir na natureza. Essa capacidade de projetar ações antes de realizá-las permite ao homem deliberar sobre a melhor vida possível, escapando do determinismo natural. Rousseau (2009), em "Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens", explorou essa ideia ao destacar que, ao contrário dos animais que apenas reagem, o homem é um agente livre capaz de escolhas deliberativas. Isso introduz universos éticos e políticos exclusivos ao humano, conferindo-lhe responsabilidade perante outros seres.

O mito de Prometeu ilustra que ao transformar a natureza para satisfazer suas necessidades, o homem também se transforma. Essa capacidade de prever o resultado de seu trabalho distingue o ser humano dos animais. Prometeu como um revolucionário, destacou que o trabalho é a categoria fundamental do ser social, porque o trabalho é um processo entre o homem e a Natureza, mediando, regulando e controlando seu metabolismo com a Natureza (Marx, 2016). O homem modifica a natureza e, simultaneamente, a si mesmo.

A mitologia grega define o homem como um ser técnico, cuja liberdade e criatividade são antinaturais (Ferry, 2009). A técnica é essencial para a sobrevivência humana, pois, ao contrário dos animais que se adaptam passivamente, o homem transforma ativamente seu ambiente (Galimberti, 2006). Enquanto alguns animais criam ferramentas simples, o homem projeta e transforma seu mundo, resolvendo suas contradições pela produção, não apenas pelo consumo.

A história da técnica coincide com a história da humanidade, não apenas como uma ferramenta, mas como parte integrante do desenvolvimento humano, moldando a sociedade e suas forças produtivas; a máquina, segundo Vieira Pinto (2013), nunca é dada, mas feita, refletindo as necessidades sociais e históricas de sua criação.

Por milhares de anos, os seres humanos concebiam uma ideia única em que o universo seria uma marionete cujos cordões eram manejados por um Deus ou Deuses invisíveis e inescrutáveis (Sagan, 1980). Surpreendentemente, há aproximados 2.500 anos, surgiu na Jônia uma ideia revolucionária para a época, considerada pelos cientistas um verdadeiro despertar: em Samos e outras colônias gregas próximas que se desenvolveram entre as ilhas e enseadas do movimentado mar Egeu oriental, pessoas passaram a difundir que tudo era feito de átomos; que as doenças não eram causadas por demônios ou Deu-

ses; que a Terra era apenas um planeta girando em torno do Sol. E que as estrelas estavam muito distantes. Tais pensamentos revolucionários deram origem cosmológica de que o Cosmos veio do Caos.

O fato de a Jônia ter sido um Reino Insular, o isolamento mesmo que parcial fomentava a diversidade e liberdade de pensamento, uma vez que cada ilha do arquipélago possuía sua política, ciência, crença e por fim, compartilhavam amigavelmente entre si (Sagan, 1980). A diplomacia incentivava a livre investigação e eliminava a necessidade a superstição como necessidade política. Precedendo drasticamente à diversas civilizações, a escrita não era monopólio intelectual dos sacerdotes, pois o ensino livre da gramática poliglota democratizou a escrita, angariando grandes feitos como por exemplo a primeira tradução do alfabeto fenício para o grego.

A visão científica humana suscitada pela busca incansável de suas origens possui uma harmonia tão incrível em nível global, que na prática, diversas culturas empregaram esforços inconscientes, de acordo com suas capacidades, a descobrir a ciência. Dentre as tais, segundo Sagan, a Jônia foi o berço da ciência. A história nos apresenta grandes cientistas jônicos como Tales de Mileto, Demócrito (430 AC, autor da palavra átomo em sua afirmação "Nada existe, a não ser átomos e o vazio") e Anaxágoras (450 AC, criador da tese em que a Lua brilha com luz refletida, explicou suas fases com geometria e abertamente declarou serem o Sol e as Estrelas pedras ardentes), tais exímios cientistas, injustamente são mencionados nos livros de história e filosofia como "pré-socráticos" como se exercessem única e deturpada missão de sustentar a filosofia até o advento de Sócrates, Platão e Aristóteles, preenchendo também com leve influência, quando na verdade os jônios denotavam em sua ciência a base contemporânea por sua tradição questionadora, bem como a crença de que para se perceber e aprender sobre a harmonia subjacente do universo, era necessária a observação e experimentação, métodos que hoje em dia dominam a ciência.

Por ora, serão apresentados alguns dos desenvolvimentos científicos, especificamente aritméticos, astronômicos e geométricos atribuídos ao primeiro cientista jônio Tales de Mileto, cidade na Ásia no outro lado de um estreito canal de água na ilha de Samos. Ele tinha viajado pelo Egito e estava a par do conhecimento da Babilônia. Consta que previu um eclipse solar e aprendeu a medir e calcular a altura de uma pirâmide a partir do comprimento de sua sombra e do ângulo do Sol em relação ao horizonte, mé-

todo hoje empregado para determinar as alturas das montanhas da Lua. Foi o primeiro a demonstrar teoremas geométricos do tipo formulado por Euclides três séculos depois, como por exemplo, a proposição de que os ângulos na base de um triângulo isósceles são iguais. Há uma evidente continuidade do esforço intelectual de Tales a Euclides e à aquisição, por Isaac Newton, dos Elementos de Geometria, que precipitou a ciência e a tecnologia modernas.

Tales tentou compreender o mundo sem invocar a intervenção de Deuses, exercendo protagonismo na investigação das causas, como o cosmos desperto, com consciência de si mesmo. Como os babilônios, acreditava que o mundo fora um dia feito de água. Para explicar a terra seca, os babilônios acrescentaram a ideia de que Marduk tinha colocado um tapete na superfície da água e amontoado sujeira sobre ele. Tales tinha uma visão semelhante, porém, como disse Benjamin Farrington, "deixou Marduk fora disso". Pela observância, de fato ele achou que a água era um princípio comum, subjacente a toda matéria, o mesmo que hoje se diz em relação a elétrons, prótons e nêutrons. Tales trouxe da Babilônia e do Egito as sementes das novas ciências da astronomia e geometria, e as regou com a inteligência e a razão que conseqüentemente brotariam e cresceriam no solo fértil da Jônia. Com o tempo, a influência jônica e o método experimental espalharam-se para todo o território da Grécia, Itália e posteriormente, Sicília.

A percepção da realidade é inerentemente subjetiva, e raramente duas pessoas captam a mesma experiência de forma idêntica. Considere, por exemplo, como um daltônico percebe a cor de uma maçã ou como alguém com limitações olfativas ou táteis experimenta suas características. Essa variação na percepção pode complicar até mesmo discussões simples sobre maçãs. Então imagine, os desafios em temas abstratos e subjetivos, como aqueles frequentemente explorados na Maçonaria, que são filtrados por sistemas de crenças e ideologias. Debates sobre a existência de verdades, as questões fundamentais da vida, e os princípios que deveriam guiar as relações humanas são complexos e deveriam ser explorados até suas últimas conseqüências conceituais e práticas (Pinheiro, 2024).

O exemplo da maçã é básico, mas imagine um mundo em que memórias sociais, políticas e históricas são constantemente moldadas não pela realidade sensorial, mas por *fake news*, agora amplificadas por ferramentas de IA, como em um "Ministério da Verdade". Embora o mundo de Orwell fosse uma disto-

pia pós-II Guerra, autores como Derosa (2017) e Tucker (2021) discutiram os perturbadores desdobramentos tecnológicos atuais que afetam a Maçonaria e a Memória, especialmente porque a Maçonaria dialoga com a realidade por intermédio de símbolos, alegorias e lendas. No passado, os símbolos superavam as limitações da linguagem ao expressar uma realidade incognoscível e duradoura. Hoje, eles também moldam realidades instantâneas.

A importância da percepção sensorial e suas conseqüências são claras: percepções limitadas ou distorcidas podem comprometer o pensamento e a cognição, criando "falsas realidades". Embora se saiba que o conhecimento não é adquirido apenas pelos sentidos, explorar esse domínio está além do escopo deste artigo.

Advindo do latim *scientia*, a ciência significa conhecimento e, num senso amplo, refere-se ao conhecimento sistemático abrangendo a observância teórica, e a experimentação prática (Pacheco, & Martins-Pacheco, 2008). Semelhantemente, a sabedoria do latim *sapere*, ou seja, saber, traz o consigo a necessidade empírica no aprendizado, bem como, a valorização e interpretação pessoal sobre a experiência. A ciência dá base sólida à Sabedoria, é o coágulo de diversas Ciências. Daí, se pode observar que a incrível contribuição do povo jônico, para o saber da humanidade, justifica plausivelmente que sua Ordem Arquitetônica, maçonicamente, seja nada menos que a "Sabedoria".

A integração de tecnologias modernas, como IA, na prática maçônica oferece uma oportunidade única de enriquecer a experiência educacional dos maçons, promovendo uma educação que valoriza tanto o conhecimento empírico quanto a sabedoria esotérica.

Os resultados indicaram que a IA pode ser usada para personalizar o aprendizado, adaptando os conteúdos educacionais às necessidades individuais dos maçons, o que acelera o processo de aprendizado e torna a educação mais eficaz.

Além disso, a análise dos textos revelou uma forte correlação entre os princípios de observação e experimentação dos jônicos e os métodos de ensino maçônicos, destacando a receptividade dos maçons à utilização de ferramentas tecnológicas para aprofundar o entendimento dos símbolos e rituais (Dwivedi et al., 2023).

A Maçonaria pode se beneficiar ao integrar a IA em suas práticas, utilizando-a para aprofundar o entendimento dos símbolos e rituais e para personalizar

a experiência educacional dos maçons. Essa integração não apenas preserva a tradição, mas também a revitaliza, tornando-a relevante para o contexto contemporâneo.

A IA, ao permitir a análise de grandes volumes de dados e a identificação de padrões, pode ajudar a ressignificar o conhecimento adquirido, promovendo uma abordagem mais dinâmica e interativa do aprendizado maçônico.

A aplicação dos métodos científicos jônicos, que enfatizam a observação sistemática e a experimentação, complementa a prática maçônica de questionamento e busca pela harmonia universal. A IA oferece novas formas de pensar e relacionar conceitos, ampliando a experiência do conhecimento humano.

Assim, a integração da IA na Maçonaria não compromete suas tradições ancestrais, mas sim as enriquece, permitindo que a Ordem continue a ser uma fonte de sabedoria e conhecimento em um mundo em constante evolução.

Essa análise sugere que ao adotar tecnologias modernas, a Maçonaria pode não apenas preservar suas tradições, mas também adaptá-las e enriquecê-las, garantindo sua relevância contínua em um cenário global em rápida mudança. A IA, ao facilitar o acesso e a interpretação do vasto conhecimento maçônico, assegura que a Ordem permaneça vibrante e significativa para as gerações futuras.

### **Considerações Finais**

A pesquisa conclui que a educação maçônica pode ser enriquecida pela aplicação dos princípios científicos jônicos e da inteligência artificial (IA). A incorporação dessas práticas não apenas moderniza o ensino maçônico, mas também fortalece a tradição ao integrar a investigação crítica e o uso de tecnologias avançadas.

Recomenda-se que as lojas maçônicas adotem métodos de ensino que incentivem a exploração do simbolismo maçônico por meio de tecnologias modernas, como simuladores virtuais. Esses simuladores podem proporcionar um ambiente seguro e controlado para a prática de rituais, melhorando a retenção e a compreensão dos ensinamentos maçônicos.

Além disso, a formação contínua deve incluir módulos sobre a história da ciência, filosofia jônica e aplicações de IA promovendo uma compreensão mais profunda da interconexão entre ciência e espiritualidade (Garcia, 2024). Ao adotar essas práticas, a

Maçonaria pode continuar a ser uma luz de sabedoria e conhecimento, guiando seus membros na busca incessante pela compreensão da verdade.

A tríade composta por ciência, educação e cultura é frequentemente destacada em programas governamentais como um indicador do desenvolvimento de uma nação. A cultura, muitas vezes associada a altos níveis de conhecimento e avanços científicos e tecnológicos, é um conceito abrangente que abarca o conjunto de conhecimentos e práticas transmitidos de geração em geração por intermédio da educação. Essa transmissão cultural permite a uma sociedade não apenas preservar, mas também aprimorar o legado de seus antepassados, facilitando uma adaptação mais confortável ao ambiente social e físico.

A ciência, como uma dimensão da cultura, fornece os fundamentos teóricos e práticos essenciais para o avanço tecnológico. No entanto, a ciência não existe isoladamente, ela coexiste com outros tipos de conhecimento, como o filosófico, o religioso e o senso comum. Essa coexistência é dinâmica e, muitas vezes, dialética, em que teses e antíteses se confrontam para gerar novas sínteses. A ciência pode enriquecer a espiritualidade maçônica, oferecendo novas formas de entender e interpretar símbolos e rituais. A IA pode atuar como uma ponte entre esses domínios, facilitando uma compreensão mais profunda e integrada.

Em resposta à questão de pesquisa sobre como a integração de tecnologias modernas, como a inteligência artificial, pode enriquecer a prática maçônica, observa-se que a IA oferece a capacidade de personalizar o aprendizado, ajustando os conteúdos educacionais às necessidades individuais dos maçons. Isso acelera o processo de aquisição de conhecimento e torna a educação mais eficaz, sem comprometer as tradições ancestrais. IA facilita a análise de grandes volumes de dados e a identificação de padrões, promovendo uma abordagem mais dinâmica e interativa do aprendizado maçônico. Essa tecnologia complementa os métodos científicos jônicos, que enfatizam a observação sistemática e a experimentação, ressoando com a prática maçônica de questionamento e busca pela harmonia universal.

A Maçonaria brasileira, em seu processo de internacionalização, alinha-se com as maçonarias dos Estados Unidos e Inglaterra, adotando o Ensino à Distância (EaD) para enriquecer a formação dos maçons.

Contudo, há diferenças, enquanto nos países desenvolvidos os cursos são curtos e focados internamente, no Brasil, assumem o formato de pós-graduação *Lato Sensu*, valorizando o título tanto quanto o conhecimento. A Escola No Esquadro destaca-se por seguir o modelo anglo-saxônico. Dada a vastidão do Brasil, suas estradas precárias e custos elevados, o EaD surgiu como solução eficiente, reduzindo custos e superando as barreiras das ausências em eventos presenciais. Apesar disso, das três iniciativas brasileiras, duas (Uniacácia e Escola No Esquadro) são independentes, mostrando que ainda há resistências para que o EaD se torne parte integral da educação maçônica no Brasil, como amplamente funciona em outros países (Monteiro, & Ismail, 2019).

Portanto, a Maçonaria deve continuar a trilhar o caminho da Sabedoria que vem do Oriente, firmando seus passos pela Ciência e a Virtude. A integração de tecnologias modernas, como a IA, não apenas preserva as tradições, mas também as enriquece, garantindo que a Ordem permaneça relevante e vibrante em um mundo em constante evolução.

#### Referências

- ABBAGNANO, N. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- ALONSO, A.; ARZOZ, I. *La nueva ciudad de Dios: un juego cibercultural sobre el tecno-hermetismo*. Madrid: Siruela, 2002.
- CASTANHO, S. E. M. Atualidade do método dialético. *Revista de Educação PUC-Campinas*, Campinas, v. 1, n. 1, p. 13–21, 2012.
- CIECHANOWSKI, L.; JEMIELNIAK, D.; GLOOR, P. A. AI research without coding: the art of fighting without fighting: data science for qualitative researchers. *Journal of Business Research*, v. 117, p. 322–330, 2020.
- CRESWELL, J. W.; CRESWELL, J. D. *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*. New York: Sage Publications, 2017.
- DEROSA, C. *A transformação social: como a mídia de massa se tornou uma máquina de propaganda*. Florianópolis: Estudos Nacionais, 2017.
- DWIVEDI, Y. K. et al. So what if ChatGPT wrote it? Multidisciplinary perspectives on opportunities, challenges and implications of generative conversational AI for research, practice and policy. *International Journal of Information Management*, v. 71, p. 102642, 2023.
- FERRY, L. *A sabedoria dos mitos gregos: aprender a viver II*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.
- GALIMBERTI, U. *Psiche e techne: o homem na idade da técnica*. São Paulo: Paulus, 2006.
- GARCIA, M. B. Using AI tools in writing peer review reports: should academic journals embrace the use of ChatGPT? *Annals of Biomedical Engineering*, v. 52, n. 2, p. 139–140, 2024.
- GONÇALVES, R. J. de A. Dupla escavação arqueológica e crítica ao despotismo metodológico da ciência moderna: contribuições da pesquisa qualitativa em geografia. *Espaço em Revista*, v. 19, n. 2, p. 36–55, 2017.
- HABERMAS, J. *Técnica e ciência como ideologia*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.
- KONDER, L. *O que é dialética*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- KOSIK, K. *Dialética do concreto*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. Livro 1, v. 1–2: o processo de produção do capital. São Paulo: José Olympio, 2016.
- MONTEIRO, R. C.; ISMAIL, K. Ensino maçônico a distância: evolução e desafios. *Revista Ciência & Maçonaria*, v. 6, n. 1, p. 65–70, 2019.
- NOBLE, D. F. *La religión de la tecnología: la divinidad del hombre y el espíritu de invención*. Barcelona: Paidós, 1999.
- PACHECO, R. L.; MARTINS-PACHECO, L. H. O que é ciência? Uma abordagem para cursos tecnológicos. In: *INTERNATIONAL CONFERENCE ON ENGINEERING AND TECHNOLOGY EDUCATION*, São Paulo, 2008. Anais [...]. São Paulo: [s.n.], 2008.
- PINHEIRO, I. A. Maçonaria e memória: um vínculo esquecido, eles perdidos. *REHMLAC+*, v. 16, n. 2, p. 135–168, 2024.
- PLATÃO. Protágoras. In: \_\_\_\_\_. *Diálogos I*. Bauru: Edipro, 2014.
- RAHMAN, M. et al. ChatGPT and academic research: a review and recommendations based on practical examples. *Journal of Education, Management and Development Studies*, v. 3, n. 1, p. 1–12, 2023.
- RENÓ, D. P.; MAGNONI, A. F.; IRIGARAY, F. *Ficção e documentário: memória e transformação social*. Rosario: UNR Editora, 2016.
- ROUSSEAU, J. J. *Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens*. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- SAGAN, C. *Cosmos*. Tradução de Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- SANTOS, B. S. de. *A crítica da razão indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2009.
- SEVCENKO, N. *A corrida para o século XXI: no loop da montanha-russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- TUCKER, J. *Liberdade ou lockdown*. São Paulo: LVM, 2021.
- VIEIRA PINTO, A. *O conceito de tecnologia*. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

## UM PONTO DE LUZ SOBRE O NUBLADO CONHECIMENTO:

### O que é maçonaria afinal?

(A POINT OF LIGHT ON THE CLOUDY OF KNOWLEDGE: What is Freemasonry anyway?)

Jocimario Alves Pereira <sup>1</sup>

#### Resumo

Objetivo deste estudo, é buscar desmitificar o que é, e o que faz a Maçonaria, trazendo luz a partir de questionamentos da própria sociedade. A metodologia adotada foi um levantamento de campo, utilizando a técnica de "bola de neve" (Snowball). Os dados foram coletados por um questionário distribuído via WhatsApp. A amostra alcançou 270 participantes de todo o Brasil, e os dados foram analisados por meio de estatística descritiva e categorização das respostas abertas. O levantamento evidenciou a necessidade de esclarecer ao público a verdadeira natureza da Maçonaria, combatendo mitos e ampliando a compreensão sobre suas práticas e princípios.

**Palavras-chaves:** Misticismo; Verdades Reveladas; Pedreiros Livres.

#### Abstract

The objective of this study is to demystify what Freemasonry is and what it does, shedding light on the topic through questions raised by society itself. The adopted methodology was a field survey using the "snowball" sampling technique. Data were collected through a questionnaire distributed via WhatsApp. The sample reached 270 participants from all over Brazil, and the data were analyzed using descriptive statistics and categorization of open-ended responses. The survey highlighted the need to inform the public about the true nature of Freemasonry, dispelling myths and enhancing understanding of its practices and principles.

**Keywords:** Mysticism; Revealed Truths; Freemasons.

<sup>1</sup> Graduado em Ciências Agrárias pela UFPB (2014), em Licenciatura Plena em Química pela FAC (2017), e em Matemática pela FABRAS (2022). Mestrado em Química pela UFRPE (2020). Doutorado em Ensino das Ciências pela UFRPE (2026).

E-mail: [mario.alves@hotmail.com](mailto:mario.alves@hotmail.com)

## Introdução

A Maçonaria, ao longo dos séculos, tem sido alvo de inúmeras interpretações, mitos e especulações. Sua natureza discreta e seus rituais simbólicos alimentam um imaginário coletivo que, muitas vezes, oscila entre a curiosidade e a desinformação (Guimarães, 2021; Rocha, 2024). Este cenário que é observado ao longo dos séculos, e necessita de estudos que dialogue de forma crítica e reflexiva sustentado na literatura e em fatos.

Nesta perspectiva, este estudo tem por objetivo, buscar desmitificar o que é, e o que faz a Maçonaria, trazendo luz a partir de questionamentos da própria sociedade. A investigação tem como base uma abordagem quanti-qualitativa, que busca compreender não apenas os aspectos objetivos da organização, mas também as percepções e dúvidas que a sociedade nutre em relação a essa instituição. Por meio de um levantamento de campo, utilizando a técnica "bola de neve" (Snowball), foi possível analisar as concepções do público sobre a Maçonaria, suas relações com membros da ordem e os principais questionamentos que emergem do desconhecimento sobre suas práticas.

Para dar enredo, o trabalho dialoga com um panorama histórico desde a Maçonaria Primitiva até a Maçonaria Especulativa ou Moderna, este estudo também examina a estrutura organizacional, os rituais e a simbologia que orientam a jornada dos membros. Mais do que uma sociedade secreta, a Maçonaria se apresenta como uma ordem iniciática que preza pelo desenvolvimento moral, intelectual e espiritual de seus integrantes, além de atuar em iniciativas filantrópicas e sociais (Guimarães, 2021; Rocha, 2024).

Assim, o presente trabalho busca não apenas esclarecer o que é a Maçonaria, mas também refletir sobre o seu papel na sociedade contemporânea, desmistificando narrativas equivocadas e oferecendo uma visão mais objetiva e fundamentada da instituição.

## A Origem da Maçonaria

A origem da Maçonaria é de difícil determinação, tanto pela escassez de registros históricos quanto pelo caráter discreto da instituição. Além disso, muitas das reflexões sobre o tema, são construções literárias, com poucas investigações científicas robustas. Particularmente, a Maçonaria é associada as guildas de pedreiros, que seriam uma espécie de associação de "trabalhadores da pedra" em tempos não definidos com precisão.

Contudo, é relevante, em um primeiro momento, distinguir que a maçonaria possui fases históricas, conforme registrado na literatura (Silva, 2010; Amaral, 2012; Costa, 2014; Souza, 2023): a Maçonaria Primitiva [refere-se a tradições e práticas anteriores à formaliza-

ção das guildas de ofício na Idade Média. Essa fase é caracterizada por lendas e ensinamentos transmitidos oralmente, sem rituais ou simbolismos estruturados (Valenciando; Miranda, 2024)], a Maçonaria Operativa [composta por confrarias de pedreiros (maçons) especializados na construção de catedrais e outras edificações em estilo gótico. Essas guildas regulamentavam a qualificação profissional e a interação com autoridades e clientes (Amaral, 2012; Sarinho, 2023)] e a Maçonaria Especulativa ou Moderna [fase que incorporou simbolismos e rituais inspirados na Maçonaria Operativa, mas com foco no aperfeiçoamento moral e espiritual dos membros, promovendo valores como fraternidade, ética e filantropia (Costa, 2014; Rocha, 2024)].

Sariho (2023, p. 60) explica,

A Maçonaria primitiva pode-se dizer que se iniciou no Egito com as antigas escolas de mistérios lá pelo ano 3.600 a.C. e foi se somando a tradições esotéricas, como a Cabala, o gnosticismo, o ocultismo, o zoroastrismo da Pérsia, as lendas de Ísis, Osíres e Hórus, os Mistérios Eleuses da Grécia Antiga, o misticismo judaico, as lendas de Hiran e do Templo de Salomão, chegando ao esoterismo ocidental com a influência da filosofia neoplatônica, neopitagórica e hermética, a alquimia espiritual, o misticismo dos sacerdotes druidas, a Ordem dos Cavaleiros Templários, a sua transformação na Ordem de Cristo em Portugal, até chegarmos à Maçonaria Operativa, que se estendeu por toda a idade Média e Renascença e envolveu a história dos operários medievais, construtores de basílicas, catedrais, igrejas, abadias, mosteiros, conventos, palácios, castelos, torres, casas nobres, mercados e paços municipais, se estendeu por todo o período medieval.

A descrição de Sarinho (2023), em particular, carece de maior corroboração, embasamento e registros históricos para sustentar de forma fiel, saindo do campo da reflexão e interpretação. Isso pode estar relacionado à tradição maçônica de transmissão de conhecimento e práticas por meio da oralidade (Amaral, 2012). No entanto, esse conhecimento acumulado ao longo de diversas culturas e práticas se associa facilmente aos elemen-

tos maçônicos modernos, como símbolos e alegorias. Um exemplo disso é o "Olho da Providência", símbolo importante na Maçonaria, descrito por Carvalho e Chaves (2015), que se relaciona à lenda de Hórus, uma divindade da Mitologia Egípcia.

Seguindo por este pensamento, é fatídico deduzir que a origem da Maçonaria tem início a pelo menos 3.600 anos antes da era cristã (Carvalho; Chaves, 2015; Sariho, 2023). No entanto, com uma lacuna de informações oficiais, que começa a ter registro já no período da Maçonaria Operativa, no ano de 1.248 na Itália, com a "Carta de Bolonha" (Blanco, 2014). Fazendo assim, um percurso histórico de aproximadamente 5 mil anos com nenhum ou pouquíssimos registros oficiais da Maçonaria, deixando um hiato, a ser preenchido com os mais diversos pensamentos teóricos, inclusive pejorativos.

Na Maçonaria Operativa, a lacuna de registros continua, pois após a "Carta de Bolonha" em 1.248, Blanco (2014) cita o "Manuscrito de Cooke" de 1.400, descrevendo o que seria obrigação de um Maçom (pedreiro, arquiteto, trabalhador da pedra). Isto seria um indício da organização maçônica, que levaria a Maçonaria Moderna. Apesar de sua organização (Maçonaria Moderna), também não tem um ponto de partida histórico, sendo o primeiro registro desta fase, a "Constituição de Anderson" no ano de 1723 no Reino Unido (Ismail, 2023).

É importante destacar que o surgimento da Maçonaria Moderna não marcou necessariamente o fim da Maçonaria Operativa, sendo provável que ambas coexistiram por um período significativo (Guedes, 2010; Rocha, 2024). Entretanto, a partir da "Constituição de Anderson" (1723), a Maçonaria Moderna iniciou a expansão das Lojas — termo que remonta aos alojamentos usados na época da Maçonaria Primitiva. Essa expansão começou no Reino Unido e, simultaneamente, no continente europeu, espalhando-se por todos os continentes em menos de 300 anos (Freitas Neto, 2017). Assim, pode-se deduzir que a partir da formação da Maçonaria Moderna, a instituição ganhou mais força e se tornou uma instituição Universal, espalhada por todo o mundo.

### Maçonaria do Conceito a Prática

O conceito de Maçonaria, é tão complexo quanto, a descrição histórica dessa instituição, contudo, embasado na literatura especializada (Barata, 1994; Guimarães, 2021; Rocha, 2024) pode se dizer que é uma ordem iniciática, de caráter discreto, em que se estabelece por meio de reflexões da ética e moral, na busca do aprimoramento pessoal, intelectual e espiritual, via estudos de símbolos e alegorias. Nesta perspectiva, é possível afirmar que a Maçonaria é uma escola de formação filosófica e sociocultural.

Seguindo por esse pensamento, é notória a con-

cordância com a explicação de Guedes (2010, p. 61), que cita, que a maçonaria é:

É uma Ordem Iniciática mundial. Alguns maçónólogos a apresentam como "Sociedade Secreta", porque possui "segredos" de reconhecimento (sinais, toques e palavras), e suas "sessões" (reuniões) não se dão publicamente. Outros a apresentam não como uma sociedade secreta, mas sim uma sociedade fechada e "discreta", pois o mundo todo reconhece sua existência, entretanto desconhecem o que se passa no interior de suas Lojas, Templos ou Oficinas (nome dado ao local de reuniões/sessões maçônicas).

Esse contexto, corrobora com o ideário da maçonaria do século XXI, de que é uma instituição discreta e não secreta, tendo em vista, que as Lojas Maçônicas (templos ou oficinas), são identificadas, seja por símbolos, fachadas, endereços divulgados na internet, sites e redes sociais, ou até mesmo registro oficial como no Brasil tem o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ). Neste sentido, Nogueira (2017, p. 54) explica que a Maçonaria "é uma instituição essencialmente filossófica, filantrópica, educativa e progressista". Isto é, não tem uma função declaradamente ou definida, que rege o conceito onde ancore uma definição fechada, mas sim, uma instituição que atua de forma discreta um processo de aprimoramento de seus participantes, assim como da comunidade onde ela está inserida.

Desta maneira, baseia-se em uma filosofia humanista, que busca o aprimoramento individual e coletivo por meio da prática de virtudes como a caridade, a tolerância, a justiça e o respeito ao próximo (Cadore; Modes; Jagmin, 2018). Um dos aspectos mais marcantes da Maçonaria é o uso de símbolos e rituais que remetem às tradições de ofícios antigos, especialmente o trabalho de construção (Costa, 2014; Souza, 2023). Esses símbolos são utilizados como ferramentas pedagógicas para o desenvolvimento moral dos membros, representando conceitos como a construção do "Templo Interior", que simboliza a busca pelo autoconhecimento e pela perfeição moral. Conforme Guimarães (2013), os rituais maçônicos influenciam o comportamento, postura e forma de pensar dos seus participantes, não apenas em suas reuniões mais em seu cotidiano.

A Maçonaria está organizada em diferentes ritos e obediências, que são as unidades básicas da organização, que sempre são subordinadas a uma "Grande Loja"

ou “Grande Oriente” que são unidade administrativas locais, regionais ou nacionais, que supervisionam e coordenam as atividades da Maçonaria em um determinado território. Cada Loja segue uma hierarquia interna, zelando pela sua administração e condução dos rituais (Vinolha; Baldissera, 2024). Os membros da Maçonaria são chamados de “irmãos” e, para ingressar, é necessário passar por um processo de iniciação, onde o candidato é submetido a “provas simbólicas” que visam representar sua passagem da ignorância para a iluminação. A iniciação é um processo profundo e simbólico (Guimarães, 2021; Rocha, 2024), cujo objetivo é despertar no novo membro o desejo de autotransformação e de servir à sociedade.

Um dos pilares centrais da Maçonaria é a filantropia, inclusive simbolicamente, é observado que no vértice do pentagrama iluminado está guardado o segredo de um ato que se pratica em silêncio, mas ressoa no firmamento da consciência. As Lojas Maçônicas ao redor do mundo estão envolvidas em diversas iniciativas beneficentes, como apoio a orfanatos, hospitais, instituições de caridade e programas educacionais. A prática da caridade é vista como uma obrigação moral de cada maçom, sendo incentivada desde início na ordem (Franco, 2018). Além disso, a Maçonaria tem como um de seus princípios a defesa da liberdade de pensamento e a busca pela verdade. A organização incentiva o debate livre e o respeito às diferentes crenças religiosas e visões filosóficas, promovendo um ambiente de tolerância e diálogo.

Ademais, cabe destacar que maçonaria não é uma religião, embora muitas vezes cercada de mistério e incompreensão, não é uma seita, nem um grupo similar, tampouco um movimento de doutrinação (Souza, 2023). Ela não promove dogmas religiosos ou políticos e não exige de seus membros a adesão a um conjunto de crenças específicas, contudo, não é aceita para fazer parte da Maçonaria pessoas que não acreditam em um “princípio criador”. No entanto, a Maçonaria valoriza a liberdade de pensamento e acredita na coexistência pacífica de diferentes crenças e ideias, incentivando o diálogo e o respeito entre pessoas de diversas convicções religiosas, políticas e filosóficas.

Ao contrário das seitas, que muitas vezes demandam obediência cega a uma liderança carismática ou a um conjunto rígido de crenças, a Maçonaria preza pela autonomia e reflexão crítica de cada indivíduo. Seus rituais e símbolos são utilizados como ferramentas de desenvolvimento moral e filosófico, e não como instrumentos de controle ou manipulação (Freitas Neto, 2017; Rocha, 2024). Cada membro é encorajado a buscar sua própria verdade e crescimento pessoal, sem imposições ou doutrinações externas. Os maçons são livres para tomar decisões e seguir suas próprias crenças. De

fato, a Maçonaria recebe pessoas de diferentes credos e promove a tolerância religiosa, funciona como um espaço de fraternidade onde a ética e os valores universais, como a justiça, a caridade e a fraternidade, são praticados, independentemente de religião ou doutrina.

### Metodologia

Esta pesquisa se configura como um levantamento de campo (*survey*) de caráter explicativo, um tipo de estudo que possibilita a construção de informações sólidas a partir de dados coletados em grandes amostras, permitindo a padronização da coleta e a categorização das ideias (Campos; Wordewotzki; Jacobini, 2021; Mattar; Ramos, 2021). Em termos de abordagem, trata-se de uma pesquisa mista, quanti-qualitativa, conforme proposto por Gil (2017) e Mattar e Ramos (2021), proporcionando uma análise completa que considera tanto aspectos objetivos quanto subjetivos da coleta de dados. Com isso, busca-se desmistificar o que é e o que faz a Maçonaria, trazendo à tona respostas às dúvidas da própria sociedade.

Cabe destacar que todos os participantes de estudo foram voluntários e anônimos, fazendo com que esta pesquisa tenha ancoramento e base sólida nos pressupostos morais e éticos da pesquisa científica, orientado pelo artigo 26, incisos 1, 5 e 7 da resolução nº 674 de maio de 2022 (Brasil, 2022). Notadamente, por necessidade de manter o anonimato, as transcrições e descrição dos pesquisados, foram identificados pelas letras “PP” de “participantes da pesquisa”, e um número hindu-arábico, como por exemplo “PP1”.

A pesquisa foi dividida em duas (02) etapas: (I) aplicação de um questionário de pesquisa (QP) para coleta de dados; (II) análise de dados coletados no questionário de pesquisa (QP). Desta maneira, formalizando um estudo coerente e organizado.

A primeira etapa – aplicação de um questionário de pesquisa para coleta de dados, o qual foi organizado com 16 questões, das quais 4 são subjetivas e 12 são objetivas.

O questionário foi estruturado no Formulário *Google* (FG), que é um dos recursos digitais da plataforma *Google*. Ele pode ser usado como um instrumento de pesquisa (Pereira; Leite, 2024), pois é um recurso gratuito, de fácil manuseio, que permite envio do questionário por um *link*, realizando a coleta de dados de modo individual, com uma tabulação imediata dos dados, de maneira sistematizada, que facilita o tratamento e construção de informações.

O *link* do questionário foi enviado via *WhatsApp* para os contatos pessoais do pesquisador. Além de solicitar a participação na pesquisa, foi pedido que os participantes repassassem o *link* para seus próprios contatos, adotando a metodologia “bola de neve” (*Snowball*). Es-

se método é relevante quando o universo da população não é completamente conhecido, mas ainda é necessária uma amostra significativa para validar os dados de um estudo (Bockorni; Gomes, 2021). Trata-se de uma abordagem proativa e eficiente para obter um volume expressivo de dados de múltiplos participantes, o que a torna adequada para um levantamento de campo.

Em seguida (segundo momento), foi realizada a análise dos dados, utilizando métricas de tratamento para abranger os aspectos da abordagem mista. Primeiramente, efetuou-se uma análise por meio da estatística descritiva, observando as tendências centrais e frequências, e categorizando as informações em quadros (Mattar; Ramos, 2021), a fim de expor o perfil dos participantes. Posteriormente, a análise prosseguiu com aspectos qualitativos, baseada na descrição de Moreira e Rizzatti (2020), adotando uma perspectiva interpretativa e ancorada na cosmovisão do pesquisador. Em que as questões abertas foram categorizadas e discutidas.

### Resultado e Discussão

O levantamento de campo, realizado por meio da técnica "bola de neve", alcançou uma amostra de 270 participantes, de uma população estimada em 169 milhões de usuários de *WhatsApp* no Brasil em 2023 (Dourado, 2024). O *WhatsApp* foi o canal utilizado para a distribuição do questionário de pesquisa. Dessa forma, a margem de erro foi calculada em 6%, com um nível de confiança de 95%, utilizando a calculadora amostral disponível no site <https://comentto.com/calculadora-amostral/> (Comentto, 2018). Esses resultados oferecem uma base segura e aceitável para a validação dos dados (Campos; Wordewotzki; Jacobini, 2021), representando a realidade dentro da margem de erro (6%) e do nível de confiança (95%).

Ao analisar as questões de 1 a 8 do questionário (perfil dos participantes), é possível descrever e expor o perfil dos participantes. Identificou-se que o grupo de respondentes abrangeu pessoas de todas as regiões do Brasil, com idades entre 18 e 66 anos, de ambos os sexos (masculino e feminino), e pertencentes a diferentes grupos étnico-raciais (brancos, pretos e pardos). Além disso, os participantes apresentavam variados estados civis, como casados, solteiros e divorciados, assim como uma diversidade de religiões e níveis de escolaridade. A renda mensal variou desde menos de um salário-mínimo até mais de 10 salários-mínimos, conforme mostrado no Quadro 1.

Quadro 1 – Perfil dos “participantes da pesquisa” (PP)

#### 1. Qual o estado de sua residência?

PB (59,2 %); PE (10,5%); RN (1,3%); PA (9,2%); AC (1,3%); MG (2,6%); RJ (1,3%); MS (1,3%); ES (3,9%); DF (6,6%); RS (1,3%); PR (1,3%).

#### 2. Qual faixa de idade se encaixa:

18 a 24 anos (10,5%); 25 a 31 anos (18,4%); 32 a 38 anos (30,3%); 39 a 45 anos (26,3%); 46 a 52 anos (7,9%); 53 a 59 anos (5,3%); 60 a 66 anos (1,3%).

#### 3. Sexo:

Masculino (76,3%); Feminino (23,7%).

#### 4. Qual sua categorização étnico-racial/cor:

Branco (47,4%); Preto (11,8%); Pardo (40,8%).

#### 5. Situação civil:

Solteiros (34,2%); Casados (61,8%); Divorciados (1,3%); Prefiro não responder (2,6%).

#### 6. Qual sua religião:

Católico (65,6%); Acredito na Natureza (1,3%); Agnóstico (1,3%); Cristão (2,6%); Evangélico (7,8%); Protestante (2,6%); Espírita (5,2%); Não definido (13,6%).

#### 7. Qual o seu nível de escolaridade:

Ensino Médio Completo (6,6%); Ensino Superior Incompleto (19,7%); Ensino Superior Completo (73,7%).

#### 8. Média salarial:

Menos de um salário-mínimo (3,3%); De 1 a 3 salários-mínimos (50%); De 4 a 6 salários-mínimos (2,3%); De 7 a 10 salários-mínimos (11,8%); Mais de 10 salários-mínimos (6,6%).

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Como exposto no Quadro 1, o perfil dos participantes da pesquisa foi bastante heterogêneo, com total voluntariedade, seguindo todos os procedimentos recomendados pela literatura metodológica (Bockorni; Gomes, 2021; Campos; Wordewotzki; Jacobini, 2021; Mattar; Ramos, 2021). Dessa forma, o estudo representou um recorte aleatório de dados para análise. Contudo, é comum que algumas concentrações ocorram em certas variáveis. Por exemplo, embora tenha havido participação de respondentes de todas as regiões do Brasil (Questão 1 – Quadro 2), observou-se uma maior predominância de residentes do Nordeste, especialmente do estado da Paraíba (59,2%). Esse fato pode ser atribuído à metodologia de coleta "bola de neve", que tende a concentrar o compartilhamento de questionários a partir do ponto inicial de disseminação (Bockorni; Gomes,

2021). No entanto, o mais relevante é que a pesquisa conseguiu uma amostra representativa e confiável, conforme já mencionado.

Observa-se uma grande heterogeneidade na idade dos participantes (Questão 2 – Quadro 2), com uma distribuição bastante variada: 18 a 24 anos (10,5%), 25 a 31 anos (18,4%), 32 a 38 anos (30,3%), 39 a 45 anos (26,3%), 46 a 52 anos (7,9%), 53 a 59 anos (5,3%) e 60 a 66 anos (1,3%). Essa diversidade etária amplia a pluralidade das opiniões, representando diferentes gerações e enriquecendo os dados coletados. Por outro lado, os dados das Questões 3 e 4 indicam uma tendência de maior participação masculina (76,3%) e uma predominância dos grupos étnico-raciais branco (47,4%) e pardo (40,8%), seguidos pelo grupo preto (11,8%). Embora esses perfis predominem entre os participantes, isso não compromete a qualidade da informação, visto que a pesquisa foi conduzida por meio da metodologia "bola de neve", que é voluntária e, portanto, aleatória.

Na questão 5, observou-se a pluralidade no estado civil dos participantes. A maioria era composta por casados (61,8%), seguidos por solteiros (34,2%) e divorciados (1,3%). Além disso, um pequeno grupo preferiu não responder (2,6%). Já na questão 6, os dados sobre religião apresentaram maior complexidade, uma vez que não foi definida uma categorização clara do que seria religião. No entanto, destacou-se uma maioria de católicos (65,6%) entre os participantes. Outros grupos identificados foram evangélicos (7,8%), protestantes (2,6%), espíritas (5,2%), agnósticos (1,3%), cristãos (2,6%), adeptos de crenças ligadas à natureza (1,3%), além de um grupo de participantes não definidos (13,6%).

Ademais, nas últimas duas questões do perfil dos participantes, questões 7 e 8, observou-se que a maioria possui ensino superior completo (73,3%), um número bastante expressivo, sugerindo que grande parte dos respondentes tem um nível de conhecimento potencialmente mais elevado para tratar do tema abordado. Além disso, 50% dos participantes indicaram uma faixa salarial de 1 a 3 salários-mínimos, o que os posiciona em uma média, evitando os extremos, o que contribui para uma análise mais equilibrada dos dados.

Identificado o perfil dos participantes da pesquisa, eles foram indagados se sabiam o que era Maçonaria - Questão 9 (de uma pesquisa que tem o objetivo de desmitificar o que é, e o que faz a Maçonaria, trazendo luz a partir de questionamentos da própria sociedade). Na questão apontado que 61,8% disseram que "sim" sabem o que é Maçonaria, enquanto 32% disseram "não", além de 5,3% que preferiram não responder. Isso é, uma amostra relevante, pois ao afirmar que sabe o que é maçonaria, traz dados mais organizados para discutir.

Para ratificar a informação de quem sabe o que é Maçonaria, na Questão 10, os 61,8% responderam que é Maçonaria. Onde foram estabelecidas oito categorias posteriores, baseada nas falas dos participantes da pesquisa (Quadro 2).

Quadro 2 – Categorização conceituais apresentados pelos PP

<b>Categoria conceitual</b>	<b>Transcrições de conceito apresentados pelos participantes da pesquisa (PP)</b>
Descrição da Maçonaria	Grupo de pessoas abastardas financeiramente, culturalmente e intelectualmente que buscam desenvolvimento pleno através de estudos, projetos e ajudas mútuas (PP1);
	Sociedade intelectual que se preocupa em ajudar e entender as questões pessoais e universais (PP6);
	Sociedade secreta, discreta e filosófica que se reúne rotineiramente para tratar de temas relevantes, autoconhecimento, caridade e fortalecimento social (PP50);
Origens e História	A maçonaria tem suas origens medievais e surgiu na Europa no final do século XVI ou início do século XVII (PP8);
	Organização fraternal que se originou na Europa, composta originalmente por pedreiros que construíam catedrais (PP150);
	Evolução para uma sociedade filosófica e esotérica (PP151);
Filosofia e Valores	Princípios de liberdade, igualdade, fraternidade e progresso moral e intelectual (PP17);
	Uma sociedade de homens livres e de bons costumes, que prezam pelo bem da humanidade (PP27);
	Prática de bons costumes, humildade, respeito ao próximo, companheirismo, irmandade e amor (PP2);
Estrutura e Hierarquia	Organização com rituais, símbolos e hierarquia, onde os membros avançam por graus com ritos e símbolos (PP51);
	Lojas como grupos locais de maçons que se reúnem (PP73);
	Grupo que se reuni em templos para organização do conhecimento (PP99);
Seletividade e Exclusividade	Ordem de cavaleiros e grupo seletivo que compartilham conhecimento e ideias (PP18);
	Misticismo e seletividade no ingresso (PP47);
	Seletividade para ingresso, onde regras e critérios devem ser seguidos (PP251);
Religião e Espiritualidade	Não é uma religião, mas exige crença em um ser supremo, conhecido como o "Grande Arquiteto do Universo" (PP13);
	Referências à fé em um único Deus, mas com interpretação livre (PP138);
	Referências a rituais ocultos e práticas religiosas secretas (PP179);
Caridade e Filantropia	Organização com atividades filantrópicas e obras de caridade (PP133);
	Busca pelo autoconhecimento e desenvolvimento pessoal com ações de caridade (PP145);
	Associação sem fins lucrativos com foco na melhoria social (155);
Controvérsias e Teorias de Conspiração	Teorias sobre dominação da sociedade e especulações sobre a organização (PP83);
	Grupo frequentemente alvo de teorias da conspiração devido à sua natureza secreta e rituais sigilosos (PP99);
	Alguns veem como uma sociedade com princípios anticristãos (PP203);

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Como exposto sinteticamente no Quadro 2, os participantes têm sim um certo conhecimento, sobre o que é Maçonaria, primeiro, porque o conceito é uma estrutura fluida baseada na vivência do participante e sua formação de cosmo visão, o qual deve ser respeitado. Além disso, a partir da literatura (Barata, 1994; Guimarães, 2021; Rocha, 2024) é complexo definir o que é Maçonaria, já que ela evoluiu e vem evoluído ao longo dos séculos, e ainda é uma instituição discreta, que tem muitos estudos a serem propostos (Costa, 2014; Souza, 2023). Isto é, o conceito sempre será ajustado conforme o conhecimento vai sendo construído.

Contudo, uma das categorias do que é Maçonaria, se distanciam do entendimento contemporâneo, como de Guimarães (2021) e de Rocha (2024), seria a categoria “Religião e espiritualidade” no conceito do PP179 – “Referências a rituais ocultos e práticas religiosas secretas”, pois mesmo havendo muito de espiritualidade na Maçonaria, ela não pratica cultos ou similares a práticas religiosas. Conforme é explicado por Nogueira (2017, p. 55) a “Maçonaria não é uma religião. É uma sociedade que tem por objetivo unir os homens entre si. União recíproca, no sentido mais amplo e elevado do termo. E nesse seu esforço de união dos homens, admite em seu seio pessoas de todos os credos religiosos sem nenhuma distinção”. Sendo assim, um ponto a esclarece que Maçonaria não é uma religião, ceita ou algo do tipo, assim, como ela não pratica cultos ou doutrinas religiosas, no máximo ela compartilham de ideias, símbolos, alegorias que se conectam ao longo da história, com as mais variadas culturas (Sarinho, 2023) e consequentemente com religiões diversas, onde a própria maçonaria defende a liberdade da prática religiosa sem nenhuma discriminação.

Na sequência, as questões 11, 12, 13, 14 e 15 foram destacadas com apontamentos dos participantes da pesquisa e sua relação com a Maçonaria, como, se os participantes tinham parentes maçons, se “sim” qual seria o quantitativo, se tem amigos maçons, se gostaria de fazer parte da maçonaria, e se teria curiosidade sobre a ordem maçônica (Quadro 3).

Quadro 3 – Relação dos PP com a Maçonaria

<p><b>11. Tem parentes maçom:</b> Sim (30,3%) Não (64,5%) Prefiro não responder (5,2%)</p> <p><b>12. Quanto parentes maçom você tem?</b> 1 (39,1%) 2 (34,4%) 3 (13%) 4 (4,3%) 5 (8,7%) mais de 10 (4,3%)</p> <p><b>13. Tem amigos maçom:</b> Sim (84%) Não (14,5%) Prefiro não responder (1,1%)</p> <p><b>14. Você gostaria de fazer parte da maçonaria?</b> Sim (29%) Não (52,6%) Prefiro não responder (18,4%)</p> <p><b>15. Você tem curiosidade sobre maçonaria?</b> Sim (63,2%) Não (30,3%) Prefiro não responder (6,5%)</p>
---

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Conforme apresentado no Quadro 3, a maioria dos participantes da pesquisa (64,5%) não possui parentes que fazem parte da maçonaria. No entanto, 30,3% dos participantes afirmaram ter parentes maçons, com o número de parentes variando de pelo menos um (39,1%) até mais de dez (4,3%). Isso pode indicar que a maçonaria não é secreta, pois as pessoas sabem que seus parentes são maçons, o que está alinhado com o conceito e a prática contemporânea da maçonaria. Além disso, 84,2% dos participantes relataram ter amigos maçons, um número bastante representativo que reforça essa ideia.

Ademais, foi observado que a maioria dos participantes da pesquisa (52,6%) não tem interesse em participar da maçonaria, enquanto menos de um terço (29%) demonstrou interesse, isto é, demonstra uma reflexão relevante, pois mesmo um número significativo tendo conhecimento, parentes e amigos Maçons, o número de participantes que querem fazer parte da Ordem, é pequeno. No entanto, a maioria (63,2%) expressou curiosidade sobre a Maçonaria. Isso indica que, apesar de não ser uma instituição secreta, a maçonaria ainda desperta curiosidade nas pessoas, possivelmente devido ao seu caráter discreto.

Por fim, a questão 16 do questionário de pesquisa, onde solicitava que os participantes citassem suas dúvidas sobre Maçonaria, sendo assim, essas dúvidas foram 4), as quais são respondidas conforme a literatura.

Quadro 4 – Categorização das dúvidas sobre a Maçonaria

Curiosidade e Informação Geral	Como funciona de fato? Quais são as regras? O que se espera de um homem? (PP77)
	Qual a verdadeira versão histórica da maçonaria? (PP111)
	Como é feita a pesquisa social da maçonaria? (PP133)
	Qual a missão da maçonaria? (PP155)
Procedimentos e Ritos	Por que a maioria das reuniões são fechadas ao público? (PP7)
	Como são, de fato, os ritos de admissão e crescimento na estrutura organizacional (existe muita alegoria sobre). (PP33)
	Como faço para participar? (PP45)
Aspectos Sociais e Culturais	O que tanto a maçonaria pode agregar e colaborar com a sociedade? (PP12)
	Qual é o âmbito religioso. (PP99)
	É uma seita? Ou uma religião? (PP201)
Elementos de Conspiração e Segredo	Por que as mulheres não podem participar? Por que há tantos segredos? (PP49)
	Como são realmente as cerimônias dos maçons há muitas especulações. (PP169)
	Sabemos que muita gente fala muitas coisas da maçonaria, que é isso e aquilo. (PP181)

Fonte: dados da pesquisa (2024)

Como exposto no Quadro 4, a primeira categoria de dúvidas foi de “Curiosidade e Informação Geral”. Aqui explica-se que, a Maçonaria é uma instituição discreta, no entanto, se sabe que ela funciona como uma escola filosófica, em que suas reuniões são praticadas ritualísticas próprios, construídos ao longo da história (Amaral, 2012). O objetivo desta “escola filosófica”, é que seus participantes evoluam enquanto pessoa, no sentido ético, moral, cultural e espiritualmente. A Maçonaria é universal e representa um ideal de liberdade, igualdade e fraternidade, contudo, administrativamente, é uma instituição que tem poder regional, especificamente no Brasil possui três subordinações legais e reconhecidas como Maçonaria, o Grande Oriente do Brasil (GOB), As Grande Lojas Estaduais (GLE) e Confederações Maçônica do Brasil (COMAB).

Lembrando que a história da Maçonaria é complexa, pois é dividida em momentos diferentes (Maçonaria Primitiva, a Maçonaria Operativa e a Maçonaria Especulativa ou Moderna), sendo que apenas a parti de 1723 já na Maçonaria Moderna é que se traça uma linha histórica com registros na Inglaterra, antes disto, é meio que nublado, pois historicamente apenas dois documentos são reconhecidos (Blanco, 204), a “Carta de Bolonha” (1248) e “Manuscrito de Cooke” (1.400). No entanto, é observado traços socioculturais em diversas sociedades, que hoje estão relacionados a Maçonaria, como as grandes obras do tempo antigo, assim como símbolos, como é o caso do “Olho da

Providência”. Sendo assim, a história antiga é bem difícil de descrever, contudo na idade moderna, é possível reconhecer que a instituição ganha o mundo, como uma organização elitizada, seja, financeira e intelectual (Freitas Neto, 2017; Silva, 2022), mas que foi popularizando para diversas camadas sociais e culturais de todo mundo.

Para fazer parte desta instituição, não há registros de uma pesquisa social, no entanto, algumas subordinações brasileiras (GOB, 2024; GLEPB, 2024; GOPB, 2024), descreve critérios para ser um Maçom: ser homem (sexo masculino), demonstrar interesse em ser Maçom, acreditar em uma divindade (Deus), ter independência religiosa, intelectual e financeira de modo lícito, possui habilidades e competências para realização de atividades físicas, filantrópicas e de assembleias.

Esta perspectiva traça o caminho para alcançar a missão da Ordem Maçônica, que é de combater a ignorância, promover liberdade, igualdade e fraternidade, de modo que torna a sociedade mais equilibrada e justa, de modo que a sociedade se reconheça preenchida de suas necessidades, chegando a um espaço de felicidade universal (Johansen, 2017). Seguindo pela interpretação do discurso de Johansen (2017), é notório que a Maçonaria busca promover a evolução social.

Seguindo neste sentido adentra-se para a segunda categoria de dúvidas dos participantes da pesquisa – “Procedimentos e Ritos” – em que se descreve que a maioria das reuniões maçônicas são fechadas, ou seja, são apenas para membros, o que é algo natural pois há discursos que só interessa a seus membros. No entanto, é reconhecido que há reuniões abertas a sociedade, o que reforça a ideia de uma instituição discreta, pois a sociedade pode participar. Os ritos por serem discretos, não faz sentido ser conhecido por todos, contudo em reuniões abertas é possível o reconhecimento de procedimentos, como uma administração por presidência da seção, assim como hierarquias de funções desenvolvidas, para que a assembleia se realize de modo organizado e padronizado em todas as seções.

Para admissão da ordem, já foi descrito que a pessoa necessita indicar a um Maçom ou a própria instituição, e que atenda outros critérios descritos anteriormente. Lembrando que a organização cresceu e cresce de modo exponencial, com recebimento de novos membros formação de novas grupos e subordinações. Conforme Ismail (2011), em 2011 o Brasil possuía 211.000 Maçons em 6.000 lojas, das três subordinações (GOB, GLE, COMAB) o que afirma a ideia de expansão pelo país, porém este número ainda não foi atualizado em 2024.

Na terceira categoria de respostas sobre dúvidas sobre a Maçonaria – “Aspectos Sociais e Culturais” – a maçonaria contribui com a evolução moral, ética e filo-

sófica dos seus integrantes (Guedes 2010; Rocha, 2024). Isso reflete sobre sua comunidade, além disto a maçonaria desenvolve ações filantrópicas em diversos campos como na educação, na saúde e outros campos (Nogueira, 2017), contribuindo assim para minimizar desequilíbrios sociais.

Cabe recordar e ratificar que a Maçonaria não é uma religião, nem uma seita, assim como não possui doutrinação (Souza, 2023). Toda prática esotérica e espiritual que enreda a Maçonaria, é fundamentado pela liberdade de práticas dos seus integrantes, ou seja, na Ordem não se faz prática religiosa ou nenhuma espécie de culto. No entanto, é exigido de seus integrantes uma crença no divino (Nogueira, 2017; Souza, 2023), para que assim seja possível compreender seus ensinamentos, que muitas das vezes estão construídos sobre símbolos e alegorias das mais variadas crenças e conhecimento, o que exige assim um elemento criador.

Por fim, a quarta e última categorização sobre dúvidas sobre a Maçonaria – “Elementos de Conspiração e Segredo” – como é descrito na literatura (Silva, 2010; Amaral, 2012; Costa, 2014; Souza, 2023), apenas homens fazem parte da Maçonaria Regular, pois conforme indício de sua origens que seriam pedreiros livres, era um trabalho exclusivamente masculino por diversos fatores, como um trabalho manual pesado e melhor organização dos alojamentos, e pelo que se sabe a Maçonaria preserva suas tradições, assim segue-se a tradição de apenas homens iniciar na maçonaria.

Ademais, o conhecimento maçônico é restrito aos seus membros, além disto, como descrito por Guedes (2010) e Nogueira (2017) a Maçonaria é uma escola, sendo assim suas reuniões devem ser entorno dos estudos filosóficos e progressistas, além de assembleias para diálogos sobre filantropia, sendo que esses encontros segue uma ritualística própria, apoiadas em símbolos e alegorias, para preservação dos conhecimentos tradicionais. O uso de símbolos e alegorias para transmissão de conhecimento levam a interpretação desrespeitosas e até caluniosas, o que fez a Maçonaria ser perseguida por aqueles que não entende e por motivos desconhecidos a temem.

Um ponto que a maçonaria defende e que incomoda certos setores sociais, são as ideias Liberdade, Igualdade e Fraternidade, pondo assim sempre sobre uma lupa e perseguição de regimes totalitários. Contudo, é importante ressaltar que Maçonaria não deve se manifestar por partidarismos, ideologias e mudanças administrativas, mas se preservar pelo conhecimento, aperfeiçoamentos e bem está social.

### Considerações Finais

Este estudo permitiu uma análise aprofundada e desmistificadora da Maçonaria, evidenciando que, longe

de ser uma sociedade secreta envolta em conspirações, a instituição se configura como uma escola de pensamento filosófico e ético (Guimarães, 2021; Rocha, 2024), com forte compromisso com a filantropia e o desenvolvimento humano. Porém, vale salientar, que talvez seja necessário maior visibilidade social, para desmistificar certas crenças, assim como protagonizar as verves de suas ações nos espaços que atuam.

A partir do levantamento de campo realizado, verificou-se que, embora a maioria dos participantes afirme conhecer a Maçonaria, ainda prevalecem concepções equivocadas, especialmente em relação aos seus rituais, ao seu caráter seletivo e à sua relação com a espiritualidade. A análise categorizada das respostas revelou que há uma curiosidade significativa sobre os procedimentos internos e a missão da Maçonaria, reforçando a necessidade de maior disseminação de informações fundamentadas para combater mitos e teorias conspiratórias.

Destaca-se, ainda, a importância histórica da Maçonaria e seu papel na promoção de valores como liberdade, igualdade e fraternidade. Ao preservar tradições milenares, mas adaptando-se às demandas sociais contemporâneas, a Maçonaria permanece como uma instituição relevante, cujo objetivo principal é a busca pelo aperfeiçoamento pessoal e pela construção de uma sociedade mais justa e solidária.

Por fim, este estudo contribui para ampliar o entendimento sobre a Maçonaria, oferecendo uma perspectiva científica e objetiva, capaz de elucidar questões recorrentes e fomentar um diálogo mais informado e respeitoso acerca dessa organização secular. Contudo, espera-se que haja mais investigações contundentes sobre o tema, até que todas as situações sejam esclarecidas ou minimizadas.

### Referências

- AMARAL, Giana Lange. O templário, jornal maçônico pelo-tense: um visão sobre a maçonaria, o positivismo e educação nos primeiros anos do século 20. *Revista História da Educação*, [S. l.], v. 4, n. 7, p. 5–19, 2012.
- BARATA, Alexandre M. A maçonaria e a ilustração brasileira. *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, [S.L.], v. 1, n. 1, p. 78-99, out. 1994. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-59701994000100007>.
- BRASIL. *Resolução nº 674, de 06 de maio de 2022*. Brasília, Disponível em: [https://conselho.saude.gov.br/images/Resolucao\\_674\\_2022.pdf](https://conselho.saude.gov.br/images/Resolucao_674_2022.pdf)images/Resolucao\_674\_2022.pdf. Acesso em: 25 mar. 2024.
- BOCKORNI, Beatriz Rodrigues Silva; GOMES, Almiralva Ferraz. A Amostragem em Snowball (Bola de Neve) em uma Pesquisa Qualitativa no Campo da Administração. *Revista de Ciências Empresariais da Unipar*, Umuarama, v. 22, n. 1,

p. 105-117, jun. 2021.

CADORE, Danielli Meiri; MODES, Drando Josemar Valdir; JAGMIN, Mara Regina. Maçonaria e a Falsa Percepção do ser Humano como Realizador das Mudanças em si e no Mundo. *Revista Ensaio Teologicos*, [S. L.], v. 4, n. 2, p. 10-30, dez. 2018.

CAMPOS, Celso Ribeiro; WODEWOTXKI, Maria Lucia L.; JACOBINI, Otavio Roberto. *Educação Estatística: teoria e prática em ambientes de modelagem matemática*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CARVALHO, Márcio Dillmann de; CHAVES, Larissa Patron. Estudo sobre Simbologia Maçônica nas Logotipias de Documentos do Museu Maçônico Rocco Felipe. In: Seminário de História da Arte, 14., 2015, Pelotas. *Anais [...] Pelotas: Centro de Artes*, 2015. p. 1-16.

COMENTTO (Brasil). *Calculadora Amostral*. 2018. Disponível em: <https://comentto.com/calculadora-amostal/>. Acesso em: 14 set. 2024.

DOURADO, Bruna. *Ranking: as redes sociais mais usadas no brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais. as redes sociais mais usadas no Brasil e no mundo em 2023, com insights, ferramentas e materiais*. 2024. Disponível em: <https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>. Acesso em: 14 set. 2024.

FREITAS NETO, Edgard da Costa. "... e suas oficinas se espalham por todos os recantos da Terra": Considerações sobre a Maçonaria no âmbito das Relações Internacionais. *C&M*, Brasília, v. 4, n.1, p. 113-122, jan/jun, 2017.

FRANCO, Maria da Glória Capela Tomás Cebola de Almeida. *Entre a Caridade e a Filantropia: Asilo Montemorense da infância desvalida (1876/1975)*. 2018. 457 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2018.

GIL, Antonio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017. 129 p.

GLEPB (Paraíba). *Perguntas mais frequentes: quebrando tabus. Quebrando tabus*. Disponível em: <https://www.grandelojapb.org/maconaria/perguntas>. Acesso em: 29 set. 2024

GOB (Brasil). *Como se tornar Maçom*. Disponível em: <https://www.gob.org.br/como-se-tornar-macom/>. Acesso em: 29 set. 2024.

GOBP (Paraíba). *Maçonaria*. Disponível em: <https://gobp.mvu.com.br/site/maconaria/IKgm0yWWDYg-3/atraspx>. Acesso em: 29 set. 2024.

GUEDES, Berenice Lagos. *História da Educação no Rio Grande do Sul, Maçonaria e Igreja Anglicana: algumas imbricações, contradições e paradoxos (1901/1970)*. 2010. 493 f. Tese (Doutorado) - Curso de História da Educação e Filosofia, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2010.

GUIMARÃES, Rafael. Ressignificando a Iniciação, sua Jornada Arquetípica e Efeitos Psicológicos. *C&M*, Brasília, v. 8,

n. 1, p. 61-71, dez. 21.

GUIMARÃES, Rafael. Os Efeitos Psicológicos da Prática do Ritual Maçônico. *C&M*, Brasília, v. 1, n. 1, p. 21-28, jun. 13.

JOHANSEN, Carla Cristina. A interiorização da assistência à infância e a experiência do Asylo de Orphans Anália Franco em Ribeirão Preto (1901-1925). 2017. 133 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Ciências*, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2017.

ISMAIL, Kenyho. *A constituição de Anderson (1723): Edição comemorativa de 300 anos. Traduzido e Comentado*. Brasília: No Esquadro, 2023.

ISMAIL, Kenyho. *Maçonaria Brasileira em Números*. 2011. Disponível em: <https://www.noesquadro.com.br/conceitos/maconaria-brasileira-em-numeros/>. Acesso em: 29 set. 2024.

MATTAR, João. RAMOS, Daniela Karine. *Metodologias da Pesquisa em Educação: Abordagens Qualitativas, Quantitativas e Mistas*. São Paulo: Edições 70, 2021. 470 p.

MOREIRA, Marcos Antonio; RIZZATTI, Ivanise Maria. Pesquisa em Ensino. *Revin*, Itapetininga, v. 1, p. 1-15, dez. 2020.

NOGUEIRA, Daniel de Souza. A Imunidade Tributária dos Templos Maçônicos como Templos de Qualquer Culto. 2017. 109 f. *Dissertação (Mestrado) - Curso de Direito*, Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

PEREIRA, Jocimario Alves; LEITE, Bruno Silva. Formulário Google Gamificado como um Recurso Didático Digital em Aulas de Matemática: Um Estudo de caso. *Revista Interações*, [S. L.], v. 20, n. 67, p. 1-28, 2024. DOI: 10.25755/int.33663.

ROCHA, Thiago Vasconcelos da. Da menoridade à liberdade: um diálogo entre a maçonaria e o esclarecimento de kant. *Diaphonia*, [S. L.], v. 10, n. 2, p. 1-12, dez. 2024.

SARINHO, Guilherme Travassos. Maçonaria-um pouco de História. *Revista APMED*, [S. L.], v. 2, n. 02, dez. 2023.

SILVA, Marcos José Diniz. República e "Religião Social": Maçons, Espíritas e Teosofistas no Espaço Público Cearense. *Fênix - Revista de História e Estudos Culturais*, [S. L.], v. 7, n. 3, p. 1-20, 2010.

SILVA, Augusto César Acioly Paz. A maçonaria, intelectuais e pensamento político nas décadas iniciais do século XX. *REHMLAC*, San Pedro, v. 14, n. 1, p. 1-14, jun. 2022.

SOUZA, Fernando Rodrigues de. A (Im)Possibilidade de Mulheres nos Alojamentos: Disputas de Gênero na Maçonaria. *Mandrágora*, [S. L.], v. 29, n. 1, 2023.

SOUZA, Fernando Rodrigues de. A questão do sagrado na maçonaria: intolerância, controvérsias e aproximações. *Revista de Estudios Históricos de la Masonería Latinoamericana y Caribeña*, San Pedro, v. 15, n 2, jul. 2023.

VALENCIANO, Tiago; MIRANDA, Eduardo Soncini. Da Pedra Bruta à Tábua de Delinear: a formação da Maçonaria e sua forma de sociabilidade burguesa. *Protestantismo em Revista*, v. 50, n. 2, 2024.

## **MAÇONARIA SEM LÁGRIMAS:**

### **Noções de história, esfera pública e de pós-metafísica como balizas neutralizadoras do debate político contemporâneo na Maçonaria**

(FREEMASONRY WITHOUT TEARS: Notions of history, the public sphere, and post-metaphysics as neutralizing markers of contemporary political debate in Freemasonry)

Rafhael Guimarães <sup>1</sup>

#### **Resumo**

O artigo examina, sob perspectiva histórico-filosófica e sociológica, a complexa relação entre Maçonaria e política, desde as guildas e clássicos até a história contemporânea. Problematiza-se a busca de uma definição de valores políticos da Maçonaria e contextualiza seu surgimento com o aparecimento de esferas públicas e a forma de pensar da pós-metafísica como reforços para neutralizar a colonização de lojas maçônicas por interesses econômicos e políticos.

**Palavras-chaves:** Maçonaria. Política. Modernidade. Esfera pública. Pós-metafísica.

#### **Abstract**

The article examines, from a historical-philosophical and sociological perspective, the complex relationship between Freemasonry and politics, from the operative guilds and classical foundations to contemporary history. It problematizes the search for a definition of Freemasonry's political values and contextualizes its emergence alongside the rise of public spheres and post-metaphysical modes of thought, understood as reinforcing frameworks for neutralizing the colonization of masonic lodges by economic and political interests.

**Keywords:** Freemasonry. Politics. Modernity. Public sphere. Post-metaphysics.

<sup>1</sup> Advogado e professor, especialista em Direito Público, Constitucional e Notarial. Possui o título de Mestre (UUV) e Doutor Honoris Causa (UNICECAP). E-mail: [guimaraes\\_rgf@hotmail.com](mailto:guimaraes_rgf@hotmail.com)

## Introdução

Em seu célebre discurso, “A objetividade do conhecimento nas ciências sociais” (WEBER, 1993), Max Weber esclareceu sobre as clivagens inerentes à pesquisa científica e à política. Toda ciência está invariavelmente permeada de política, ainda que latente. A ideia, portanto, de neutralidade do saber científico passou a ser constantemente questionada, uma vez que o conhecimento, particularmente nas ciências humanas, a política e a ideologia estão presentes no processo de produção do conhecimento.

Nesse ponto, a crença na neutralidade do saber científico serve apenas para isolar e alienar o uso social do que é produzido academicamente. Afinal, seria difícil imaginar um antropólogo nazista concluindo cientificamente que as raças, na verdade, são uma construção ideológica ou político-social, de modo que todas as pessoas são de fato iguais, rechaçando a hierarquização dos povos segundo a superioridade cultural.

Notadamente, o sujeito, pesquisador e observador, está, mesmo que, timidamente, envolvido com as conclusões do seu estudo.

Tendo exatamente esse ponto em mente, pergunta-se, qual substrato político podemos extrair da Maçonaria?

A identificação de valores políticos autoriza o engajamento de instituições maçônicas no cenário político-social?

Nada como iniciar essa linha tênue entre “Maçonaria & Política” sem lembrar do marcante posicionamento da Grande Loja Unida da Inglaterra acerca de assuntos políticos: *“nem em uma Loja, nem a qualquer momento em sua qualidade de maçom, lhe é permitido discutir ou promover seus pontos de vista sobre questões teológicas ou políticas”* (*The Aims and Relations of the Craft* apud Ismail, 2016).

Mas em tempos de polarização política no Brasil tais direcionamentos maçônicos parecem não ter sentido. Não são poucos os inconformados autores que defendem um posicionamento mais proativo sobre política por parte de potências maçônicas ou até mesmo a composição de uma “bancada maçônica” nos parlamentos.

Caso emblemático em nível mundial de colonização de espaços maçônicos por interesses econômicos e políticos foi da loja maçônica italiana “P2P” (Propaganda Due), envolvida em escândalos de corrupção e infiltração nas camadas de poder na Itália, sob pretexto atrativo de irmandade maçônica, objeto de severas críticas por Norberto Bobbio em “Democracia e Segredo” (Editora Unesp, 2015).

Não bastassem as perseguições sofridas pela Maçonaria por regimes políticos ou eclesiásticos, ainda houveram lágrimas por conflitos estabelecidos entre membros maçons em decorrência de discussões políti-

cas ou mesmo sobre a ausência de compreensão dos objetivos da instituição maçônica (De Moraes; Ismail, 2017).

Percebemos, então, a relevância de refletirmos sobre o tema, unindo uma abordagem filosófica, sociológica e histórica, trazendo ao conhecimento conceitos como Modernidade, esfera pública e pós-metafísica para melhor compreensão do momento que vivemos.

Há quem defenda que na origem e sentido original da Maçonaria existem sólidos fundamentos de conservadorismo. Outros advogam em prol do progressismo. Quem tem a razão?

A questão que nos orienta no paper reside em avaliarmos o pensamento hegemônico que permitiu a criação, não apenas da Maçonaria, como dos ideais emancipatórios da humanidade, como a democracia e o Estado constitucional.

Volvendo-nos ao problema principal: quais as relações entre Maçonaria e Política segundo os clássicos?

Em nenhuma das clássicas definições sobre Maçonaria encontramos sua identificação com distinções contemporâneas de política.

Em obras antigas extraímos apenas termos como “solidariedade”, “universalidade” e “meritocracia”, destas podendo desdobrar-se outros conceitos, como caridade, igualdade, fidelidade e obediência (Dermott, 2016. Preston, 2017).

Vale citar expressamente William Preston:

Na loja, nenhuma desavença é notada. Influenciada pelo mesmo princípio, uma uniformidade de opinião, que é útil nas necessidades e agradável na vida familiar, universalmente prevalece, fortalece os laços de amizade e promove o amor e a estima. Os maçons são irmãos por um laço duplo, e, entre eles, como entre irmãos, **nenhuma distinção individual existe**, ainda que o mérito seja sempre respeitado e a honra concedida a quem a honra é merecida. **Um rei, na loja, é lembrado de que, embora uma coroa possa adornar a cabeça, ou um cetro, a mão, o sangue nas veias deriva-se do ancestral comum da humanidade e não é melhor do que aquele menor dos súditos.** [...] Somente a sabedoria e a virtude marcam distinções entre os maçons. (...)

A **maçonaria é uma ciência** que não está confinada a nenhum país em particular, mas que se

estende pelo globo terrestre. Onde quer que floresçam as artes, ela florescerá. Além disso, através do segredo e dos sinais cuidadosamente preservados na Fraternidade, se torna uma verdadeira **língua universal**. [...] Como todas as religiões ensinam moralidade, um irmão honesto deixará suas opiniões especulativas para Deus e para si. **Assim, através da influência da maçonaria, que é compatível com a mais sã política, as disputas que azedam a vida e amarguram o espírito dos homens são evitadas, e o bem comum, objetivo geral, é buscado zelosamente.** Deste ponto de vista a utilidade do nosso sistema é suficientemente óbvio. Os princípios universais da arte unem num laço indissolúvel de afeto homens das mais opostas tendências, dos mais distantes países e das opiniões mais contraditórias de forma que em cada nação um maçom encontre um amigo, e em cada latitude um abrigo (Preston, 2017 - grifei).

Em linhas mais claras, trazemos as modernas definições de Coil e de Hodapp:

Maçonaria, em seu sentido mais amplo e abrangente, é um sistema de moralidade e ética social, e uma filosofia de vida, de caráter simples e fundamental, incorporando um humanismo amplo e, embora tratando a vida como uma experiência prática, subordina o material ao espiritual; é moral, mas não farisaica; exige sanidade em vez de santidade; é tolerante, mas não indiferente; busca a verdade, mas não define a verdade; incentiva seus adeptos a pensar, mas não diz a eles o que pensar; que despreza a ignorância, mas não reprova o ignorante; que promove a educação, mas não propõe nenhum currículo; (...) é moderada, universal e liberal quanto a permitir que cada indivíduo forme e expresse sua própria opinião, mesmo sobre o que a Maçonaria é, ou deveria

ser, e convida-o a melhorá-la, se puder (Coil; Brown, 1961, p. 159).

Franco-maçonaria (ou apenas Maçonaria) é uma sociedade de cavalheiros preocupados com os valores morais e espirituais, além de uma das fraternidades mais antigas e populares do mundo. (...) É uma filosofia e um sistema de moralidade e ética social e é bem básica nisso. (...) (Ela) ensina lições de virtudes sociais e morais baseadas no simbolismo das ferramentas e na linguagem do antigo ofício de construção, usando a criação de uma estrutura como um símbolo para a edificação do caráter dos homens (Hodapp, 2015, p.13 – parêntese).

Outrossim, por uma síntese de tudo isso, presente na "Coil's Masonic Encyclopedia", pode-se defini-la como "um sistema de moralidade e ética social" (Coil; Brown, 1961), tendo em seu cerne racionais características como o humanitarismo, a moral, a busca da verdade, o incentivo à reflexão, a defesa da liberdade e da dignidade do homem, a modéstia, a discrição e o estímulo à livre expressão de opinião, representados como visto em torno do seu simbolismo maçônico, isto é, inspirado nos pedreiros antigos e guildas feudais (Ismail, 2014).

Percebe-se que as antigas práticas maçônicas se voltavam para o simples exercício de moralidade e ética social, sendo proibido discutir política, *"as [antigas] regras exigiam [apenas] que os maçons fossem bons cidadãos e obedientes ao governo do seu país"* (Hodapp, 2015. 36 - colchete).

Há, por outro lado, narrativas que se utilizam da história da Maçonaria junto aos movimentos iluministas como exemplificação da participação política da Maçonaria, inclusive a própria antimaçonaria ecoa essas nuances históricas.

### **A gestação e nascedouro de novas formas de organização e socialização**

Em uma síntese sobre a história da humanidade, Eric Hobsbawm, renomado autor dos clássicos "A Era das Revoluções; do Capital; dos Impérios", sintetizou o momento em que vivemos que *"pela primeira vez na história humana há uma única forma de Estado claramente dominante – a república democrática, constitucional, representativa e moderna"* (2007, p. 98).

Essas formas de organização da nossa sociedade destacadas nas palavras de Hobsbawm, cuja palavra de ordem é a democracia, foi gestada por séculos, assim

como instituições modernas de socialização. Essa gestação culminou no projeto filosófico emancipatório do homem, cujo nascedouro é o mesmo da Maçonaria: a Modernidade.

Dizemos Modernidade, com inicial maiúscula, para identificar o período que deu origem ao modo de vida dos tempos atuais. Pensar o Estado constitucional democrático ou mesmo as origens da Maçonaria sem compreender o período em que estes foram criados e desenvolvidos é como assistir um filme do meio para o final e acreditar que entendeu tudo.

O período de transição em que antigas autoridades monárquicas e eclesiásticas (antigo regime) na Europa deixaram de ser aceitas “em confiança” e passaram a ser cobradas em justificação, isto é, em razões comunicáveis, demarca uma nova forma de pensar, viver e filosofar (Hobsbawm, 2014, p. 49).

O súdito, que antes dividia sua vida entre trabalho e religião, agora, ganhou mais alguns momentos, tornou-se cidadão, portador de direitos e em condições de socializar com os demais.

Esse período conhecido como Modernidade foi a fase seguida do feudalismo europeu e é promotora dos aspectos particulares das sociedades pós-feudais, como industrialização, economia de mercado e Estado, capitalismo, urbanização, secularização, individualização e meritocracia, além da perda de influência pela Igreja Católica (Giddens, 2016, p.23).

Hobsbawm descreve a Modernidade como resultado da combinação de fatores econômicos (revolução industrial britânica) e culturais (revoluções burguesas), cujos impulsos propiciavam novos canais de comunicação. Nesse quadro, ele observa que homens “se organizavam por toda parte em lojas de franco-maçonaria”, onde distinções de classe importavam menos e a ideologia do Iluminismo era propagada com empenho desinteressado, sendo significativo que os centros do Iluminismo coincidissem com os centros da “dupla revolução” (Hobsbawm, 2014).

Esse pano de fundo, ignorado por boa parte da historiografia maçônica, explica o surgimento, no seio da Modernidade, de novos espaços (físicos) e, não por acaso, nesse mesmo contexto histórico constatamos o aparecimento e consolidação de lojas e rituais maçônicos, tal como praticados atualmente.

Esse processo dinâmico da sociedade, entre os séculos XVI e XVII, transformou os hábitos de vida, exigindo, inclusive, o surgimento de linguagens transversais para evitar que as diferenças (econômicas, políticas e culturais) convertessem espaços compartilhados em guerras ideológicas (Hill, 1980).

Na leitura de Christopher Hill foi a primeira vez que se cogitou entender o que era “pluralismo”, com a impossibilidade prática de erradicar o adversário e da necessidade de reorganizar a vida pública sem um intér-

prete absoluto (Hill, 1980).

Era necessária uma nova filosofia que, além de coadunar com nova forma de vida, imbuísse a emancipação para os homens. Emmanuel Kant, o grande intérprete dessa nova forma de pensar no Ocidente, disse:

O iluminismo representa a saída dos seres humanos de uma tutela que estes mesmos se impuseram a si. Tutelados são aqueles que se encontram incapazes de fazer uso da própria razão independentemente da direção de outrem. (...) Sapere aude! Tenha coragem para fazer uso da tua própria razão! Esse é o lema do iluminismo (Kant, 2006).

### **O desenvolvimento dos rituais maçônicos e o fortalecimento institucional da Maçonaria**

Não se pode desconsiderar o contexto social e filosófico em que os rituais maçônicos foram desenvolvidos, sendo eles mesmos um exemplo genuíno da Modernidade.

Como cediço, a partir de documentos publicamente acessíveis, como em 1598/1599 (Atas Escocesas e Estatuto de Schaw); em 1723 (1ª Edição da Constituição de Anderson); em 1725 (Sociedade Musical de Londres), em 1730 (Maçonaria Dissecada) e em 1738 (2ª Edição da Constituição de Anderson), a história da Maçonaria, ou melhor dos rituais maçônicos, encontra registros históricos consistentes (Carr, 2012).

Esses registros mencionam a existência da maçonaria “operativa”, organizada na forma de guilda de pedreiros, como origem das antigas práticas maçônicas:

A forma típica da organização de arte e ofício era a guilda local. A guilda tinha várias funções interligadas. Ela controlava o treinamento para um ofício e a sua entrada, a organização e as condições de trabalho e os salários. A guilda tinha funções de previdência social, ajudando os membros em dificuldade, providenciando o sepultamento decente para os membros que morriam e dando apoio às viúvas e aos órfãos. Banquetes regulares enfatizavam a solidariedade social, pois a guilda era uma organização social, bem como econômica [...] (Stevenson, 2009, p.32).

Uma das iniciativas mais antigas das guildas era

agrupar recreativamente homens interessados em obter conhecimento, como comentado por Robert Cooper ao se referir às lojas maçônicas mais antigas do mundo: *“As lojas tornaram-se importantes centros, onde os pedreiros poderiam realizar cerimônias com o objetivo de comunicar seus conhecimentos esotéricos especiais de geração em geração [...]”* (2005, p.29).

A tese de “teoria da transição” sugere que essa recreação dos operativos foi, cada vez mais, sendo aperfeiçoada, ganhando “vida própria” paralela às atividades precípua da guilda, alçando um sistema próprio (isto é, juramentos, lendas, sinais, toques e palavras) no final do século XVII, tornando-se amplamente conhecida a partir de lojas maçônicas de *“tempos imemoriais na Escócia”* e nas Grandes Lojas de “York” e de *“Londres e Westminster”* (Cooper, 2005; Lomas, 2015; Preston, 2017).

Os chamados “catecismos maçônicos” mais antigos aparecem entre 1690 e 1700 por uma razão simples, acabavam de ser inventados (Stevenson, 2009. Carr, 2012).

Essa transição entre recreação dos operativos para rituais maçônicos modernos se deu em um contexto em que novas formas de pensar e socializar obtinham novo impulso, sob o contexto da Modernidade.

Com a acentuada expansão no número de membros e lojas, notadamente de maçons especulativos, esse sistema de ensino era propagado por um método próprio (alegórico-simbólico), conjugando as antigas alegorias e símbolos maçônicos.

O fenômeno sócio-histórico dos rituais maçônicos registrados notadamente na Escócia e na Inglaterra, seguiu-se ganhando cada vez mais adeptos especulativos, alcançando aperfeiçoamentos e sistematizações, já mencionados, entre 1599 até 1717/1721.

Em 1725, foi institucionalizada na Irlanda; em 1730, na França; em 1773 nos Estados Unidos (Philadelphia); em 1733, na Itália; em 1735, na Holanda, em 1736, na Escócia; em 1737, na Alemanha e em Portugal; em 1740, na Suécia; em 1745, na Dinamarca; em 1765, nos países austríacos; em 1771, na Rússia; e em 1773, na Suíça (COOPER, 2009).

Evidencia-se em todos os registros maçônicos desse período de formação (ou melhor, “formatação”) dos rituais um objetivo claro: *servir de sistema de moralidade e auxiliar o indivíduo em sua vida social.*

Para o célebre autor Christopher Hodapp os antigos *“maçons exigiam a crença em Deus para se tornar membro, nenhuma pergunta seria feita sobre a religião pessoal”* e para firmar essa exigência *“os maçons se referiam a Deus em seus rituais como o Grande Arquiteto do Universo”* (2015, p. 35).

Como visto, os partidários do envolvimento de Maçonaria e política não resistem ao teste da história.

## Quais as principais características dos novos espaços

### **sociais: Maçonaria e Esfera Pública**

A transição para a maçonaria especulativa aparece, então, como resultado urbano e socioeconômico do contexto da Modernidade, e não como produto de um plano político único de qualquer movimento. Ao revés, as lojas se transformam institucionalmente em canais de comunicação, oferecendo encontros, valores e palco para reflexões sociais que caracterizam uma esfera pública maçônica (Ismail, 2017).

Nesse lugar de discussões formais e informais (associações, cafeterias, tabernas, assembleias, parlatorios), situando-se entre a Sociedade Civil e o Estado, Jurgen Habermas denomina de “Esfera Pública”:

Nas esferas públicas, os processos de formação da opinião e da vontade são [procedimentalmente ou ritualisticamente] institucionalizados e, por mais especializados que possam ser, estão orientados para a difusão e à interpenetração. (...) Devem suas estruturas discursivas a uma tendência universalista dificilmente dissimulada. Todas as esferas públicas [mesmo] parciais remetem a uma esfera pública abrangente em que a sociedade em seu todo desenvolve um saber de si mesma (2000, p.500). [colchete]

O próprio frankfurtiano faz menção direta dessa característica na Maçonaria, ao mencionar seu relevante papel como palco de discussão das ideias:

A promulgação secreta do iluminismo, típica das Lojas, mas também amplamente praticada por outras associações e Tisclzgesellschaften, tinha um caráter dialético. Razão pela qual o uso público da faculdade racional a ser realizado na comunicação racional de um público composto por seres humanos cultos, em si precisava ser protegido de se tornar público porque era uma ameaça para todas e qualquer relações de dominação. Enquanto a publicidade tinha a sua sede nas chancelarias secretas do príncipe, a razão não podia revelar-se diretamente. Sua esfera de publicidade ainda tinha que confiar no sigilo; seu público, até mesmo como um público, permaneceu

interno. A luz da razão, assim velada de autoproteção, foi revelada em etapas. Isso lembra a famosa declaração de Lessing sobre a Maçonaria, que na época era um fenômeno europeu mais amplo: ela era tão antiga quanto a sociedade burguesa – “se de fato a sociedade burguesa não é apenas a prole de Maçonaria” (Habermas, 2014, p.148-149).

Como visto, o fato de historicamente a Maçonaria impor um tratamento universalista se deve ao novo contexto cultural e social da Modernidade, que tanto permitiu, como exigiu um novo tratamento ao cidadão.

Hodapp destaca no desenvolvimento da Instituição Maçônica a proibição de discutir política em lojas, quanto à política *“as regras exigiam especificamente que os maçons fossem bons cidadãos e obedientes ao governo de seus países”* (p. 36).

É precisamente aqui que emerge a nossa tese da neutralidade do espaço maçônico (apolítico, pré-político, neutro). Dizer que a Maçonaria é apolítica não significa dizer que ela é alheia ao mundo político, indiferente à injustiça ou incapaz de produzir efeitos públicos.

Significa dizer que ela se estrutura antes da disputa política no convívio social e público, como condição civilizatória da própria convivência pública.

Deve-se ter em mente que a moderna distinção entre esquerda e direita; entre socialismo e capitalismo; entre progresso e conservadorismo; ou entre social-democracia e neoliberalismo; são discussões deflagradas posteriormente ao surgimento e desenvolvimento dos rituais maçônicos (logo, posteriores e profanos).

Como dito, ainda que, questões políticas pudessem ter sido emergentes no mesmo contexto da Maçonaria, enfatiza-se que a esfera pública maçônica está voltada para moralidade e ética social.

É por isso que insistimos, atribuir à Maçonaria um viés ideológico contemporâneo consiste em um anacronismo. Não existe uma “ideologia maçônica” como se a Instituição possuísse um programa político próprio.

Benimeli percebe exatamente isso, ao combater o “senso comum maçônico” que tenta produzir essa ficção. O que há na Maçonaria, segundo o célebre historiador, é “filosofia”, em suas diversas modalidades históricas, e o papel da esfera pública é difundir ideias engendradas em seu epicentro, não decretar uma ortodoxia (2017).

Vale afastar outro argumento, de que a ideologia da Maçonaria é aquela expressa pela maioria de seus membros atuais, o que não condiz com a realidade, até porque em países e regiões diferentes os maçons sus-

tentam bandeiras políticas distintas simultaneamente (Benimeli, 2017).

O que se chama, então, de “base ideológica” da Maçonaria, neste artigo, deve ser entendido com precisão é uma arquitetura ética, educativa e universalista, típico de esferas públicas criadas no advento da Modernidade.

Se a esfera pública depende de difusão, interpenetração e tendência universalista (Habermas, 2000), a política partidária tende a produzir fechamento, colonização e atitudes suspeitas.

A conclusão parcial é inevitável. Devemos impedir discussões políticas nos espaços maçônicos (físicos ou virtuais) e isso não é censura, mas enaltecer a fraternidade e cultivar a união em uma sociedade plural.

Disso, resulta um questionamento natural: se a Maçonaria não é uma instituição política e se sua vocação é educacional, como explicar a presença recorrente de maçons entre os protagonistas das grandes revoluções burguesas?

Essa pergunta condutora servirá de fio condutor para o próximo subcapítulo deste paper, mas, de pronto, identificam-se dois erros comuns, o primeiro é o apologético, que atribui à Maçonaria a autoria das revoluções burguesas, como se ela fosse um sujeito político organizado, bem como o segundo erro é o negacionista, que tenta minimizar ou apagar a relevância histórica das sociabilidades maçônicas na difusão das ideias emancipatórias da Modernidade.

### Maçonaria e as Revoluções Burguesas

Sejamos insistentes. Revoluções não foram engendradas de forma direta pelas instituições maçônicas e seus rituais não conservam programas revolucionários.

Como sustentado, a Maçonaria emergiu da Modernidade como uma esfera pública, isto é, um espaço destinado a sociabilidade, circulação de ideias e formação intelectual, sem jamais se converter em um projeto partidário, liberal, democrático ou conservador, a despeito do posicionamento pessoal dos seus próprios membros.

O caso da independência dos Estados Unidos é paradigmático. É incontestável a presença de maçons entre os principais líderes do processo (George Washington, Thomas Jefferson, Benjamin Franklin, John Adams).

No entanto, atribuir à Maçonaria, enquanto instituição, a autoria da Revolução Americana equivale a ignorar os fatores estruturais que a tornaram possível, como a dinâmica econômica entre Metrópole-Colônia, o crescimento da burguesia americana, o endurecimento fiscal britânico após a Guerra dos Sete Anos, o iluminismo e a crise do pacto colonial (Hobsbawm, 2014).

O mesmo vale para revolução francesa, amplamente atribuída à Maçonaria em razão da divisa

*“Liberdade, Igualdade e Fraternidade”*. Como demonstrado por Ismail foi um fenômeno exatamente ao contrário do que muitos pesquisadores afirmam, foi a Maçonaria que aderiu ao lema latino no lugar da divisa maçônica *“amor fraternal, amparo e verdade”* (2025, p. 239).

Ao analisar a revolução francesa, Hobsbawm sustenta que a mesma *“não foi feita ou liderada por um partido ou movimento organizado, no sentido moderno, nem por homens que estivessem tentando levar a cabo um programa estruturado”* (2013).

Ainda assim, um *“surpreendente consenso de ideias gerais”* deu unidade ao movimento, e essas ideias foram formuladas por filósofos e economistas, difundidas por associações informais, entre as quais a Maçonaria (2013).

O que se pode afirmar, com base documental, é que lojas maçônicas funcionaram como espaços (esferas públicas) de encontro entre intelectuais, juristas, militares e profissionais liberais, nos quais se discutiam temas como tolerância religiosa, constitucionalismo, direitos naturais e crítica ao absolutismo (Morel; Souza, 2008).

A unificação italiana e a chamada *“primavera dos povos”* de 1848 reforçam ainda mais a tese aqui defendida. Giuseppe Garibaldi, figura central do Risorgimento, era maçom, mas nem de longe isso transforma a Maçonaria no sujeito da unificação italiana.

No caso italiano, o processo de unificação decorreu de fatores como nacionalismo emergente, enfraquecimento dos impérios tradicionais, disputas territoriais, guerras franco-prussianas e austro-prussianas e reconfigurações do equilíbrio europeu (Hobsbawm, 2014).

Essa lógica das revoluções americana, francesa e italiana pode ser levada para todos os processos revolucionários de independência da América do Sul, com inúmeras lideranças maçônicas encampando movimentos libertários, como Simón Bolívar, José de San Martín, Bernardo O’Higgins e Benito Juárez (Morel; Souza, 2008).

O Brasil oferece um caso ainda mais instrutivo para o argumento deste paper. A Maçonaria esteve presente em momentos decisivos do país, desde a Independência, abolição da escravidão e proclamação da República, como uma esfera pública (espaço de socialização de ideias). Contudo, essa presença não autoriza a conclusão de que a instituição maçônica tinha um projeto político para o Brasil.

Quando a loja atua como esfera pública pré-política, ela pode acolher debates, formar lideranças, difundir ideias e produzir capital social sem se confundir com instituições políticas. Quando, porém, ela assume institucionalmente uma pauta política específica, rompe-se a distinção entre forma e conteúdo, entre sociabilidade e movimento político.

A consequência histórica dessa confusão e utilização da Maçonaria para fins políticos resulta em sua per-

seguição, tanto por regimes autoritários, eclesiásticos e movimentos antimaçônicos que passam a enxergar *“maquinações políticas”* e risco ao poder.

## **A Antimaçonaria e a consequência da politização da Maçonaria**

Como cediço, a Maçonaria, em sua autocompreensão mais constante, sempre se alinhou a valores compatíveis com democracia, liberdade religiosa, tolerância e dignidade humana.

Esse alinhamento, porém, não equivale a ser um partido, uma bancada ou uma força de intervenção político-eleitoral. Aqui reside a confusão.

Uma coisa é a Maçonaria inculcar deveres de lealdade e cidadania e formar homens melhores para o mundo profano, outra, completamente diversa, é a potência ou a loja maçônica assumir bandeiras partidárias, endossar candidaturas, operar como *“elite estratégica”* e tentar capturar o Estado.

O primeiro gesto é coerente com a ideia de fraternidade universalista de uma esfera pública. O segundo é a corrupção do próprio fundamento, porque torna a pertença maçônica dependente de adesão a um campo político.

A história recente mostra que regimes autoritários não perseguiram a Maçonaria porque ela *“faz política”* no sentido ordinário, mas porque ela é uma forma alternativa de laço social, fundada em igualdade simbólica, reserva ritual e capacidade de criar confiança e identidade fora do alcance direto do Estado e, muitas vezes, também fora do alcance da Igreja.

Utilizemos regimes totalitários mais evidentes, como Mussolini, Hitler e Stálin, ambos determinaram fechamento de lojas maçônicas em massa. Mussolini dissolveu lojas italianas em 1925, Hitler imitou o gesto em 1934, além de padrões replicáveis em Salazar e Franco (BENIMELI, 1995).

Atacada por esses ditadores por seu suposto alinhamento com o comunismo e o sionismo internacional, ironicamente essa mesma instituição também foi objeto de ataque pelos próprios regimes comunistas. Por exemplo, Trotsky chegou a dizer *“a maçonaria é tão reacionária como a igreja e o catolicismo, camufla a necessidade de luta de classes sob o acúmulo de fórmulas moralizantes. Deve ser destruída pelo fogo vermelho”*, sendo que foi totalmente banida pelo regime soviético em 1917 (BENIMELI, 1995).

Esse agressivo posicionamento foi assimilado na Terceira Internacional Comunista, em 1921, sob a liderança de Lenin, recomendando a absoluta proibição da maçonaria em todos os países comunistas: *“Por seus estatutos, sua administração e a maneira como são escolhidos seus membros, a maçonaria não representa outra coisa senão um processo de infiltração da pequena burguesia em todas as camadas sociais”* e ainda *“por*

*seus ritos, recorda os costumes religiosos e se sabe que toda religião subjuga o povo (...)*” (Benimeli, 1995).

Não bastasse tudo isso, ainda encontramos que a maçonaria foi considerada como *“organização de radicalismo burguês destinada a semear ilusões e a prestar seu apoio ao capital organizado em forma de Estado”* (Ismail, 2016).

Noutro giro, o mesmo se deu com o Grande Conselho Nacional Fascista, em 1923, onde emitiu-se nota convidando os *“fascistas maçons”* a escolher entre pertencer ao partido fascistas ou à maçonaria, afinal prossegue dizendo *“para os fascistas só há uma disciplina, a disciplina do fascismo, uma só hierarquia, a hierarquia do fascismo, uma só obediência absoluta, devotada aos chefes do fascismo”* (Benimeli, 1995).

Em 1945, o nazismo impedira o funcionamento das lojas maçônicas na Alemanha e nos países ocupados, as lojas foram queimadas e todos seus arquivos confiscados e destruídos (Hodapp, 2015; Morel, 2008). Para traumatizar ainda mais, os líderes da maçonaria alemã, quando não trancafiados nos campos de concentração, foram sumariamente assassinados sob o pretexto de que a maçonaria mantinha ligações *“ilícitas”* com o judaísmo internacional: *“Nossos irmãos eram obrigados ostentar nas vestes a estrela de seis pontas que é, ao mesmo tempo, judaica e maçônica (Estrela de Davi)”* [...]. (Lomas, 2015).

Adolf Hitler também dedicou algumas páginas do seu *magnus opus* (Mein Kampf) em detrimento da maçonaria, para quem ela é uma organização à serviço do judaísmo perante as classes burguesas, criticando a ideia maçônica de que *“a defesa do país deve consistir no pacifismo”*, ou melhor, na união dos homens (1924, p. 233), além de conspirar que o Estado, a economia e a imprensa estão nas mãos de judeus e maçons: *“Os círculos governamentais, assim como as camadas superiores da burguesia política e econômica, caem em suas armadilhas [judaicas], guiados por fios maçônicos”* (1924, p. 229 – colchete).

O fato de a maçonaria, desde o seu surgimento, possuir um caráter silencioso dos assuntos tratados no seu interior – num primeiro momento, ela era secreta, e num segundo momento, uma instituição discreta – sempre chamou a atenção do grande público e a desconfiança de várias instituições na sociedade, especialmente a Igreja Católica – que enxergava no movimento maçônico (racionalista, iluminista e simpático ao anticlericalismo) um oponente à altura (Hobsbawm, 2013).

Para fundamentar sua ofensiva, a Igreja necessita de argumentos para legitimar suas perseguições, em grande medida vieram do francês Marie Joseph Gabriel Antoine Jogand Pagès, mais conhecido pelo pseudônimo de Léo Taxil. Depois de expulso da maçonaria, Taxil ficou conhecido pelos trabalhos antimaçônicos publicados, já em 1885: Os irmãos três-pontos; O anti-Cristo e a

origem da maçonaria; O culto do Grande Arquiteto e os assassinos maçônicos (Morel, 2008. Benimeli, 1995).

Chegou a dizer que um renomado maçom, Albert Pike que falecera em 1891, era uma espécie de *“Papa Luciferiano”*, sumo pontífice da maçonaria universal, a ponto de escrever que Pike se reunia com Lúcifer toda semana (Ismail, 2016).

Todas essas mentiras, criativas e odientas em face dos maçons, foram desmentidas pelo próprio Taxil em uma coletiva de imprensa (em abril de 1897). Aliás, dizia que tudo aquilo não passava de esforços para alavancar dinheiro com a venda dos seus livros (Hodapp, 2015).

A politização da Maçonaria, por alinhamento real ou aparente, facilita esse processo ao naturalizar a ideia de que *“há algo escondido e politicamente perigoso”*.

A ligação entre antimaçonaria e reações político-religiosas se torna ainda mais clara quando olhamos a onda pós-1848, a *“primavera dos povos”*, e a reação ultramontana. Os movimentos liberais e constitucionalistas e, como contragolpe, a bula Syllabus (1864) e o Concílio Vaticano I (1869–1870), sob Pio IX, afirmando infalibilidade papal e rechaçando movimentos libertários, seculares e anticlericais, incluindo a Maçonaria (Cury, 2017).

A encíclica Humanum Genus, como ofensiva aos liberais, dividiu o mundo entre o *“Reino de Deus e o Reino de Satanás”*, colocando a Maçonaria no epicentro do domínio satânico (Hodapp, 2015).

Por isso, a tese de que a Maçonaria foi *“sempre política”* não resiste à documentação histórica interna da própria tradição. Cooper reforça que não havia proposições políticas ou sociais nas antigas lojas, sendo os antigos rituais limitados a moralidade por meio do simbolismo das ferramentas (Cooper, 2009).

A história é inequívoca. Quando os maçons se afastam os ideais prescritos pelos antigos rituais em matéria de política a Maçonaria paga um preço caro.

É por isso que política e Maçonaria não caminham juntas no plano filosófico e histórico.

Um último ponto, consiste em perceber que as ideias maçônicas foram desenvolvidas obedecendo uma lógica hegemônica. Ao serem gestados e desenvolvidos sob os auspícios da Modernidade, o Estado constitucional, moderno, democráticos e a Maçonaria houve a construção de alicerces filosóficos evidentes naquilo que foi chamado de pós-metafísica.

### **Razão Comunicativa e a Pós-Metafísica**

A figura de Jurgen Habermas é central para compreender não apenas a filosofia política contemporânea, mas o próprio sentido da Modernidade enquanto experiência histórica e social.

Embora tenha crescido como pesquisador e pensador da Escola de Frankfurt, Habermas tornou-se crítico dos trabalhos da primeira geração de pesquisadores,

especialmente de Adorno e Horkheimer, mostrando a inconsistência do materialismo histórico dialético e o entendimento do saber centrado no sujeito (2000, p. 473).

Adorno e Horkheimer eram notáveis críticos do estilo de vida moderno e do Iluminismo (esclarecimento), por terem reificada a consciência, massificada as relações sociais, perpetuando uma hegemonia instrumental com a máxima "*o esclarecimento é totalitário*" (1985, p.19, 34-35).

Diferente da primeira geração frankfurtiana, que via a Modernidade como um projeto praticamente fracassado (razão instrumental), Habermas sustenta que a Modernidade é um projeto inacabado e ainda existe, no próprio tecido da vida social moderna, um potencial racional não esgotado, cujo cerne reside na intersubjetividade entre os agentes (2000, p.484 e 487).

Sua obra pode ser lida, em grande medida, como uma tentativa sistemática de salvar a promessa emancipatória da Modernidade sem recorrer nem à metafísica clássica nem ao pessimismo cultural, marcantes da primeira geração de Frankfurt. Ou seja, ao invés de entender o Iluminismo como algo reificador, Habermas compreendia que o esclarecimento continha etapas, um projeto não exaurido da própria Modernidade.

A diferença entre as gerações de Frankfurt é marcante, enquanto a primeira geração assentava-se em Karl Marx, a segunda geração, representada por Habermas, propôs uma releitura de Emmanuel Kant.

A chave de compreensão da Modernidade estava em Kant, não em Marx.

Em obras como *Conhecimento e Interesse* (1982), *Mudança Estrutural da Esfera Pública* (2014), *Técnica e Ciência enquanto Ideologia* (1983) e *Discurso Filosófico da Modernidade* (2000), Habermas mostrou que o núcleo da Modernidade não está em uma verdade última sobre o ser, como pretendia a metafísica tradicional, mas na possibilidade de os próprios sujeitos, por meio da interação, refletirem criticamente sobre suas crenças, normas e formas de vida, como bem exemplifica a esfera pública (ou loja maçônica, no caso concreto).

É nesse sentido que Habermas fala em pensamento pós-metafísico. A pós-metafísica não significa superação ou ausência de valores espirituais, mas a renúncia à ideia de que em uma sociedade plural devemos ter um único fundamento, qual seja, a interação, intersubjetividade, razão comunicativa (GUIMARÃES, 2017).

A ênfase recai na postura e no procedimento, com nítido viés comunicativo, de reconhecimento recíproco e de disposições para justificar publicamente aquilo que se afirma. Em outras palavras, o cidadão (desde início da Modernidade) depara-se com um cenário onde a autoridade pública deve justificar suas posições, não apenas fundamentá-la, como expô-la ao julgamento dos seus iguais, que, a qualquer tempo, poderão debater, revisar

ou concluir por novos entendimentos. Eis a Modernidade, na visão de Habermas.

### **A colonização das lojas maçônicas pela política profana**

Para articular filosofia e sociologia, o pensador introduz o conceito de "mundo da vida", o qual consiste nas experiências da sociedade, cultura e personalidade individual que se opõem aos sistemas do Estado (regulado pelo poder) e da economia (regulada pelo dinheiro) (2000, p. 477/480).

Esses sistemas são necessários à complexidade das sociedades modernas, mas tornam-se patológicos quando deixam de ser mediados pela comunicação e passam a impor diretamente suas lógicas ao mundo da vida. É isso que Habermas chama de colonização do mundo da vida, quando dinheiro e poder substituem linguagem, entendimento e reconhecimento, a vida social se degrada, a solidariedade se enfraquece e a razão se empobrece.

Nesse ponto que o conceito de esfera pública assume centralidade. Para Habermas, a esfera pública é a experiência social entre o mundo da vida e os sistemas, sendo pedagogicamente importante para entendimento da cultura, sociedade e indivíduo.

É exatamente aqui que a Maçonaria revela sua afinidade profunda com o pensamento habermasiano. Historicamente, como mostram autores como Hodapp, Coil e Ismail, a Maçonaria se constituiu como uma associação privada de caráter universalista, voltada à formação moral, à ética social, ao humanitarismo e à busca da verdade, por meio de uma pedagogia simbólica e iniciática que disciplina a razão e o comportamento.

Quando fiel ao seu intento original, uma loja maçônica funciona como uma esfera pública, com um espaço de socialização, no qual homens formalmente iguais se reúnem para refletir, debater e se aperfeiçoar, sem subordinar esse processo a imperativos econômicos ou a hierarquias políticas externas.

Nesse sentido, a colonização do espaço maçônico por interesses políticos, como posicionamentos ou identificação de políticos profissionais, enfraquece a esfera pública maçônica e engendra uma anomalia conflitante com o arcabouço histórico e filosófica da maçonaria.

Como disse Hodapp "*a Maçonaria encontrou uma maneira de unir seus membros e evitar os dois temas mais comuns que podem destruir qualquer amizade: política e religião*" (p. 69).

Por isso, compreender as lojas maçônicas como espaços politicamente neutros não significa apatia ou alienação, mas fidelidade à sua função moderna. Quando discussões político-partidárias invadem os templos, ocorre exatamente o fenômeno descrito por Habermas como colonização (Guimarães, 2017).

A loja deixa de formar autonomia e passa a treinar

heteronomia, transformando irmãos em porta-vozes de facções. Essa inversão não apenas destrói a vocação educativa e filantrópica da Maçonaria, como fornece munção simbólica à antimaçonaria e fragiliza o próprio tecido humano da instituição.

A importância de Habermas, portanto, está em oferecer uma chave conceitual poderosa para compreender a sociedade plural contemporânea e, ao mesmo tempo, iluminar o papel de instituições intermediárias capazes de resistir à colonização sistêmica. Certamente, a sublime instituição maçônica, guardiã dos ideais iluministas é um exemplo histórico, filosófico e sociológico da esfera pública e do pensamento pós-metafísico.

Como diria Preston, a Maçonaria como um espaço singular de convivência em que a harmonia não nasce da uniformidade forçada de ideias, mas do compromisso comum com a sabedoria, a virtude e o bem entre os irmãos. Na loja, "desaparecem as distinções" externas de riqueza ou posição social.

Essa atmosfera é ameaça, até mesmo colonizada, quando cessam o elo social de universalismo entre os irmãos. Sejamos irmãos, jamais adversários em loja maçônica.

### Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

BENIMELI, J. A. F. *Maçonaria e Satanismo*. Vol. 1. Londrina: A Trolha, 1995.

BUCHAUL, R. B. *Gênese da maçonaria no Brasil: a história antes do Grande Oriente do Brasil*. São José dos Campos: Clube dos Autores, 2011.

COIL, H. W.; BROWN, W. M. *Coil's Masonic Encyclopedia*. New York: Macoy, 1961.

COOPER, R. L. D. *Revelando o código da maçonaria*. São Paulo: Madras, 2009.

DERMOTT, L. *Ahiman Rezon: a constituição dos maçons antigos*. Londrina: A Trolha, 2016.

GIDDENS, A. *Conceitos essenciais da sociologia*. São Paulo: UNESP, 2016.

GUIMARAES, R. Uma sociedade de emancipados: uma análise sobre os imperativos instrumentais na Maçonaria e a intersubjetividade da razão maçônica com a razão comunicativa. In: *Revista Ciência e Maçonaria, Brasília*, v. 4, n. 1, p. 73–82, jan./jun. 2017.

HABERMAS, J. *Mudança estrutural da esfera pública*. São Paulo: Unesp, 2014.

HABERMAS, J. *Discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

HOBBSAWM, E. *A era das revoluções: 1789–1848*. 32. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

HODAPP, C. *Maçonaria para leigos*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.

ISMAIL, K. *O líder maçom: como a maçonaria tem formado líderes nos últimos séculos e colaborado para a*

*felicidade da humanidade*. Londrina: A Trolha, 2014.

ISMAIL, K. *Debatendo tabus maçônicos*. Londrina: A Trolha, 2016.

ISMAIL, K. *História da maçonaria brasileira para adultos*. Londrina: A Trolha, 2017.

LOMAS, R. *Os segredos da maçonaria*. São Paulo: Madras, 2015.

MOREL, M.; SOUZA, F. *O poder da maçonaria: a história de uma sociedade secreta no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

PRESTON, W. *Esclarecimentos sobre maçonaria*. Rio de Janeiro: Arcanum, 2017.

STEVENSON, D. *As origens da maçonaria: o século da escócia (1590–1710)*. São Paulo: Madras, 2009.

WEBB, T. S. *O monitor dos franco-maçons: ilustrações da maçonaria*. Salvador: Curtipiu, 2017.

WEBER, M. A objetividade do conhecimento nas Ciências Sociais. In: *Metodologia das Ciências Sociais*. Parte 1. São Paulo: Unicamp, 1993.

# Sobre a Revista

## Foco e Escopo

A Revista "Ciência & Maçonaria" é a primeira revista acadêmica no Brasil dedicada a contribuições acadêmicas em um campo de pesquisa cada vez mais estudado: a Maçonaria. Seu formato é exclusivamente eletrônico e com publicações semestrais. Sua finalidade é publicar produção multidisciplinar relacionada à Maçonaria de especialistas, professores e alunos de diversas universidades. O objetivo é disponibilizar conhecimento sobre Maçonaria e democratizar a produção acadêmica sobre esse objeto de pesquisa: a Maçonaria.

A Revista "Ciência & Maçonaria" destina-se à publicação de textos inéditos na modalidade de artigos, ensaios e resenhas. Trata-se de um espaço aberto para professores, pesquisadores e estudantes que desejam publicar suas análises, reflexões e resultados de pesquisas realizadas. A revista também está aberta ao público maçônico em geral para suas contribuições. Considera-se ainda, como principal requisito para publicação na Revista "Ciência & Maçonaria", que a produção apresente conteúdo analítico-interpretativo, de maneira coerente com rigor científico na área de estudo das ciências humanas e sociais.

## Processo de Avaliação pelos Pares

O processo de avaliação da Revista Ciência & Maçonaria consiste nas seguintes etapas: O artigo original será analisado pelo editor responsável da revista, de modo a se analisar se cumpre com os requisitos temáticos e metodológicos e definir a área de avaliação o qual será direcionado. Com a etapa de definição, o artigo será enviado a dois avaliadores externos, preservando o anonimato dos autores e entre os avaliadores (*peer blind review*), sendo necessária a aprovação de ambos os avaliadores para que o artigo seja publicado.

## Periodicidade

A Revista "Ciência & Maçonaria" apresenta volumes anuais com periodicidade semestral; sendo dois números por ano. A RC&M apresenta-se em formato digital, onde o leitor pode facilmente efetuar buscas por temas, títulos, autores, além de possibilitar salvar os artigos quando necessário, sem a necessidade de autorização prévia. Os volumes serão divididos em: N.1: jan/fev/mar/abr/mai/jun/ - publicado em julho; N.2: jul/ago/set/out/nov/dez - publicado em janeiro.

## Política de Acesso Livre

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.

## Seções

A Revista Ciência & Maçonaria é dividida nas seguintes seções, nas quais os artigos a serem submetidos devem ser enquadrados: 1. Linguística, Filosofia e Simbologia; 2. História; 3. Sociologia, Antropologia, Administração, Ciência Política, Pedagogia e Direito; 4. Teologia; 5. Psicologia e Pedagogia; 6. Outros.

## Diretrizes para Autores

A submissão de trabalhos deverá ser feita por meio do website da revista e seguindo estritamente o formato exigido pela mesma, respeitando ainda as condições para submissão e de acordo com os termos relativos a direitos autorais publicados no website: [www.cienciaemaconaria.com.br](http://www.cienciaemaconaria.com.br)

Atenciosamente,

Conselho Editorial





# C&M



**Revista  
Ciência &  
Maçonaria**

**Realização:**

**NP3**  

---

**CEAM UnB**